



**Médicos em luta
Fevereiro quente
para Beleza**

Pág. 28

Ainda a mensagem de Ano Novo do Presidente da República UM DEBATE ADIADO, UMA POLÊMICA RECUSADA

«Cavaco Silva recusou a polémica, afastou o confronto institucional. Há uma concordância generalizada em não dramatizar as sequências e as consequências da Mensagem de Ano Novo»

Ler em Política de A a Z na pág. 3

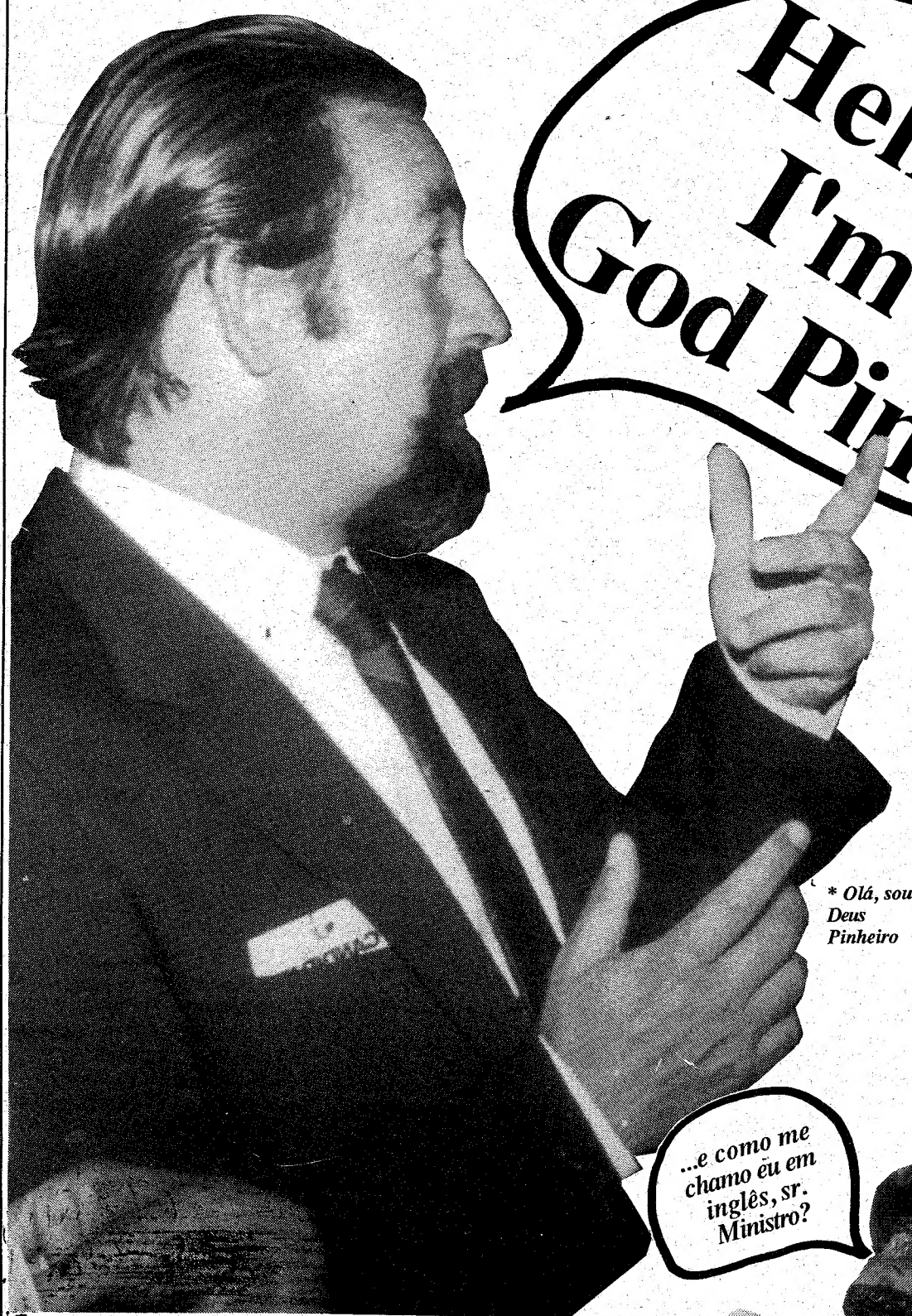
Diário de Lisboa

ANO 68 N.º 22 861

Segunda-feira, 9 de Janeiro de 1989

Preço 50\$00

MINISTRO ESTRANGEIRO DOS NEGÓCIOS PORTUGUESES



* Olá, sou
Deus
Pinheiro

...e como me
chamo eu em
inglês, sr.
Ministro?

Somos contra os arsenais de armas químicas, pois claro. Mas é preciso ter consciência das nossas limitações, mais as da língua do Zé-Povinho. Ainda bem que temos um ministro com consciência da situação. Não há nada como dizer, em vez de «contra», um veemente «against». E se porventura alguém perguntar quem toma posição assim tão radical, a resposta ainda é mais contumaz: «I'm God Pine». É ele, o ministro «Estrangeiro dos Negócios Portugueses».

Pág. 4



O coronel cubano Venancio Avila Guerrero posa em frente a um mural enaltecendo a participação do seu país na guerra que há 13 anos assola Angola

Cubanos começam a retirar de Angola

ÁFRICA, ADEUS

O primeiro contingente das forças expedicionárias cubanas que nos últimos 13 anos têm estado a combater em Angola deixará amanhã aquele país, de acordo com o calendário para a retirada total estabelecido em negociações quadripartidas. Cuba mantém cerca de 50 mil homens em território angolano, mas este primeiro contingente será constituído por apenas 450 militares, homens e mulheres, concentrados desde há alguns dias num campo de trânsito nos arredores de Luanda. Num contacto com jornalistas, autorizados a visitar o campo de trânsito, o coronel cubano Venancio Avila Guerrero, fez questão em frisar que os seus homens se retiram na posição de vencedores, estando prontos a regressar se a situação assim o exigir.

Pág. 11

**GARANTIMOS
RAPIDEZ E
EFICIÊNCIA**

**OS PROFISSIONAIS DO
SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO**

**ESTACÃO DE SERVIÇO
PERMANENTE**

88 27 86
89 98 26

**A
MELHOR
ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
AO SEU
TELEVISOR
E VÍDEO**

23 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA • SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS
AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B • R. DE MACAU, 8-1.º - LISBOA



"MERCADO ÚNICO DE 92 TERÁ DE SER A FORÇA MOBILIZADORA DE PORTUGAL"

— frisou Cavaco Silva ao meio empresarial

O primeiro-ministro considerou o Mercado Único de 1992 como um «projecto de modernização e desenvolvimento», que deve funcionar como uma força mobilizadora para Portugal encontrar-se a afirmação no seio das Comunidades Europeias. Cavaco Silva apontou os atrasos da sociedade portuguesa perante os outros países da CEE, mas também falou da resposta que o País terá que dar aos novos desafios da plena integração. A mensagem foi especialmente dirigida ao meio empresarial.

O Chefe de Governo — que discursava, no sábado, em Lisboa, numa das 19 sessões de esclarecimento inseridas no debate promovido pelo PSD «Portugal e o grande desafio do Mercado Único Europeu de 1992» — advertiu os empresários que o paternalismo de Estado cessará progressivamente até aquela data.

Segundo as suas palavras, trata-se de ganhar competitividade, maior produção e perder o receio da concorrência. «A solução reside na passagem de empresas exportadoras para empresas mais internacionais», referiu Cavaco Silva.

As principais dificuldades portuguesas, afirmou, «entram na pouca vocação internacionalista das nossas empresas, que ainda são vistas como uma peça de família. Não temos grandes núcleos económicos capazes de elaborar uma estratégia de concorrência». Daí que, para o primeiro-ministro o proteccionismo estatal tem de acabar. «Ainda se vê o Estado como uma apólice de seguro que acautela todos os riscos. O nosso mundo empresarial não os assume, receia, tem medo da concorrência», frisou.

Mas, Cavaco Silva não se ficou por aqui e exaustivo os campos negativos da sociedade desde o que considerou «os erros do período revolucionário, como a estatização das empresas, a instabilidade da no campo da reforma agrária, a legislação laboral inadmissível», passando por uma Administração ineficaz e burocrática, pelas fracas associações empresariais, pelo desequilíbrio do sector público, pelos atrasos no domínio da educação e da formação profissional, até às lacunas de uma mercado financeiro pouco eficiente e subdesenvolvido.

O ano de 1992 é, para Cavaco Silva, a única via de desenvolvimento para a qual «é preciso mobilizar todo o país, visto que se trata de um desafio de toda a sociedade portuguesa». O líder governamental referiu que se não tinhamos hipóteses fora do quadro das Comunidades, o mesmo sucede se não acompa-

nharmos as iniciativas que estão a ser desenvolvidas pelos nossos parceiros, acrescentando que já há sinais de receio na Imprensa britânica pelas posições de isolamento que Margaret Thatcher tem vindo a adotar.

Neste sentido, e reportando-se ao sector económico, o líder do Executivo frisou a importância de, até 1992, Portugal aproximar a sua inflação do nível médio da CEE. «A questão que agora se põe, não é a de saber qual a inflação exacta num ou noutro ano, mas qual a via mais correcta para atingir esse resultado», disse Cavaco Silva, explicando: «Se o País não conseguir aproximar-se do nível de inflação europeia, as taxas de juro serão mais elevadas, o crescimento do produto e do investimento será menor e o desemprego deverá aumentar».

Sindicatos: viragem a 180 graus

Na sua intervenção, o primeiro-ministro lembrou, por outro lado, que Portugal está na vanguarda da Europa no que toca à Concertação Social. No entanto, foi esta área que lhe mereceu as maiores críticas, dirigidas às duas centrais sindicais, que aceitam de novo como «fantasma» de greve nacional.

Considerando que os últimos tempos não têm sido «encorajadores», Cavaco Silva afirmou que «as confederações sindicais concebem o Conselho de Concertação Social mais como uma antecâmara para entrarem na comunicação social, do que para entrarem na discussão sobre os problemas do país». Acusou mesmo os sindicatos de adoptarem posições frente às câmaras da televisão que «chegam a ser 180 graus opostas ao que se passa no CCS».

Segundo o chefe do Governo, assiste-se a uma «competição dramática» entre a UGT e a CGTP para ver qual é aquela que mostra primeiro que «Portugal não é diferente da Espanha» (onde houve recentemente uma greve geral). No entanto,



frisou que ainda deve ser feito um esforço para restituir à concertação social as suas virtualidades na resolução dos problemas nacionais.

Nesta reflexão sobre a Europa de 1992 e o papel que Portugal aí ocupará, ainda houve espaço para Cavaco Silva fazer um balanço dos três anos de adesão à CEE. «Largamente positivos» foram as palavras que utilizou para classificar o conseguido neste período de pré-integração plena.

O chefe do Executivo lembrou, perante cerca de 600 pessoas que participaram no debate, que «Portugal deixou em 88, pela primeira vez, de ser o último na Europa no que diz respeito ao nível de vida da sua população».

Recordou também que o País conseguiu que a CEE duplicasse os fundos de auxílio para as assimetrias, que reconhecesse a especificidade da agricultura portuguesa e que aprovasse, com a criação do PEDIP, um programa de 400 milhões de contos para ajuda à indústria portuguesa.

Desígnio nacional: o desenvolvimento

No mesmo debate, Pedro

Santana Lopes, deputado do PSD ao Parlamento Europeu, defendeu a ideia que o verdadeiro desígnio nacional para vencer o desafio de 1992 é do desenvolvimento. «Só teremos força se nos convenceremos que valemos por nós próprios», frisou o eurodeputado.

Pedro Santana Lopes afirmou que Portugal tem que reflectir sobre o projecto político para as próximas décadas na Comunidade Europeia. «O nosso país tem que ter uma palavra nesta procura de respostas de carácter político na CEE. Se isso não acontecer, poderemos ser compelidos a aceitar situações e soluções que não determinámos nem desejamos», acrescentou.

O eurodeputado social-democrata alertou o Governo para o facto de «Portugal não poder continuar a alimentar a ideia de que é essencial para o diálogo com países terceiros, nomeadamente com os expressões oficiais portuguesa, e fazer disso o seu objectivo primordial».

Para Pedro Santana Lopes isso não significa que não seja correcto desenvolver uma política de cooperação como tem vindo a ser seguida pelo Gover-

no. «É correcta mas não pode constituir o supremo desígnio nacional. Essas políticas têm que ser um instrumento e não um sonho...»

O social-democrata considerou que, antes de mais, «devemos assumir um espírito de conquista do nosso desenvolvimento, para dialogar de igual para igual com os outros países da Comunidade». Pedro Santana Lopes salientou três áreas a desenvolver, fora dos sectores tradicionais, para a afirmação de Portugal no seio dos «Doze»: as comunicações, a ciência/tecnologia e o mar. Terminou deixando uma mensagem: «Mais do que subsistir é preciso competir».

O debate «Europa/1992», decorreu paralelamente em 19 cidades portuguesas, onde discursaram importantes figuras do Governo e do PSD. Entre estas personalidades destacaram-se o ministro da Justiça Fernando Nogueira, em Leiria, o ministro do Planeamento e Administração Valente de Oliveira, em Vila Real, o ministro das Finanças, em Braga, e o comissário português na CEE Cardoso e Cunha e o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, em Setúbal.

Nas eleições autárquicas

UDP admite coligações

A disponibilidade e «empenhamento activo» para formar coligações nas próximas eleições autárquicas, com o objectivo de retirar a maioria ao PSD, foi ontem manifestada pelo Conselho Nacional da UDP, reunido este fim-de-semana em Lisboa — anuncia a agência LUSA, com base em fonte partidária.

A estratégia admitida pelo partido é justificada na perspectiva do «enfraquecimento do PSD», a quem a UDP quer «infligir derrotas concretas». O Conselho Nacional fez uma análise detalhada da situação política, acusando Cavaco Silva de se ter esquecido das «promessas feitas nas eleições de 87 e abandonar os trabalhadores». Questões como a inflação — que ultrapassou os dez por cento —, os impostos «agravados e duplicados em 89», causando uma situação em que «os mais pobres continuam a ser os mais desprotegidos e inseguros», e o «novo/velho pacote laboral», considerado «ameaça recorrente contra a segurança e estabilidade do emprego», são vectores da política governamental que a UDP considera lesivos dos interesses dos trabalhadores.

A UDP, que abordou igualmente a situação na Setenave — «convite envenenado» a mais de mil trabalhadores para se «auto-despedirem», apelou a «uma maior unidade dos trabalhadores e das organizações sindicais». «Impõe-se um verdadeiro movimento geral de unidade na acção, da qual as diversas forças políticas que se opõem a Cavaco Silva não se podem alhear».

A reunião do Conselho Nacional do partido destinou-se igualmente à abertura do processo de preparação do VIII Congresso, marcado para 8 e 9 de Abril. Foram aprovados os documentos relativos à declaração de princípios, estatutos e programa político a debater.

**UM DEBATE ADIADO,
UMA POLÊMICA RECUSADA**

NAS declarações breves que fez aos jornalistas à saída do encontro habitual da semana passada com o Presidente da República, Cavaco Silva, com bom senso, recusou o conflito institucional. Já Dias Loureiro, secretário-geral do PSD, declarou, discretamente, mas firmemente, que o partido não tinha o costume de comentar as afirmações do senhor Presidente da República. A recusa de um conflito, a desistência de uma polémica, não apaga o que foi dito nem diminui o seu significado político. Fica o debate adiado. Mas está criado o facto político.

E o facto político é precisamente a nítida distanciação, relativamente à orientação política do Governo, que ficou claramente assinalada na Mensagem de Ano Novo do Presidente da República. E não faltará quem estranhe a prudente reacção de Cavaco Silva, o silêncio do PSD. Recordamo-nos todos das destemperadas reacções em relação à Assembleia da República e ao Tribunal Constitucional. Temos presente os argumentos, o estilo, a veemência de Cavaco Silva, e somos, portanto, levados a procurar a razão desta comedida atitude. Se nos não enganamos, a moderação do PSD, o silêncio de Cavaco Silva, correspondem a uma situação política concreta. Este ano de 1989 é um ano eleitoral: eleições para o Parlamento Europeu (Junho), eleições autárquicas (Dezembro).

O conjunto de problemas — políticos, económicos e sociais — referidos pelo Presidente da República na sua Mensagem de Ano Novo vai evoluir, muito possivelmente, sofrer agravamento. As previsíveis consequências não deixarão de ter reflexo na resposta do eleitorado à chamada urna emitida pelos diferentes partidos. Na viragem do ano, a erosão que o exercício do poder normalmente provoca acentuou-se, gravemente, com a onda avassaladora dos aumentos, com a ofensiva fiscal, com a reafirmação da indiferença do Governo perante a opinião pública e as reivindicações dos trabalhadores, com o controlo hegemónico do funcionamento da Assembleia da República, com as informações que confirmam, contra os anúncios, previsões e afirmações, do ministro Miguel Cadilhe, a taxa de inflação.

Vejamos este aspecto da política governamental. Nas declarações públicas o triunfalismo é a regra. Todavia, o Eurostat, Gabinete de Estatística da CEE, dá como verificado que "a taxa da inflação em

Portugal, em Novembro de 1988, foi a mais elevada da CEE, atingindo 1,5 por cento". Consequentemente, segundo previsões provisórias do Eurostat, calculou este centro de estudos estatísticos da CEE que, em Dezembro de 1988, em comparação com o mesmo mês de 1987, a taxa de inflação seria de 12,0 por cento. Ou seja, esfriando o triunfalismo financista dos nossos governantes, "a segunda mais elevada da CEE a seguir à Grécia (14,0 por cento)".

Se tivermos presente o quadro estatístico elaborado pelo Eurostat, as taxas de inflação calculadas a título de previsão seriam as seguintes (Dezembro de 1988): Holanda, 1,0 por cento; República Federal Alemã, 1,5; Bélgica, 1,5; Luxemburgo, 2,0; Irlanda, 2,7; França, 3,0; Dinamarca, 4,5; Espanha 5,5; Itália, 5,5; Reino Unido, 6,5; Portugal, 12,0; Grécia, 14,0. Ressalta a situação particular de Portugal e da Grécia, dobram praticamente as taxas relativamente altas da Espanha, de Itália, do Reino Unido.

Por outro lado, segundo um inquérito realizado pela União de Bancos Suíços (UBS), Lisboa é a capital europeia com menor poder de compra e os salários em Lisboa, conforme o mesmo estudo, são os mais baixos da Europa: "Em Lisboa — citamos a informação —, o índice de salário bruto é apenas de 13 (378 escudos por hora), ainda menos do que em Istambul que apresenta um índice de 14, situando-se a capital portuguesa em 39.º lugar da lista, mas sendo uma vez mais a cidade europeia com valores mais baixos. O poder de compra, que se obtém dividindo o valor dos salários pelo preço de um cabaz de 108 bens e serviços, apresenta Los Angeles à cabeça da lista. Tomando Zurique como base, verifica-se que apenas Los Angeles tem um valor superior (121), em termos de poder de compra. Lisboa, relativamente à cidade suíça, apresenta um índice mais de quatro vezes inferior (24), ligeiramente atrás de Istambul (27), e à frente de Singapura e Abu Dabi, ambas com um índice de 23. Na lista ordenada de cidades, a capital portuguesa vem em 37.º lugar, mas é a última em termos europeus, depois de Nicósia, Madrid e Istambul."

A longa enumeração de dados que citamos do estudo elaborado pela União dos Bancos Suíços (UBS), instituição respeitável com sede em Zurique, dispensa comentários pessoais. A situação concreta e a distância em relação a outras capitais colocam-nos problemas iniludíveis no seu próprio contorno e definição, e, também, de escala. O optimismo do Primeiro-Ministro não convence os trabalhadores e as classes médias. As manchas de pobreza não foram erradicadas. E como escreveu Alfredo Bruto da Costa, antigo ministro (V Governo Constitucional): "As situa-

ções de pobreza e, com maior razão as da miséria, são sempre graves, pelo que encerram de desumano, mesmo quando numericamente limitadas." ("Expresso", 7/1/89).

O crescimento económico e a progressão do investimento que, para o Primeiro-Ministro, atestam que 1988 foi um bom ano, não têm repercussão na situação social, não têm reflexo na consciência dos cidadãos. O discurso governamental não é convincente. Contraditoriamente, o discurso presidencial foi bem recebido. Interpretado na letra e para além da letra como uma crítica severa, mas uma advertência clara. O Chefe de Estado não se limitou a dizer que estava atento à situação e à evolução dos problemas políticos, económicos e sociais. Enunciou preocupações. Assumiu a liderança simbólica dos seus eleitores, sem, contudo, deixar de ser, com isenção, o "Presidente de todos os portugueses".

Cavaco Silva recusou a polémica, afastou o confronto institucional. Há uma concordância generalizada em não dramatizar as sequências e as consequências da Mensagem de Ano Novo. As eleições para o Parlamento Europeu constituem um desafio para a "maioria" PSD. Seria (será) grave para a direcção partidária a que preside o Primeiro-Ministro não ver confirmada na votação para o Parlamento Europeu a sua "maioria" substancial. Seria uma derrota, e, talvez, o sinal de uma viragem do eleitorado.

Admite-se a probabilidade da "eleição europeia" apresentar-se como um problema apenas à elite política, não suscitando um largo interesse popular e um efectivo empenhamento nacional. Mas, mesmo nesses limites, será um teste político.

As eleições autárquicas levantam problemas. E não só ao PSD. Para os socialistas, para os renovadores democráticos, para os comunistas e seus aliados, para a UDP, são a ocasião de testarem a implantação local e regional, e de verificarem o acerto, ou desacerto, das hipóteses de alianças.

Para o PSD, as eleições autárquicas impõem a diligência de atrair o PS a coligações, ou combinações discretas, para expulsar a CDU de algumas posições importantes. É problemático que o PS esteja disposto a ser o aliado condicional ou certo de tal manobra política, e, também, neste aspecto, o discurso crítico do Presidente da República veio reforçar a posição dos socialistas que querem dar ao partido dimensão e autenticidade oposicionista.

Tudo razões para, neste ano eleitoral, Cavaco Silva se mostrar prudente perante a querela institucional que a Mensagem de Ano Novo poderia ter provocado.

Dispensando "apoios" do MNE

Lemos Ferreira arranca sozinho para "chairman" da NATO

Julio Rodrigues

O general Lemos Ferreira manterá a sua candidatura a «chairman» da NATO sem se preocupar visivelmente com o aparente desinteresse diplomático do MNE em todo o processo — soube o «Diário de Lisboa» em meios político-militares. «Caso ganhe, como esperam alguns dos seus amigos e apoiantes, o êxito será só seu, e talvez isso contribua para a clarificação do nosso relacionamento nível da diplomática. Que se saiba, apenas o Presidente da República se terá movimentado no sentido de assegurar apoios com vista à candidatura de Lemos Ferreira à presidência do Comité Militar da NATO. Aliás, é conhecido o seu empenho em defesa da candidatura do actual CEMGFA, nomeadamente junto do seu homólogo grego, na recente visita oficial feita a Atenas e Salónica. Julga-se, não obstante, que o empenho de Soares terá ido mais longe. Muito mais longe.

As relações entre as Forças Armadas e o Governo estão aquém de serem as melhores, nem sequer sendo as ideais para o adequado funcionamento institucional. Fontes militares bem colocadas vinculam o facto de no mesmo edifício onde se encontra o Ministério da Defesa e o Estado-Maior-General das Forças Armadas os chefes destas últimas trabalharem das oito às 20 horas e do pessoal civil, além do Ministro e, inclusivé, do secretário de Estado, funcionarem o mínimo estritamente obrigatório. Se essa é a grande diferença — a da operacionalidade —, outras há, alegadamente em favor do sector militar do edifício do Restelo.

A forma como o Governo, concretamente o ministro da Defesa — e o nº 2 do MD, o secretário de Estado, Eugénio Ramos —, se debruça sobre os vencimentos dos militares, é um dos problemas que mais vinca a clivagem entre o sector civil e o sector militar do Restelo.

Há apoios e apoios que Lemos conhece

O general Lemos Ferreira mantém a sua candidatura a «chairman» da NATO com iguais hipóteses que os seus outros competidores, asseguram-nos fontes do Restelo.

São quatro os seus concorrentes e, de todos, o mais credenciado, embora sem grande experiência de comando militar, é o almirante italiano que o Governo de Roma propôs para cobrar a aceitação da transferência dos «F-16» de Torrejón para Itália. Não é líquido, apesar da ideia que se vem criando nos círculos internacionais, que os EUA venham, de facto, a apoiar a sua candidatura, no momento do voto — que é secreto.

Fontes militares chamaram-nos a atenção para os códigos e entendimentos militares, que nem sempre são concordantes, embora, aparentemente, a eles se submetam. Isto é: nem sempre os militares, se bem que levem por vezes instruções precisas para as mesas de voto, decidem conforme pretendendo o poder civil. «A votação é secreta, logo é difícil determinar quem votou em quem», opinam as mesmas fontes.

Não há conhecimento de grandes movimentações dos EUA junto dos seus parceiros da NATO favorecendo a candidatura italiana, em detrimento de outras. Os apoiantes de Lemos Ferreira estão convencidos que, na hora da verdade, serão o prestígio internacional e a capacidade de comando dos candidatos a determinarem a decisão final.

«Empenho dos EUA não é excepcional»

Os mesmos círculos enfatizam o facto do empenho norte-americano «não ser excepcional». O apoio dos EUA à candidatura norte-americana tem sido, ao que parece, discreto, o que não significa que seja, só por isso, menos eficiente. No entanto, haverá razões de fundo para que «Zé Lemos», como o CEMGFA é tratado em vários círculos militares, acredite num êxito seu. Só seu.

«E, se assim for, o general Lemos Ferreira terá grandes possibilidades

de vir a ser o futuro «chairman» da NATO, contra a vontade das Necessidades», confidenciou-nos uma outra fonte.

Lemos Ferreira aposta em força no seu prestígio internacional, no facto de ser bem conhecido dos almirantes e generais que elegerão, quinta-feira, dia 12, o presidente do Comité Militar da NATO. É uma luta pessoal, que trava sozinho, sem o (necessário?) apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros. «Não tão necessário como parece», acrescenta-nos a mesma fonte.

Que o agoiro vá para longe!

As mesmas fontes político-militares e militares, reservadas nas suas afirmações, mas optimistas quanto às possibilidades de Lemos Ferreira («Muita coisa se clarificou e mudou depois da primeira votação para «chairman», em 12 de Dezembro último», garantem) na disputa pela presidência do Comité Militar da NATO, quase se congratulam com o «desinteresse» do Governo português na candidatura do CEMGFA.

«As duas mais recentes candidaturas de portugueses a cargos internacionais não recomendam nada, mesmo nada, que o MNE interfira no processo. Se Lemos Ferreira não ganhar, paciência, não ganhou. Se for eleito, então será diferente, muito diferente. Chamará a si os louros da vitória, ou, pelo menos, poderá fazê-lo. Mas o CEMGFA nunca o faria, claro, porque não está nem nos seus princípios nem é essa a ética dos militares — ouvimos de um dos seus apoiantes. De qualquer modo — acrescentou o mesmo informador —, o Governo não se poderia vangloriar da sua eventual eleição».

A não esquecer: na última votação para este cargo, em 12 de Dezembro último, os candidatos italiano (Mário Porta) e inglês (Fiel House) recolheram o mesmo número de votos. Com este último doente desde Outubro, e a Grã-Bretanha pouco inclinada a votar no candidato de Roma, o quadro poderá ser substancialmente diferente, a favor de Lemos Ferreira.

"Espoliados" das ex-colónias querem lançar candidatura ao Parlamento Europeu

O Parlamento Europeu é um dos instrumentos que os portugueses encontraram para fazer chegar as suas reivindicações ao mais alto nível internacional. Desta feita, trata-se da possibilidade de aparecer uma candidatura a aquele órgão da CEE, em nome de cerca de um milhão de portugueses que viveram em África. A hipótese parte das Associações de Espoliados de Moçambique e de Angola, que entendem que um cidadão nomeado em sua representação poderia defender, em Estrasburgo, o vasto sector dos que retornaram das ex-colónias e que constitui perto de 10 por cento da população portuguesa.

Numa reunião efectuada este fim-de-semana, em Lisboa, as direcções da Associação dos

Espoliados de Moçambique (AEMO) e a Associação dos Espoliados de Angola (AEANG) explicaram todas as acções que têm em curso para que o estado português indemnize aqueles que se consideram vítimas do processo de descolonização.

Segundo aquelas Associações, mil e quinhentos milhões de contos, a valores actuais, seria o património deixado em África por cidadãos portugueses, que por tal desejam ser reembolsados. Conscientes que não será fácil ao Estado dispor de tal quantia, as direcções da AEMO e da AEANG pretendem que o Governo recorra às instituições comunitárias europeias para o ajudar a resolver o problema, como aliás fez a Itália

com os seus «retornados».

Os dirigentes das duas associações queixam-se também do facto do tempo de trabalho nas ex-colónias não estar a ser contada para a reforma. «A descolonização era e foi um fenómeno inelutável e irreversível, um direito que deveria ter sido reconhecido voluntariamente», sublinhou o presidente da AEANG, António Pires, para deixar bem claro que «os membros destas associações nada têm contra a existência de novos países africanos».

Frisam que a sua polémica actual é única e exclusivamente com o Estado português, porque «foi ele o primeiro motor e o verdadeiro acto descolonizador, tal como foi feito», explicou o presidente da AEMO, António da Costa Borges.

DL POLITICA

Intervenção na conferência de Paris

DEUS PINHEIRO DISSE (EM INGLÊS) SER CONTRA AS ARMAS QUÍMICAS

Numa sessão (da conferência de Paris sobre armas químicas) onde discursava o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, não era de esperar que o discurso do chefe da diplomacia portuguesa fosse notícia. Deus Pinheiro, doutor em engenharia química, quebrou as expectativas: representante da Pátria de Camões, não acompanhou os delegados do Brasil e dos países africanos de expressão oficial portuguesa, abandonando a sua língua de origem para se dirigir, à assembleia, em inglês.

«A humanidade parece ter compreendido, finalmente, que se tem de acabar com a espiral da sofisticação tecnológica e do constante aumento das capacidades destrutivas do armamento actual», foi uma das elaboradas frases que o MNE pronunciou na língua de Shakespeare. E também se referiu aos «percursos CW» sem trocar as letras... (Ver mais noticiário nas páginas de «Internacional»).

Deus Pinheiro, que hoje permanecia ainda em Paris, concedeu, entretanto, uma curta entrevista à agência «Lusa» (aparentemente em português) na qual se mostrou convicto de que estão reunidas condições para garantir «não só a não proliferação das armas químicas, como também a sua total eliminação».

Garantindo que «em Portugal não existe hoje qualquer tipo de armamento químico», recordando ainda que o nosso país «é subscritor do protocolo de 1925 sobre a proibição e a utilização de armas químicas» e que «o

Governo tem defendido, a nível internacional, nomeadamente na Assembleia Geral das Nações Unidas, o estabelecimento de um acordo internacional para por termo a este tipo de armamento».

Situação em Angola

Nesta entrevista, concedida em vésperas do início da retirada cubana, Deus Pinheiro referiu-se ainda a adopção de «um mini-plano Marshal» para Angola, plano com o qual o Governo de Luanda estaria de acordo e que já teria recebido o apoio de países como a França, Espanha, Áustria e Holanda.

O ministro reconheceu que Portugal não tem meios financeiros para liderar o plano. «O que Portugal pode fazer, como país irmão, é tentar mobilizar os seus conhecimentos, as suas capacidades e, através da sua inserção na Comunidade Europeia, mobilizar apoios externos (tecnológicos e financeiros) para que Angola possa recuperar rapidamente a sua economia e a sua sociedade», disse.

Sobre a participação norte-americana neste projecto, considerou-a «permaturo» já que Washington terá «que esclarecer e definir a sua atitude face a Angola».

«Os Estados Unidos têm uma situação peculiar na sua relação com Angola porque, a um tempo, não têm relações diplomáticas, mas tiveram um papel importante nas quadripartidas e no processo de paz. É, portanto, uma relação de amor-ódio que ainda não está completamente esclarecida», acentuou.

Na eleição em Congresso do secretário-geral

Delegados de João Soares terão liberdade de voto

Os delegados eleitos pela moção «PS- Vencer de Novo» ao Congresso do Partido Socialista, cuja principal figura é João Soares, gozarão de liberdade de voto na eleição do secretário-geral, embora a tendência generalizada deva ser a do apoio a Jaime Gama.

A decisão foi tomada numa reunião realizada no sábado na sede nacional do partido, durante a qual foi delineada a estratégia a seguir no Congresso Extraordinário, que se realiza em Lisboa no próximo fim-de-semana. Desvalorizando a questão do secretário-geral, João Soares chamou a atenção para a necessidade de, no quadro da liberdade de voto, se respeitarem «compromissos anteriormente assumidos» por cada candidato.

Os resultados obtidos pela candidatura -52 delegados eleitos e cerca de 20 por inércia- são encarados com optimismo. «Ultrapassou-se o score obtido no anterior Congresso, sobretudo no fora de Lisboa», afirmou ao

DL Tomás Vasques, portavoz do grupo, que chamou a atenção para o facto de a base de apoio se dividir hoje quase equitativamente entre a capital e as restantes secções do País, quebrando a anterior tendência de limitação à Federação Urbana de Lisboa.

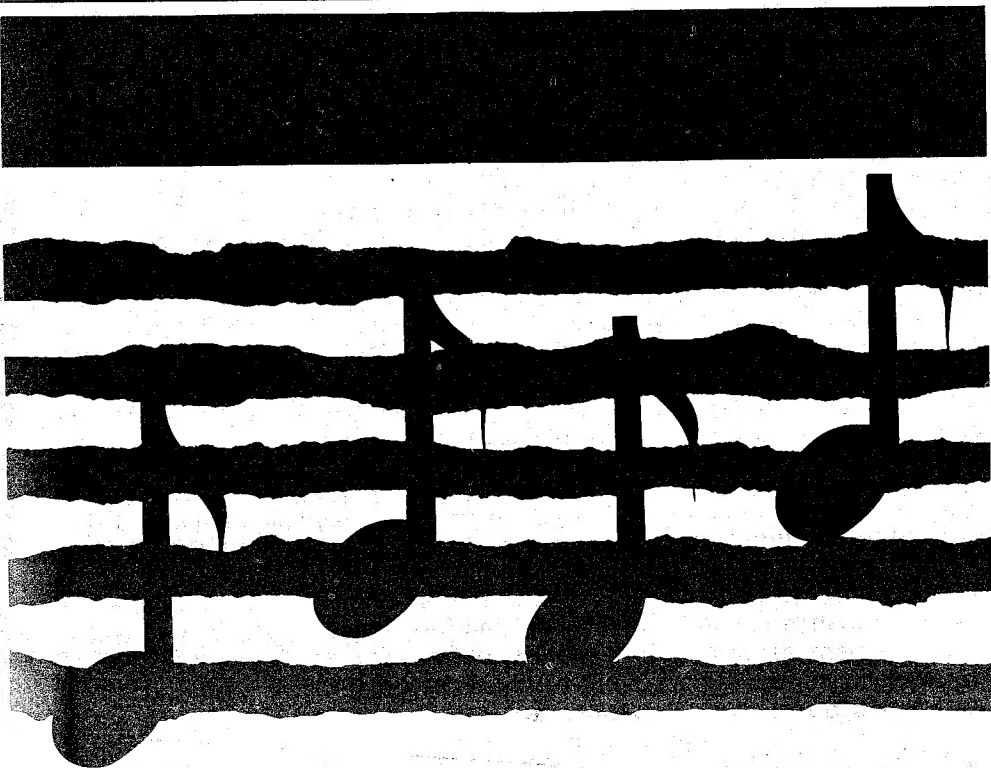
Moderação...firme

O grupo de João Soares, que acredita no crescimento em Congresso, pretende protagonizar na reunião magna dos socialistas uma «intervenção moderada, mas firme». O principal objectivo é a consagração estatutária do direito de tendência organizada, possibilidade aberta desde a última reunião do Conselho Nacional, mas que não parece colher a adesão dos proponentes das restantes candidaturas.

Os homens da moção «PS- Vencer de Novo» vão apresentar candidaturas a todos os órgãos eleitos pelo método de

Hondt, esperando poder conquistar uma boa representação na Comissão Nacional. De concreto, ficou ainda estabelecido no encontro com os delegados eleitos que o relatório que Vítor Constâncio vai apresentar no Congresso escalpelizando as já conhecidas razões da sua renúncia, merecerá da candidatura uma análise negativa, votando contra ele.

Entretanto, no campo sampaista já muita coisa está definida. De acordo com «o Diário», os delegados eleitos -no sábado, nas retardatárias eleições de Mirandela, a moção conquistou mais três- escolheram o lote de personalidades que preencherá a quota a eles destinada na lista para a Comissão Nacional. Nomes como Narciso Miranda, um dos mais prestigiados autarcas do PS, Manuel dos Santos, secretário-nacional e Fernando Gomes, deputado europeu, integram a lista, segundo aquele matutino.



III TEMPORADA MUSICAL SETÚBAL • JANEIRO • FEVEREIRO • MARÇO • 89

7 Janeiro	Coral Luisa Todi	Salão Nobre C.M.S.
9 Janeiro	Ópera de Câmara do Real Theatro de Queluz dirigida pelo maestro Ivo Cruz	Salão Nobre C.M.S.
19 Janeiro	Orquestra Gulbenkian	Cine-T. Luisa Todi
28 Janeiro	Olga Prats, António Sante e Irene Lima	Salão Nobre C.M.S.
11 Fevereiro	Marina Ferreira e Nuno Vieira de Almeida	Salão Nobre C.M.S.
18 Fevereiro	Quarteto de Carlos Martins	Salão Nobre C.M.S.
25 Fevereiro	Solistas e Grupos de Setúbal	Salão Nobre C.M.S.
4 Março	Companhia de Dança do Tejo / Academia de Dança Contemporânea	Cine-T. Luisa Todi

CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL

Soares ao corpo diplomático

UMA VISÃO OPTIMISTA DO FUTURO

«É legítimo esperar, para os próximos anos, um cenário de transformações radicais no plano internacional, de modo a que as relações entre os Estados se passem efectivamente a basear na igualdade, no respeito mútuo, no direito dos povos a dispor de si próprios e na não ingerência nos assuntos internos». Assim exprimiu Mário Soares a sua visão do futuro, esta manhã, no discurso da tradicional cerimónia de cumprimentos do Ano Novo, apresentados pelo corpo diplomático acreditado em Portugal.

Grande parte dessa intervenção teve como tema principal a resolução pela via do diálogo, de alguns dos mais graves problemas internacionais. Soares salientou que em 1958, «foram dados passos significativos, entre as grandes potências, que permitem augurar a abertura de uma nova era de relações entre os Estados, marcada pelo desejo generalizado de paz, pelo realismo e pelo bom senso, o que seguramente virá possibilitar novos caminhos de estabilidade e de progresso no mundo».

Perestroika

Uma referência muito particular foi feita pelo Presidente da República aos esforços das personalidades políticas ou Estados que mais contribuíram para que «os finais dos anos 80 fiquem marcados por um clima de diálogo e de desanuviamento internacional».

Soares cumprimentou especialmente os representantes dos Estados Unidos e da União Soviética, «certo de que os esforços empreendidos, pelos seus respectivos países, a bem da paz, correspondem aos profundos anseios dos povos de todos os cantos da terra e em especial daqueles que foram vítimas de guerras e de tensões acrescidas e, por isso, mais sofreram».

Soares referiu-se depois à nova fase de relacionamento Leste-Oeste, estimulando por toda a parte o diálogo, a regulação dos diferentes conflitos e o aparecimento de novas propostas de desarmamento, nuclear e convencional. Salientou que «o clima criado pela Perestroika, de democratização interna e de distensão, designadamente nos países da Europa central - onde se espera que o pluralismo político e o respeito pelos direitos do homem possam vir a ser considerados como factores naturais - os avanços tão significativos na solução dos conflitos regionais, que pareciam intermináveis, na África Austral, no Médio Oriente, na América Latina e na Ásia, o progresso da democracia pluralista e o recuo envergonhado dos ditadores, em todos os continentes, são indicadores seguros de que estamos a viver um tempo de entendimento internacional e de

paz».

O Presidente da República considerou 1988 como «um ano de promissora mudança» e realçou o quadragésimo aniversário da declaração Internacional dos Direitos do Homem, salientando ter-se reconhecido agora, mas com maior ênfase, que os Direitos do Homem «têm um valor universal e dizem respeito a todos os homens, onde quer que se encontrem, independentemente das suas raças, credos e condições ou dos sistemas económico-sociais sob que vivam».

Timor-Leste

A interminável questão de Timor-Leste esteve mais uma vez presente no discurso do Presidente da República perante os diplomatas estrangeiros acreditados em Portugal. Depois de sublinhar que as Nações Unidas, e todas as organizações especializadas ou regionais dela dependentes, receberam um novo impulso, reforçando o seu prestígio, credibilidade e eficácia, Soares afirmou que «Portugal tem fundadas esperanças de que o povo de Timor-Leste, tão martirizado e esquecido pela comunidade internacional, possa enfim ver reconhecidos os seus legítimos direitos à autodeterminação e independência, princípios indeclináveis consagrados na carta das Nações Unidas».

Salientou, com agrado, «o apoio crescente que a justa causa de Timor-Leste vem merecendo por toda a parte, nomeadamente entre os nossos parceiros da CEE, para os quais os direitos à liberdade e à autodeterminação, não podem deixar de ser de extrema sensibilidade e relevância, devendo sobrepor-se sempre a discutíveis razões de Estado».

Portugal e a CEE

A parte final do discurso de Mário Soares foi dedicada à situação interna portuguesa e aos efeitos da sua integração na CEE. O Presidente da República considerou que o ano de 1988 foi vivido em Portugal num clima de «estabilidade política, de paz interna e de desenvolvimento económico sustentado», mas não escondeu «as carências que infelizmente su-

bistem na sociedade portuguesa».

Disse que Portugal segue com particular atenção os últimos desenvolvimentos da situação na África Austral, sendo agora legítimo esperar que com a assinatura do acordo tripartido entre Angola, a África do Sul e Cuba, que levará à independência da Namíbia e à retirada de tropas estrangeiras de Angola,

se concretizem os legítimos anseios de paz e de concórdia nacional, a que os povos da região justamente aspiram.

«Portugal, cujo reencontro com a democracia pluralista passou pela libertação dos povos africanos, está especialmente bem colocado para poder dar uma decisiva contribuição para o desenvolvimento económico dessas áreas tão afectadas e não deixará de desempenhar um pa-

pel particularmente activo na dinamização do diálogo Norte-Sul, tão urgente e necessário, e que as circunstâncias internacionais tornam agora particularmente oportuno».

A terminar, Mário Soares caracterizou para os embaixadores o que tem sido, no plano externo, a sua actuação como Presidente da República.

«Como representante no novo Portugal, livre, aberto e tolerante, nascido da Revolução do

25 de Abril, tenho-me esforçado por difundir, em toda a parte, uma imagem exacta do que somos e representamos no mundo: uma velha Nação europeia, impregnada de humanismo e orgulhosa da sua História, em paz consigo mesma e com os seus vizinhos, que quer acertar o passo com o seu tempo e, por isso, procura abrir-se à modernidade e ao progresso, em todos os domínios, sem perder a sua identidade».

MINISTÉRIO DO EMPREGO E SEGURANÇA SOCIAL
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL



MAIS JUSTIÇA SOCIAL AUMENTO DAS PRESTAÇÕES FAMILIARES A PARTIR DE 1 DE JANEIRO

Um dos objectivos fundamentais do Programa do Governo consiste na efectiva melhoria das condições de vida das camadas da população mais desfavorecida e no aumento da protecção social das famílias portuguesas em especial das crianças e dos jovens. Coerentemente com este objectivo e prosseguindo a sua política de maior justiça social e de incremento dos níveis de bem estar das famílias, o Governo decidiu actualizar os quantitativos das prestações sociais que têm por

finalidade garantir rendimentos substitutivos de salários e compensar encargos familiares. Após o recente aumento do valor das pensões, que beneficiou cerca de 2,1 milhões de pensionistas, este adicional esforço de actualização vem melhorar os quantitativos dos abonos de família e suas prestações complementares com maior expressão nas prestações que contribuam para a melhoria das condições de vida e da reabilitação e integração social dos deficientes.

PRESTAÇÕES	Valores anteriores			Novos Valores	
	Janeiro 1986	Janeiro 1987	Janeiro 1988	Janeiro 1989	Aumento %
1. ABONO DE FAMÍLIA					
1 descendente	1 000\$00	1 120\$00	1 250\$00	1 375\$00	10,0%
2 descendentes	2 000\$00	2 240\$00	2 500\$00	2 750\$00	10,0%
3 descendentes e seguintes	1 400\$00 a)	1 680\$00 a)	1 880\$00 a)	2 070\$00 a)	10,1%
2. ABONO COMPLEMENTAR A CRIANÇAS E JOVENS DEFICIENTES					
Até aos 14 anos de idade	1 850\$00	2 800\$00	3 150\$00	3 530\$00	12,1%
Até aos 18 anos de idade	2 750\$00	4 100\$00	4 620\$00	5 175\$00	12,0%
Até aos 24 anos de idade	3 650\$00	5 500\$00	6 190\$00	6 930\$00	12,0%
3. SUBSÍDIO MENSAL VITALÍCIO A DEFICIENTES	4 580\$00	7 500\$00	8 600\$00	9 700\$00	12,8%
4. SUBSÍDIO DE NASCIMENTO	10 250\$00	12 000\$00	13 350\$00	14 700\$00	10,1%
5. SUBSÍDIO DE ALEITAÇÃO	1 950\$00	2 200\$00	2 450\$00	2 700\$00	10,2%
6. SUBSÍDIO DE CASAMENTO	8 800\$00	10 000\$00	11 150\$00	12 270\$00	10,0%
7. SUBSÍDIO DE FUNERAL	12 450\$00	14 000\$00	15 600\$00	17 150\$00	10,0%

SÃO BENEFICIÁRIOS CERCA DE DOIS MILHÕES E MEIO DE PORTUGUESES

a) Valor por descendente, tratando-se de agregados familiares cujos rendimentos líquidos mensais sejam inferiores a uma vez e meia a remuneração mínima garantida à generalidade dos trabalhadores.

EM VIGOR A PARTIR
DE 1 DE JANEIRO

A BARRACA



Apresenta no RITZ CLUB

Rua da Glória, 57
Reservas: Telf. 32 51 40

O BAILE

DE HÉLDER COSTA

a partir da ideia de J.C. Penchenat
e do filme de Ettore Scola

HORÁRIO:
de terça a a dom. às 21.30
às segundas não há espectáculo

DEFENDA-SE DE LOTACÕES
ESGOTADAS. COMPRA BILHETES
COM ANTECEDÊNCIA
8.º MÊS

Desconto de 50 % para jovens às terças
e quartas-feiras

Com: Maria da Graça Guerra, Maria João Luis, Paula
Santos, Teresa Faria, António Cardoso, Luis To-
mas, Vítor Torres
Leonor Alcaide, Margarida Barão, Maria Teresa,
João Carneiro, José Oliveira, Miguel Rodrigues,
Paulo Gons

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS



CRÉDITO
PREDIAL
PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49\$60	55\$60
ALEMANHA FED. (marco)	81\$20	82\$40
ÁUSTRIA (xelim)	11\$55	11\$75
BÉLGICA (franco)	3\$678	3\$928
BRASIL (cruzado)	\$089	\$189
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123\$75	126\$25
(notas de 5 a 1000)	124\$25	126\$75
DINAMARCA (coroa)	21\$05	21\$45
ESPAÑA (peseta)	1\$253	1\$373
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147\$50	151\$00
(notas de 5 a 1000)	148\$00	151\$50
FINLÂNDIA (marka)	34\$90	35\$50
FRANÇA (franco)	23\$80	24\$50
HOLANDA (florim)	71\$95	73\$05
IRLÂNDIA (libra)	218\$25	222\$25
ITÁLIA (lira)	1\$101	1\$116
JAPÃO (iene)	1\$127	1\$182
NORUEGA (coroa)	22\$15	22\$65
REINO UNIDO (libra)	263\$35	267\$85
SUÉCIA (coroa)	23\$65	24\$15
SUÍÇA (franco)	95\$15	96\$65
VENEZUELA (bolívar)	3\$507	4\$307

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

REFORMA FISCAL IMPOSTO ÚNICO

Um livro com os 3 códigos e as tabelas de retenção na fonte do IRS. Em edição separada um livro só com as tabelas.

A venda no
REI DOS LIVROS

Rua dos Fanqueiros, 77/79 — 1100 Lisboa
Telefs. 87 97 55-87 91 88

Pacote Laboral, APR/89, política fiscal

BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS: SIM À GREVE GERAL

O Conselho Geral do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas mandou a direcção para «decretar as acções e formas de luta que, enquadradas na luta dos trabalhadores portugueses, venham a ser desencadeadas pelo movimento sindical e com o apoio da UGT, incluindo a participação numa greve geral, convocada por todas as organizações sindicais» contra o «pacote laboral» e pela reposição do poder de compra, entre outras reivindicações.

Numa moção aprovada sem votos contra e com 11 abstenções, os bancários do Sul e Ilhas pronunciaram-se ainda pela exigência da alteração da política fiscal e a revogação do duplo pagamento em 1989 do imposto complementar; a maior participação dos salários na distribuição do rendimento nacional «para que a redução da inflação não seja feita à custa da contenção dos salários e para que as negociações salariais em 1989 se baseiem em valores credíveis da inflação e não na imposição, na prática, de tectos salariais».

O respeito pelo diálogo e pela concertação social, que «impõe o cumprimento, pelo Governo, dos acordos firmados em 1987 e 1988, o que determina a correcção salarial resultante do disparo, para mais, da inflação» e uma política social que garanta aos trabalhadores melhores condições no campo da saúde, segurança social, educação e habitação são outras das reivindicações dos bancários que determinarão a sua par-

ticipação numa eventual greve geral.

O Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, um dos maiores e mais influentes da UGT, reuniu na sexta-feira passada o seu Conselho Geral para analisar a nova versão do «pacote laboral» do Governo. A moção então aprovada vem ao encontro das posições que a central em que está filiada tem assumido publicamente: ao protesto contra o «pacote laboral», junta-se a disposição de lutar pela alteração da política fiscal, pela contratação colectiva assente em bases realistas e por um acordo de política de rendimentos negociado de boa-fé (depois de cumpridos os anteriores).

Por outro lado, Torres Couto tem defendido que se se chegar à greve geral, ela deverá contar com a convergência das duas centrais e dos sindicatos independentes. Os Bancários do Sul e Ilhas aprovaram, na sua moção, a união de esforços de todo o movimento sindical. E é de não esquecer que o mote, nas eleições de Abril do ano passado: os socialistas «beteram o pé» aos TSD e formaram uma lista conjunta com comunistas para a direcção.

Lei dos despedimentos: algumas melhorias

Aqueles trabalhadores, na moção aprovada, consideram que o conjunto de projectos de diplomas caracterizam-se, genericamente, pelo «desprezo sistemático do princípio constitu-

cional do direito à segurança e estabilidade no emprego», pela «deficiente definição e caracterização social do mundo do trabalho», a «subversão das convenções colectivas» a «tentativa de enfraquecimento da capacidade de luta dos trabalhadores» e pela «supressão do poder de intervenção e fiscalização das organizações sindicais e diminuição da sua protecção legal».

Relativamente ao projecto de nova legislação sobre o regime jurídico da cessação do contrato individual de trabalho e da celebração e caducidade do contrato de trabalho a termo («denominado 'lei dos despedimentos'») os bancários consideram que «apesar de nela terem sido introduzidas algumas melhorias formais, mantêm aspectos totalmente inaceitáveis, continua a enfermar de inconstitucionalidades várias e contém disposições gravemente atentatórias da segurança» no emprego.

Por outro lado, salientam que «o conceito inaceitável da imperatividade da lei sobre os instrumentos de regulamentação colectiva, livremente negociados, mantém-se, também, neste projecto».

Referindo-se ainda à figura do contrato a prazo, os bancários consideram que é «necessário e imperioso que todos os trabalhadores e as suas organizações se unam, numa luta firme e coesa, contra esta projectada 'lei dos despedimentos'».

APR/98: só depois de cumpridos acordos anteriores
Na moção aprovada pelo

Conselho Geral, faz-se ainda referência à perda de poder de compra dos trabalhadores no ano passado devido ao disparo da inflação, agravado pelo facto de o Governo «persistir em não honrar os compromissos assumidos e consignados nos Acordos de Política de Rendimentos e Preços» e servir-se da Concertação Social «apenas como meio de propaganda eleitoral e como forma de impor tectos salariais».

No que respeita ao próprio sector, a moção reitera a reivindicação do reajustamento salarial de 4 por cento já apresentado à Associação Portuguesa de Bancos, às instituições de crédito e à Secretaria de Estado do Tesouro, «exigindo uma negociação séria e breve, que não deverá, por isso, arrastar-se por tempo indeterminado».

O Sindicato recomenda ainda à UGT «a recusa firma em negociar qualquer acordo no Conselho Permanente de Concertação Social enquanto o Governo e as associações patronais não cumprirem integralmente os acordos de política de rendimentos assinados em 1987 e 1988».

O Conselho Geral do sindicato recomenda também à central sindical e organizações nela filiadas que «prossigam a sua acção no sentido de o movimento sindical unir esforços» contra a política do Governo.

Também a política fiscal, que penalizará a classe, é condenada na moção aprovada na passada sexta-feira.

Faculdade de Economia de Coimbra tem "casa" nova em 1990

A construção das instalações definitivas da Faculdade de Economia de Coimbra vai obrigar à dispersão dos alunos por espaços disponíveis noutras faculdades — disse à Lusa o presidente do conselho directivo daquele estabelecimento.

Os pavilhões em que funcionaram provisoriamente as aulas da Faculdade de Economia de Coimbra começaram a ser desmantelados, o que levou à colocação temporária daqueles estudantes nas Faculdades de Direito, Medicina e Letras (os dos 1.º, 2.º e 3.º anos) e no Instituto Superior de Contabilidade e Administração (4.º e 5.º anos).

As obras de construção do edifício definitivo da Faculdade estão orçadas em 250 mil contos (1.ª fase) e devem iniciar-se até dia 17.

Assembleia de delegados do SPGL no dia 12 para analisar a situação

Os delegados sindicais do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa reúnem-se em assembleia no próximo dia 12 para analisar a situação dos docentes e determinar as acções a desenvolver no presente período lectivo.

A direcção sindical dos professores de Lisboa, Santarém e Setúbal constatou que o início do presente ano é marcado por um acentuado agravamento dos problemas da educação e dos docentes de todos os sectores de ensino.

Em consequência da aplicação do imposto sobre rendimentos singulares, aqueles profissionais começam este mês a receber um salário inferior ao que auferiam em 88, já bastante desvalorizado.

O Governo recusou negociar um novo estatuto remuneratório dos professores, bem como rejeitou a inclusão no orçamento de Estado para este ano de um reajustamento intercalar que vigorasse até ao final do corrente ano lectivo, proposto pela Fenprof.

Perante esta situação, os corpos gerentes do SPGL decidiram «empenhar toda a sua capacidade de trabalho em quatro frentes convergentes»: primeiro, dar expressão activa ao descontentamento dos professores, organizando as acções adequadas ao prosseguimento da luta do primeiro período lectivo; segundo, esclarecer todos os que estão directa e indirectamente ligados ao ensino sobre o significado da luta dos pro-

fessores; terceiro, evitar o isolamento da luta dos professores, pois ela é coincidente, em muitos aspectos com a de outros sectores do trabalho e quarto, reforçar as estruturas sindicais efectivamente representativas, nomeadamente a Fenprof e o SPGL, «no momento em que o Governo e o PSD promovem o aparecimento e a divulgação de organizações para dividir os docentes e servirem de suporte à sua política, como são o caso evidente dos novos sindicatos dos professores do ensino básico (Sipeb) e Sindicato Democrático dos Professores da

Grande Lisboa (Sdpgl/FNSP), bem como da Associação Nacional dos Professores do Ensino Básico (Anpeb).»

Seixal, Matosinhos, Braga, Espinho, Almada e Setúbal

BAIRROS SOCIAIS MOBILIZAM-SE PARA PLENÁRIO NACIONAL CONTRA GOVERNO

Julio Rodrigues

Moradores do Bairro da Quinta do Cabral, em Arrentela, no concelho do Seixal, aprovaram sábado uma moção em plenário, na Sociedade Filarmónica União Arrentelense, no sentido de mobilizar os moradores de todos os outros bairros sociais em idênticas circunstâncias, abrangidos ou ameaçados de aumentos de rendas variáveis entre 200 e mil e tal por cento.

Os participantes na reunião, que entretanto promoveram vários contactos exploratórios para aquilatar as possibilidades de uniformizar posições e formas de luta, reafirmaram a sua disposição de não pagar os novos aumentos, em vigor desde Outubro passado.

São muitos os concelhos do País com problemas deste tipo - aumentos de rendas sociais incompatíveis com a maioria das bolsas dos moradores.

Espinho é o último caso conhecido, depois de Braga. Os autarcas solidarizam-se com os moradores ameaçados. E não é, há que admiti-lo, por este ano haver eleições locais. A Espinho e Braga, moradores e autarcas do concelho do Seixal acrescentaram, anteontem, Matosinhos, Almada e Setúbal. Todos perguntam: «Mas que faz correr a Secretaria de Estado de Habitação ao desenterrar uma portaria de 1983, depois retomada em 1985 e até há bem pouco tempo esquecida?».

«O Governo não está interessado em alterar a portaria, em clarificar a situação, pelo que teremos de lutar até às últimas consequências», afirmou um dos elementos da Comissão de Moradores do Bairro (Social) da Quinta do Cabral, sábado, no salão de visitas da Sociedade Arrentelense. É essa a disposição: lutar até à «última gota de sangue», para homenagear a expressão de um dos moradores, vivamente aplaudida pelos demais.

Lutar para que a portaria seja suspensa e revogada - e que seja encetado diálogo com os moradores e a autarquia seixalense, de modo a que haja soluções negociadas para o problema.

«Tenho onze filhos, um deles está na tropa e os outros andam todas na escola. Só a minha mulher é que tem emprego cer-

to, pago a tempo e horas. Traz para casa 40 contos. Pagava 400 escudos de renda, agora exigem-me quase 11 contos, tanto quanto os filhos que tenho», queixou-se um dos moradores.

De drama em drama até à descarga final

De drama em drama, poder-se-á dizer que se chegou à descarga final. Nem todos os moradores afectados e abrangidos por tão severo, desmesurado e incomportável (para a bolsa da maioria) aumento, compareceram à reunião.

Um dos elementos da mesa explicou ao «DL» a razão das clareiras que se verificavam na sala, por comparação com uma outra reunião a que, há cerca de dois meses, assistimos. «Nem todas as pessoas foram avisadas. Doravante, teremos de fazer o porta-a-porta. Ainda mandamos publicar anúncios nos jornais, mas isso não bastou.».

Não estava o salão cheio, ao princípio da noite de sábado, mas não se julgue que foi por causa do Boavista-FC do Porto, pela televisão. O futebol desta «malta», dos moradores do Bairro Social da Quinta do Cabral, é outro. «Então como é que eu, que pagava 2 660 fui aumentada para 7 880 escudos?», lamentava-se a mulher, tez morena, de aparência cigana. Um elemento da comissão esclareceu-a: «Nós não vamos incitar as pessoas a não pagar. A nossa opinião é que não paguem. No entanto, defendemos é que se devem recusar aumentos tão absurdos».

A ordem é trazer outro amigo também

A ordem entre os moradores da Quinta do Cabral é, para além de nenhum deles pagar os aumentos exigidos, que cada um traga, às reuniões, mais amigos. «Todos não seremos demais nesta luta», disse José Pedro, membro da Comissão. Comissão que se quer alargar, que quer crescer («...porque o trabalho é muito e daqui para o futuro será ainda mais», afirmou um dos seus componentes), e que, nesse sentido, fez uma proposta ao plenário, registando logo mais adesões.

Assim, um destes dias, outros nomes se juntarão aos de Joaquim Oliveira, Amâncio Pinheiro, Deolinda Esperança, Fátima Ferreira, Perpétua Rodrigues e Maria Amélia Costa. Joaquim Oliveira é o presidente da Assembleia Municipal do Seixal, e Amâncio Resende o vereador do pelouro de Habitação.

Aqui, como terão percebido, o poder local, Junta de Freguesia de Arrentela e Câmara Municipal do Seixal (a que Eufásio Filipe preside), estão ao lado dos moradores. Não admira. Aliás, já agora, o mesmo sucede, que sabemos, em Braga. A luta será rija e morosa e, além da participação de todos, o apoio das autarquias locais, que conhecem melhor que o poder central os problemas das populações, é vital.

Rendas de 540 escudos subiram para 3 650 escudos e de 3 660 para 16 065, isto apenas para citar dois dos inúmeros casos de especulativo agravamento que ouvimos, espantam e revoltam. «...Casas começadas a construir há doze/catorze anos, habitadas há 4/5 anos, de rendas sociais, com péssimos acabamentos e má construção, com as tubagens estragadas, os telhados rotos, a exigirem que cada um gaste o que não tem... não é justo, não é possível. Estas rendas são uma injustiça social», proclamou-se no salão. A mulher de tez cigana atrás referida, mais destravada de língua, não esteve com meios rodeios: «Isto é um roubo».

Chama-se IGAPHE o vilão da história

IGAPHE: Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado. É o vilão de toda a história. A portaria que consagra os desmesurados aumentos, variando entre mais de cem e mil e picos por cento, apesar da sua origem se sediar na Secretaria de Estado da Habitação e haver sido formalizada pelo Ministério das Obras Públicas, ficou a dever-se a cálculos e avaliações do IGAPHE. Instituto que, por mais de uma vez convidado a participar em reuniões com os moradores do Bairro da Quinta do Cabral, nunca o fez.

O apoio do poder local nunca esteve em dúvida neste caso. Para além das presenças de Joa-

quim Oliveira e Amâncio Pinheiro, sábado, no salão da Sociedade Arrentelense, os últimos desenvolvimentos vieram «render» ainda mais os eleitos locais a este nebuloso processo. Uma das suas primeiras acções foi uma reunião, no passado dia 4, com a Comissão Parlamentar de Equipamento Social e Habitação da Assembleia da República, «na qual os deputados dos Partidos Socialista e Comunista manifestaram uma posição de defesa das reivindicações dos moradores, especialmente quanto à exigência de suspensão dos aumentos das rendas e de revogação da portaria que lhe está na origem», disseram no plenário.

Mas se essa foi a posição dos deputados do PS e do PCP, não foi a dos deputados social democratas, num processo em que, curiosamente, até os representantes centristas apoiaram - foi também sublinhado aos participantes no plenário - a posição dos moradores. Os deputados do PSD «defenderam as posições do Governo, designadamente procurando justificar os aumentos das rendas, embora admitindo que haja injustiças e distorções», ainda segundo a Comissão de Moradores.

Um pouco por todo o País e na região de Setúbal

São vários os bairros sociais que vivem o mesmo drama da Quinta do Cabral. Braga e Espinho são aqui referenciados com destaque. Mas há, ainda, Loures, Matosinhos e Évora, com os mesmíssimo problema e muitas famílias ameaçadas. Há, pois, todas as razões - na óptica dos moradores do Bairro da Quinta do Cabral - para que a nova fase de luta a adoptar comece por um plenário distrital, a curto prazo, e que sejam dados passos para um plenário nacional.

No distrito de Setúbal, Arrentela não é um caso isolado. Daí que no plenário de sábado, na Sociedade Filarmónica União Arrentelense, tenha ficado convencionada a realização de um plenário distrital de bairros sociais com problemas de rendas como o da Quinta do Cabral.

Eles foram, de resto, enumerados por um dos membros da Comissão de Moradores ao «DL»: Bairro da Belavista, na própria cidade de Setúbal, com mais de mil fogos (1 005); ainda em Setúbal, o «Bairro 2 de Abril», alinhado em 435 fogos; Bairro da Amoreira, em Almada; Bairro das Areias, no Montijo; bairros da Quinta da Vinha Grande e da Quinta da Princesa, na Amora; e Bairro Social de Seixal. Na Quinta da Princesa acontece esta coisa curiosa: uma parte é social, outra não - foi-nos dito no plenário de Arrentela.

Os dinamizadores da Comissão do Bairro da Quinta do Cabral vão solicitar audiências ao Presidente da República e ao Primeiro-Ministro, goradas que têm sido as tentativas para serem recebidos pelo ministro das Obras Públicas, Habitação e Comunicações.

Entretanto, terão já assegurado - conforme informaram no plenário - uma interpelação parlamentar ao Governo por parte da oposição, sobre a questão (nacional), para além de continuarem a «pressionar» o secretário de Estado de Habitação e manifestarem a intenção de recorrer ao Provedor de Justiça.

Entretanto, e no quadro de uma acção de luta que poderá vir a movimentar vários concelhos, Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia, o presidente da Assembleia Municipal do Seixal começou a anviar às CM's dos concelhos onde há bairros sociais, a moção aprovada na Assembleia de 25 de Novembro de 1988. A proposta é simples: trocar impressões, estabelecer contactos e coordenar acções e iniciativas conjuntas.

O plenário de sábado permitiu avançar já nesse sentido: mobilizar esforços e conjugar acções com vista a uma luta comum, até às últimas consequências. Para já, a ordem não acatar os aumentos. É claro que neste caso, como em todos que exigem unidade e solidariedades, há sempre transfugas, quem fure as malhas da coesão.

Também sucedeu no Bairro da Quinta do Cabral. Daí que um dos elementos da Comissão de Moradores tenha afirmado que «há sempre quem não resista a estas ameaças, quem tenha medo de processos, juros e despejos, e prefira passar fome para pagar a renda, a lutar pela razão e pela justiça», afirmou.

Professores e estudantes os mais interessados em divulgação científica

Os textos de divulgação científica em jornais e outras publicações, conhecem maior receptividade nas categorias socio-profissionais de professores e estudantes, revela um estudo divulgado em Lisboa.

O estudo, subordinado ao tema «significado cultural e impacto social da divulgação científica: 1974/1986», insere-se no programa «ciência, tecnologia e sociedade» promovido pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT), tendo sido apresentado pelos seus responsáveis Fernando Machado e Idalina Conde, do Centro de Investigação e estudos de Sociologia do ISCTE.

Assim, e de acordo com os responsáveis, verifica-se que entre o pessoal das profissões científicas e técnicas, são os professores e os que mais lêem divulgação científica - 43,2 por cento - seguindo-se os biólogos, médicos e engenheiros com 15,9 por cento, para um total de 72,8 por cento de leitores nesta categoria.

Neste domínio, constata-se igualmente que 17 por cento dos estudantes são leitores de divulgação científica.

A grande maioria dos leitores de divulgação científica localiza-se na área metropolitana de Lisboa e no Centro Litoral, verificando-se que é a categoria dos professores a que se encontra mais distribuída geograficamente.

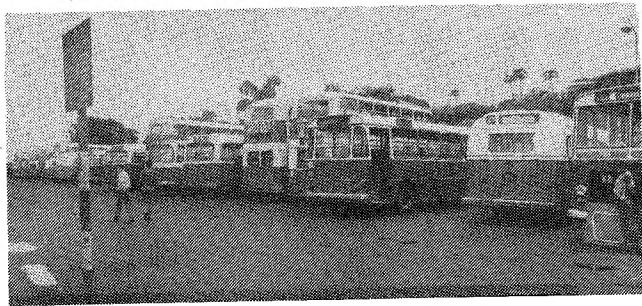
No que respeita à quantidade de textos de divulgação científica na imprensa diária e semanal, o estudo permite constatar que, entre 1974 e 1986, foram publicados um total de 790 textos em sete jornais, de onde se destaca o «Expresso» com o maior número de publicações - 239, ou seja, 30,3 por cento.

Do mesmo modo, verifica-se que em termos de evolução, os anos de 1979/80 e, mais recentemente, os de 1985/86 foram os que registaram maior número de publicações de textos científicos, respectivamente 11,8, 10, 12,8 e 10,9 por cento.

Do total, os textos sobre ciências sociais e humanas foram os mais publicados entre 1974/86 - 195 - seguindo-se as Ciências Biológicas - 151 - e a astronomia/astrofísica - 119 - enquanto a Matemática e as Ciências Sociais/Ciências Físico-Naturais foram as que registaram menor número de publicações - 1 e 12, respectivamente.

De acordo com os responsáveis do estudo, cientistas e jornalistas entrevistados consideram que há pouca divulgação científica em Portugal, enquanto os editores afirmaram apenas publicarem o que vai de encontro aos pedidos do público.

Por outro lado, referem os dois investigadores, o sistema de relações entre os cientistas e os jornalistas e editores, regista uma fraca interacção, já que, geralmente, não se conhecem.



Bombeiros do Porto perdem transportes colectivos

Os sapadores bombeiros do Porto, que tal como os de Lisboa viajavam gratuitamente nos transportes públicos colectivos, perderam agora essa regalia por decisão dos gestores do Serviço de Transportes da capital do Norte.

A notícia foi revelada pelo presidente da edilidade do Porto ao comando de Batalhão dos Sapadores Bombeiros e começou a vigorar já no primeiro dia do ano, pondo assim termo a um benefício que durava há já quarenta anos.

Esta decisão vem agravar a situação económica dos «soldados da paz», obrigando-os a pagar os transportes, cada vez mais onerosos, quando para os agentes da GNR e PSP foram agora, e por decisão governamental, mais liberalizados.

Dos bombeiros, tal como de Santa Bárbara de quem apenas se lembram quando há trovoadas, apenas são recordados na altura das catástrofes.

Esta medida impopular, que está a merecer o repúdio da população da Invicta cidade, poderá vir a ser alterada se os bons ofícios do presidente da Câmara Municipal fizerem valer os seus argumentos junto dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto onde o Município está representado.

Quatro feridos, dos quais um em estado grave, é o balanço de 10 acidentes registados durante a madrugada de ontem em Lisboa, disse fonte da Divisão de Trânsito da PSP.

O acidente mais grave registou-se cerca das 6.00 h, na Estrada Militar, ao Lumiar, quando um automóvel «aparentemente roubado» se despiçou e embateu numa árvore.

«Dos seis ocupantes do veículo sinistrado três ficaram feridos, um dos quais em estado grave, enquanto os restantes se puseram em fuga», adiantou a fonte.

Outros cinco feridos, dois dos quais em estado grave, é o balanço do acidente de viação registado às 04.45 na Estrada Marginal, na zona da Parede.

«O acidente, despiste seguido de colisão frontal, registou-se no cruzamento de acesso à vila da Parede, na Estrada Marginal.»

A GNR não tem ainda conhecimento da identidade dos feridos.

Mais doze feridos, quatro dos quais em estado grave, é o balanço de 11 acidentes de viação registados durante a madrugada de ontem em Lisboa, disse fonte da Divisão de Trânsito da PSP.

A região Oriental de Lisboa (Santa Apolónia/Caminhos-de-Ferro) foi a que registou maior número de acidentes — cinco — dos quais resultaram quatro feridos, dois deles em estado grave.

Na Baixa verificaram-se três acidentes, de que resultaram dois feridos ligeiros. Na zona do Saldanha ocorreram dois acidentes que provocaram cinco feridos, um dos quais em estado grave. Nestes dois acidentes, os condutores das viaturas sinistradas apresentaram taxas de alcoolemia no sangue superiores aos limites legais (mais de 0,50 gramas/litro).

Na área de intervenção da Quarta Divisão da PSP, Alcantara, verificou-se um acidente (atropelamento) que provocou um ferido grave.

Números de sinistralidade

No período de vinte e quatro horas que findou ao meio-dia de ontem registaram-se nas estradas e zonas urbanas do País, respectivamente sob a vigilância da GNR e PSP, 161 acidentes de viação de que resultaram sete casos mortais e 94 feridos dos quais 23 em estado grave.

PROCESSO DO 'CONDE' TERÁ NOVO INSTRUTOR

Um novo juiz substituirá a magistrada Isabel Pais Martins na instrução do processo de Borges Mesquita, «O Conde», detido sob a acusação de crimes de usura, extorsão e burla — disse uma fonte forense.

Três dos quatro juizes que integravam o Tribunal de Instrução Criminal do Porto foram transferidos, por questões de carreira, para outros juizes, caso da magistrada Isabel Pais Martins — agora no Tribunal Correccional do Porto — que estava a instruir o processo relativo ao «Conde».

O novo juiz não foi ainda designado e a alteração poderá atrasar a instrução do processo, à ordem do qual está detido preventivamente José

Carlos Borges Mesquita — acrescentou a mesma fonte.

«O Conde», 44 anos, natural de Chaves e residente no Porto, é acusado pela Polícia Judiciária, que o deteve, de exercer actividade parabancária há cerca de 15 anos.

Alvo de queixas-crime por parte de cerca de 70 indivíduos, «O Conde» é acusado, genericamente, de emprestar dinheiro, com juros à cabeça da ordem dos 20 por cento mensais, o que, ao fim de cerca de três meses e meio duplicava o montante do empréstimo.

José Carlos Borges Mesquita está detido desde 2 de Dezembro de 1988 nas prisões privativas da Directoria do Porto da Polícia Judiciária.

Industrial detida por cheque sem provisão

A PSP deteve uma mulher, em Ermesinde, arredores do Porto, contra quem pendia um mandado de captura, por crimes de emissão de cheques sem provisão — disse uma fonte daquela corporação.

A PSP escusou-se a revelar o montante dos cheques passados por Adília Augusta Moreira da Silva Serrão, 37 anos, casada, industrial, natural de Folgosa, Maia, residente na Rua de Macau, em Ermesinde, que tem um processo pendente na sétima secção do Tribunal Judicial de Guimarães.

Adília Serrão foi remetida para o estabelecimento prisional do Porto, em Custodias, Matosinhos.

Desmantelado casino em Rio Tinto

Um casino clandestino que funcionava nas instalações do antigo Cine-Teatro Vitória, junto à estrada exterior da Circunvalação, em Rio Tinto, Gondomar, foi sábado desmantelado pela Guarda Fiscal, disse uma fonte daquela instituição.

A operação foi desencadeada de madrugada, tendo sido apanhados em flagrante cerca de 70 jogadores e os responsáveis pelo funcionamento da sala, que contava com um restaurante de apoio, acrescentou a mesma fonte.

Foram apreendidas quatro máquinas de jogos de fortuna e azar e uma banca francesa completa, para além de 800 contos em dinheiro português e cheques no valor global de cerca de 750 contos.

Doente mental encontrado morto

Um doente mental foi encontrado morto sábado de madrugada, na sua residência, sita à Travessa de Antero de Quental, Porto, informou uma fonte da PSP.

Alberto Teixeira da Silva Braga, 72 anos, natural de Bonfim, Porto, divorciado, morava sozinho e morreu sem qualquer tipo de assistência, acrescentou a mesma fonte.

Não há suspeita de crime, soube-se junto da Polícia Judiciária.

PSP detém dezasseis pessoas em 24 horas

A PSP deteve nas últimas 24 horas 16 indivíduos por delitos vários na área de Lisboa, disse uma fonte da corporação.

Entre os detidos encontra-se um indivíduo sobre o qual pendia um mandado de captura, adiantou.

Os restantes indivíduos foram detidos, nomeadamente, por posse ilegal de droga, furto de automóveis, tentativa de arrombamento, assalto a estabelecimento e ofensas a agentes da autoridade, disse.

Armas portuguesas apreendidas na Jamaica

As autoridades jamaicanas apressaram um carregamento de armas alegadamente embarcadas em Portugal a bordo de um navio com destino à Colômbia — revelou sábado a Imprensa em Kingston.

Jornais referiram que vários estrangeiros foram detidos na operação efectuada contra o navio «Copacabana», um porta-contentores registado no Brasil.

Num comunicado emitido sexta-feira à noite, o ministro da Defesa da Jamaica, Errol Anderson, disse que os detidos estrangeiros já foram ouvidos.

A rádio adiantou que os detidos são três colombianos, quatro panamenianos e um francês, mas não revelou identidades.

Anderson, que emitiu o comunicado governamental depois de o Partido Nacional da Oposição (PNP) ter publicitado a detecção daquele carregamento, não especificou a quantidade ou tipo de armas.

A embaixada colombiana na Jamaica não comentou ainda este incidente.

Bombeiro português recebe prémio espanhol

O bombeiro português do ano, Alexandre Gil, recebe hoje, no Seixal, um prémio da Fundação Espanhola do Valle, disse um elemento da associação dos voluntários desta vila.

Concretamente, Alexandre Gil receberá das mãos do presidente da fundação espanhola um cheque de 250 contos durante uma cerimónia, a decorrer no

quartel dos bombeiros locais.

O «soldado da paz» do Seixal foi eleito bombeiro do ano pelo matutino «Diário de Notícias» numa cerimónia realizada a 29 de Dezembro no Pavilhão Carlos Lopes, em Lisboa.

O bombeiro do ano, Alexandre Armando dos Santos Gil, 24 anos, retirou uma recém-nascida do interior de uma casa em chamas, no dia 31 de Outubro último.

O incêndio deflagrou quando a mãe da pequena Soraia se encontrava no cabeleireiro.

Novo quartel para a GNR no Porto

O futuro quartel da GNR do Porto, que será construído em terrenos recentemente adquiridos em Águas Santas, no concelho da Maia, custará dois milhões de contos — disse uma fonte do Governo Civil.

A transferência da GNR do quartel do Carmo para o futuro edifício, que deverá ficar concluído em 1992, faz parte de um protocolo, que será assinado ainda este mês no Porto entre várias instituições e corporações da cidade e os ministérios da Educação, Saúde e Finanças.

O protocolo, que será assinado pela Universidade do Porto, GNR, PSP, Hospital de Santo António e Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, pretende aproveitar melhor o parque imobiliário do Estado com vista a uma maior rentabilização dos serviços.

O quartel do Carmo, onde funciona actualmente o comando do batalhão n.º 3 da GNR, será posteriormente ocupado pelo Hospital de Santo António e pela Universidade, integrando-se a adaptação do edifício no programa de consolidação das instalações daquele estabelecimento de ensino superior do Porto.

De acordo com o protocolo, passará também a haver uma melhor articulação entre o Hospital de Santo António e o IC-BAS, que funciona num edifício contíguo ao quartel da GNR.

O quartel da Bela Vista, utilizado pela Brigada de Trânsito da GNR, será na altura entregue ao Ministério da Saúde para aí ser instalada uma unidade hospitalar.

Na sequência do programa de desenvolvimento e consolidação das instalações da Universidade, serão libertados os espaços do quartel do CICAP, actualmente ocupados por serviços afectos à reitoria, que serão transferidos para o futuro edifício nuclear daquele estabeleci-

mento de ensino superior, na Praça dos Leões, o que deverá acontecer no próximo ano.

As instalações do quartel do CICAP serão, por sua vez, utilizadas pela PSP, após a saída dos serviços do Hospital de Santo António que ocupam parte daquele edifício.

A reitoria da Universidade, o ICBAS e o Hospital de Santo António acordarão dentro de três meses na distribuição do espaço do quartel do Carmo em função daquilo que cada uma das instituições aí desejar instalar, devendo o acordo a que chegarem ser homologado pelos ministros da Educação, Saúde e Finanças.

Cada um dos signatários do protocolo compromete-se a conceder as necessárias facilidades ao futuro ocupante do espaço que hoje utiliza, para que possa proceder à elaboração dos projectos das obras que forem necessárias no sentido de que estas se possam iniciar logo que o novo utilizador entre na posse dos edifícios.

Além destas transferências, o acordo, que será assinado na presença do vice-primeiro-ministro, prevê a saída do Comando Distrital da PSP e do Tribunal Administrativo do edifício onde funciona actualmente o Governo Civil.

Todo o edifício situado na Rua Augusto Rosa será ocupado pelo Governo Civil, pelos Serviços de Estrangeiro e por uma unidade da PSP.

Seita na origem de homicídio em Macau

A Polícia Judiciária de Macau intensificou hoje as buscas de cinco indivíduos de etnia chinesa suspeitos do assassinio de um funcionário da Sociedade de Turismo e Diversões de Macau, no dia 29 de Dezembro.

Os suspeitos, considerados muito perigosos, são membros da seita 14 Quilates, uma das principais associações criminosas activas em Macau e na vizinha colónia britânica de Hong Kong, disse um responsável da Polícia Judiciária.

As autoridades detiveram, após o assassinio do funcionário no casino da STDM, um indivíduo de etnia chinesa que confessou o crime e mais de 40 pessoas já foram interrogadas pela Polícia no decurso das investigações, adiantou a mesma fonte.

Actualmente, quatro a cinco seitas, com várias centenas de membros, dominam as actividades criminosas em Macau, actuando ainda no território outras associações ilegais de menor importância, referiu o responsável da Polícia Judiciária.

As seitas de Macau, vulgarmente designadas por «tríades», dedicam-se, essencialmente, à extorsão, agiotagem e exploração da prostituição, mantendo ainda redes de contrabando e de tráfico de imigrantes clandestinos da República Popular da China.

Na vizinha colónia de Hong Kong, a Polícia britânica estima que cerca de 100 000 pessoas dos mais de seis milhões de habitantes do território estejam envolvidas nas actividades das seitas.

GALP
DINAMIC
Gasóleo

Contrato foi esta manhã assinado

Finlandeses furam Viana em busca do "ouro negro"

A empresa finlandesa de petróleo Neste Oy, chefiando um consórcio com a norte-americana Hunt assina hoje com o Estado português um contrato de três anos para a pesquisa de petróleo ao largo da costa de Viana do Castelo.

A multinacional finlandesa, em colaboração com a Hunt Oil Company, que participa no projecto com 50 por cento, compromete-se durante aquele período a efectuar todas as actividades relacionadas com o reconhecimento do potencial petrolífero da zona. De entre as várias acções a efectuar pelas duas empresas petrolíferas estão previstas operações sísmicas que fornecerão novos dados acerca da área e ainda uma sondagem de pesquisa.

Os trabalhos de sondagem propriamente ditos só começaram em 1990. De salientar, que cada furo «off-shore» custa em média 8 a 10 milhões de dólares (cerca de 1,5 milhões de contos). Se for encontrado petróleo em quantidades rentáveis de exploração, o investimento de um campo «off-shore» sobe, regra geral, aos 400 ou 500 milhões de dólares.

A Neste Oy não é uma empresa estreante no nosso país,

pois já efectuou actividades de pesquisa ao largo de Viana do Castelo entre 1982 e 1985. Nessa altura, a petrolífera finlandesa, em conjunto com duas empresas suecas, efectuou uma sondagem 'off-shore' a que foi dado o nome de 'Lula 1'. Porém, os resultados foram inconclusivos. Ainda em 1982, a Neste criou a Neste Petróleo (Portugal), com sede em Lisboa, empresa apoiada pela Par-tex.

O contrato, hoje assinado insere-se na política seguida pelo Governo português no sentido de realizar o levantamento energético do País. O acordo é assinado, pela parte portuguesa, pelo secretário de Estado da Energia, Nuno Ribeiro da Silva. Pela Neste, assinam o seu vice-presidente, Kai Hietarinta e o director da Divisão de Pesquisa e Produção, Bo Lindfors. A Hunt Oil Company faz-se representar por D. Maycock. Estarão presentes também na cerimónia, o ministro finlandês do Comércio Externo, Pertti Salo-lainen, o ministro português da Indústria e Energia, Mira Amaral e os secretários de Estado da Comércio Externo e da Indústria, respectivamente Miguel Horta e Costa e António Fer-

nandes de Sousa.

Neste momento não há nenhuma pesquisa de petróleo «off-shore» a decorrer. No entanto, desde meados de 88 que se realizam pesquisas em terra na zona de Alcobaça/Nazaré. Até agora nunca foi encontrado em Portugal qualquer reservatório de petróleo ou gás natural, todavia, os resultados das pesquisas realizadas apontam para a existência de alguns indícios.

O contrato assinado pelas empresas petrolíferas e pelo Estado português prevê uma prorrogação de mais três anos para as pesquisas. Os riscos financeiros da pesquisa «off-shore» ao largo de Viana do Castelo pertencem às companhias exploradoras. No caso de serem encontradas reservas rentáveis para a exploração, as companhias terão um período de 30 anos para efectuarem a produção de petróleo. Durante esse tempo, as empresas entregam ao Estado português 12,5 por cento de todo o petróleo produzido, bem como uma percentagem sobre os lucros da produção. Além disso, pagam ainda uma renda de 1.000 a 40.000 escudos por cada quilómetro quadrado da zona de exploração, quer exista ou não petróleo.

Remoção dos destroços do "Reijin" só em Abril

O director-geral da Marinha afirmou no Porto que as operações de remoção do «Reijin» só prosseguirão em Abril, começando o armador a tratar dos planos de remoção em Fevereiro.

O almirante Martins Cartaxo falava ontem na Capitania do Porto do Douro, na sequência de uma reunião com os representantes das seguradoras do navio em que foram decididas medidas de acompanhamento, sinalização e localização dos materiais afundados que possam representar perigo para a navegação.

«Durante o período de Inverno não haverá remoção dos destroços e todo o material que for dando à Praia da Madalena — todos os grandes destroços de quebra e fragmentação do navio — serão movidos e destruídos em terra», acrescentou.

«O armador começará em Fevereiro a tratar do plano de remoção, contactando as empresas internacionais de salvamento de navios e as autoridades marítimas portuguesas pretendem que, em Julho, a zona da Praia da Madalena esteja toda limpa e pronta para a época balnear», disse ainda o almirante.

Como resultado da reunião de ontem, a que chamou de rotina, o director-geral da Marinha salientou terem ficado decididos os meios de acompanhamento

do que resta do «Reijin», a partir de agora e até Abril, nomeadamente o assinalamento das áreas onde se encontram os grandes destroços do navio e a sistemática aferição dos grandes blocos provenientes do barco.

A sinalização dessas áreas será feita através de bóias luminosas e reflectores de radar na zona que pode constituir perigo para navegação, prevendo-se também o rastreio dos movimentos dos destroços através de sonar.

Aquele responsável salientou que a opção inicialmente tomada relativamente ao «Reijin» — de afundamento do navio e da sua carga — representou para Portugal «a melhor solução do ponto de vista financeiro, uma vez que o Estado português assegurou que todas as despesas com a remoção do navio decorrem por conta do armador e o País não terá de gastar com isso um tostão».

Aceitar o risco

Admitiu contudo que a opção das autoridades portuguesas de aceitar parcialmente a proposta apresentada pelo armador era um risco, que por motivos de tempo era preciso correr, dado que o Estado português não teria meios técnicos, financeiros ou legais, para suportar a operação.

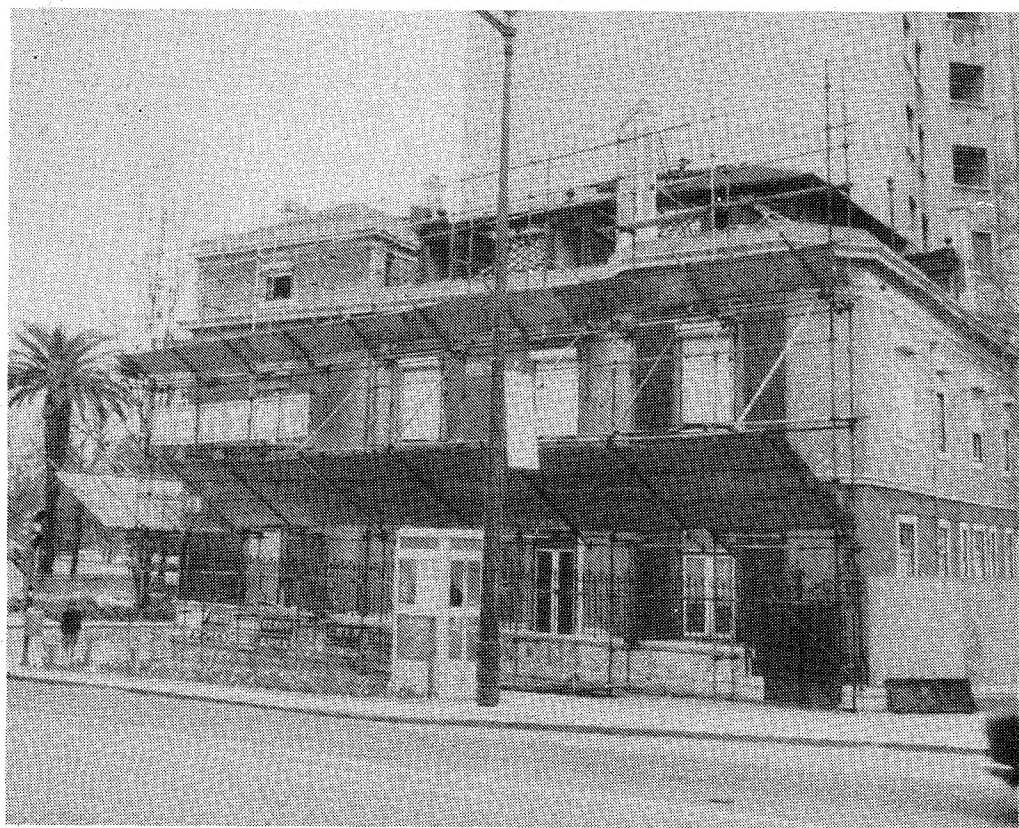
«A solução acordada resultou

de um conflito de interesses, os de Portugal e os do armador», respondeu o almirante Cartaxo quando interrogado sobre se Portugal sofrera chantagem do armador.

Isso porque, como referiu aquele responsável, o armador chegou a ameaçar desistir da operação caso tivesse que cumprir os requisitos inicialmente apontados pelas autoridades portuguesas, nomeadamente a necessidade do afundamento da carga (cinco mil automóveis), a 1500 milhas da costa e a uma profundidade superior a dois mil metros.

A proposta apresentada pelo armador, a 13 de Julho de 1988, era de lançamento «ao mar da carga do navio; a uma profundidade de mil metros, o que para as entidades portuguesas representava «perigos evidentes para a saúde pública», segundo disse o almirante.

«Aceitar afundar os automóveis a 40 milhas da costa foi a melhor solução porque o Estado português não ficou com qualquer encargo financeiro relativamente à operação» — disse, referindo ainda que se tratava de «uma tentativa que valia a pena, pois isso representava lutar contra o tempo, de modo a que até Outubro de 1988, a operação pudesse estar concluída», disse.



Luta durou cinco anos

CAMARTELO CHEGOU HÁ DIAS AO CLUBE MILITAR NAVAL

Há cinco anos que o camartelo ameaçava o Clube Militar Naval. A semana passada, pela calada do dia e indiferença das gentes, começou a sua demolição. De nada valeram os esforços dos seus dirigentes: o proprietário não recuou. Os tribunais foram implacáveis. Nem o Instituto do Património Cultural lhe valeu, porque a apetência imobiliária desta Lisboa alterada à medida dos caprichos de Abecasis, foi superior a todas as barreiras que se pretendiam erguer para proteger o edifício, na Praça do Parques de Pombal. A nova sede do Clube Militar Naval situa-se desde há tempos num dos primeiros edifícios, do lado direito (para quem sobe) da Avenida Defensores de Chaves.

Menos de um século depois da sua construção, o edifício — uma residência apalaçada de que não há muitas iguais em Lisboa — há não tem telhado. Dentro de dias não será mais que um montão de pedras destroçadas, amontoadas. Durante 53 anos (o Clube Militar Naval instalou lá a sua sede em 1935), guardou sonhos, projectos, histórias e aventuras, como instituição autónoma da Marinha, deste ramo das Forças Armadas. Sonhos de muitas cores, e não apenas cor-de-rosa, a cor das suas paredes exteriores.

O pedido de classificação que entregou ao Instituto Português de Património Cultural não colheu efeito nem favores. Apesar de subscrito por cerca de sete centenas dos seus sócios, foi rejeitado, como se lembrará. A possibilidade que se chegou a esboçar da Câmara Municipal adquirir o imóvel ao proprietário (Companhia de Seguros «Bonança»), por troca

com terrenos camarários, também não foi por diante. Foi uma solução posta e equacionada, ao mesmo tempo que — há cinco anos — a Associação Portuguesa de Arquitectos lançava um concurso de ideias para uma solução envolvente ao próprio edifício — no propósito de o salvar do camartelo.

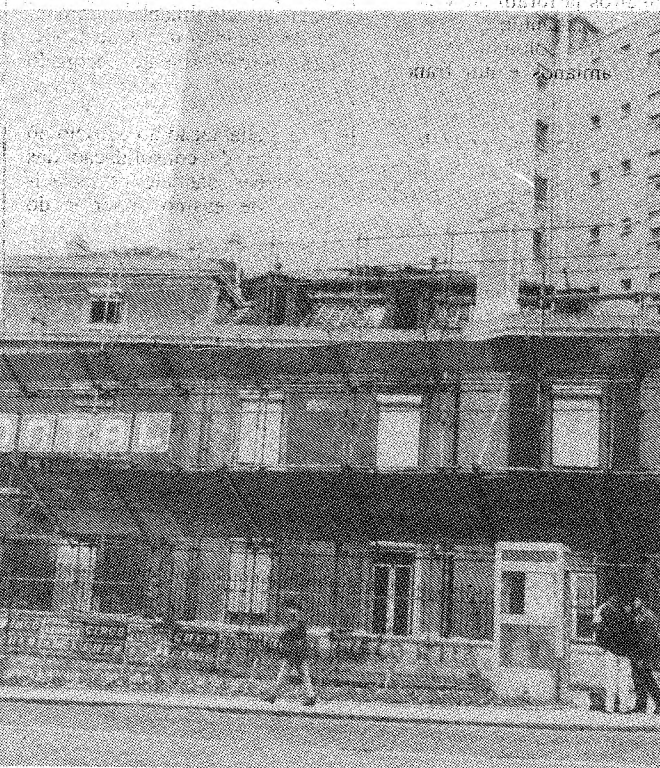
O negócio imobiliário impôs as suas leis e, desde há dias que o prédio, já destelhado, está a ser demolido.

Foi no Verão de 1983 que a «Bonança» avançou com a ideia de vender o prédio. A direcção de então, apanhada de surpresa, quase nada pôde fazer. Estancar a tentativa, foi a ideia que naturalmente ocorreu, face ao esquema como foi confrontada com um facto consumado: um processo de avaliação logo (em Agosto de 1983)

considerado expedito.

Mandado construir em 1893 pelo médico António Maria de Lencastre, o prédio do edifício do Clube Militar Naval resistiu mais de cinco anos ao camartelo. Só a semana passada, como já dissemos, começou a ser demolido. Para trás deixou, no sítio central em que se localizava, uma importante obra cultural. Chegou a ter mil e seiscentos associados, nem todos pelas mesmas motivações, para além do denominador comum que os unia. Havia os que aí iam pelo componente cultural (por entre um «drink», antes ou depois), outros que apreciavam a sua localização, muito central, para aí jantar. E, ainda, os que iam lá pela cavaqueira.

Era uma vez o Clube Militar Naval na Praça Marquês de Pombal...



Com banco de dados e sistema de telecomunicações

PESCA PORTUGUESA NA ZEE VAI SER CONTROLADA VIA SATÉLITE

A pesca na Zona Económica Exclusiva (ZEE) portuguesa será controlada, já a partir de 1990, com o auxílio de um banco de dados e de um sistema de telecomunicações via satélite. O sistema, considerado pioneiro neste tipo de operações, tem como finalidade garantir um efectivo controlo e vigilância da ZEE portuguesa, permitindo simultaneamente a protecção de recursos, orientar de modo selectivo o esforço de pesca e prevenir a actuação de frotas estrangeiras.

O projecto da Secretaria de Estado das Pescas está orçado em cerca de 4 milhões de contos e é participado pelas Comunidades Europeias em 50 por cento.

O programa envolverá 30 unidades da Marinha e da Força Aérea — 27 navios e 3 aviões

— equipadas com radares e terminais remotos do computador central do sistema de controlo, um satélite e uma estação terrestre de recolha e transmissão do sinal.

Será através desta estação terrestre, que está a ser montada em Algés, que se tornará possível proceder ao controlo e vigilância da imensidade da ZEE portuguesa, uma vez que toda a informação sobre a actividade de pesca se encontrará disponível durante 24 horas para que se tornem viáveis as operações de patrulhamento e fiscalização.

Portugal continental e as Regiões Autónomas da Madeira e Açores têm uma extensão de mar que ronda os 1,8 milhões de metros quadrados, o que representa 18 vezes mais do que a terra, cuja superfície anda pelos 930 mil quilómetros quadrados.

Precisamente por isso, a Comunidade Europeia apoiará os programas «sistema de monitorização contínua das actividades de pescas em águas portuguesas» (MONICAP) e «sistema de vigilância e controlo das actividades de pesca em águas sob soberania e jurisdição portuguesa».

Segundo o estudo «Sistema de Controlo e Vigilância de Actividades de Pesca», Portugal está a preparar-se para dar novos passos pela extensão e forma tripartida da sua ZEE, que ocupa cerca de 500 mil milhas quadradas.

Presentemente, cerca de cinco centenas de navios estrangeiros estão a pescar nas águas sob jurisdição portuguesa, assim distribuídos: nos Açores 110 barcos de nacionalidade france-

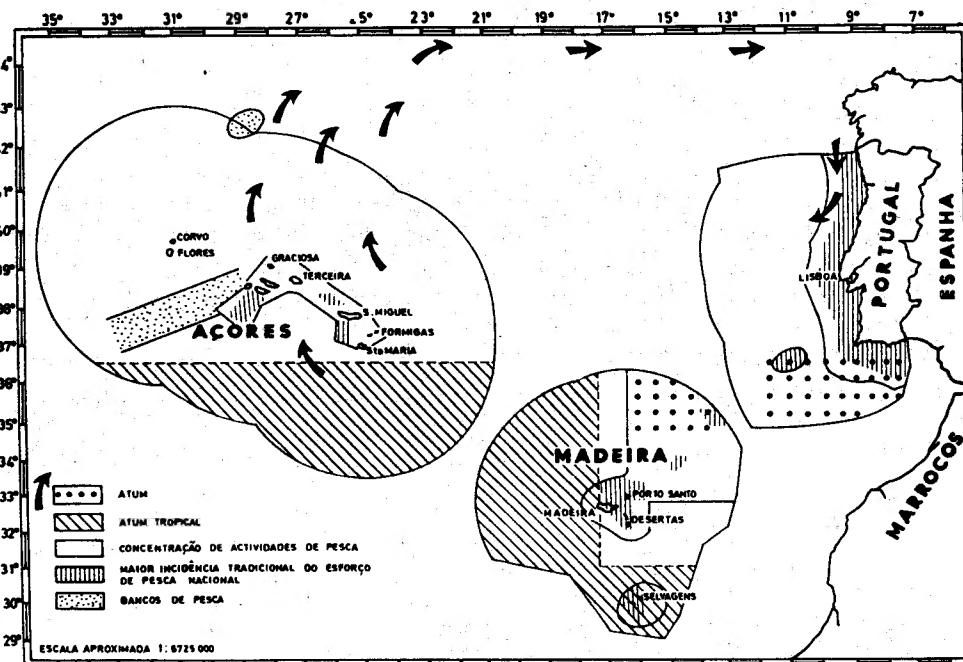


FIG. 1 - ÁGUAS SOB JURISDIÇÃO PORTUGUESA (ZEE)

sa e no continente também 110 barcos franceses e mais cerca de 300 espanhóis (excluindo-se, neste último caso, as embarcações que actuam ao abrigo de acordos de vizinhança, entre os quais 10 cercadores).

O caso do Japão

Outros países desenvolvem actividades pesqueiras ao abrigo de acordos específicos como é o caso do Japão.

Mas é também olhando para o futuro e o termo das condições de excepção que vigorarão durante o período de transição (10 anos), que o problema do controlo e fiscalização das actividades de pesca deve ser apreciado.

Essa tarefa, além de uma estrutura organizativa, pressupõe instrumentos ajustados à natureza e volume dos problemas.

Nesse sentido, o caso de Portugal assume uma especial acuidade, desde logo por se tratar de um dos poucos espaços oceânicos da Comunidade alargada, onde ainda é possível pensar em termos de desenvolvimento pesqueiro.

Constituem razões justificativas, devido ao valor das capturas como o tipo de pesqueiros e as características da plataforma, as seguintes três áreas: a metade norte da costa ocidental, o triângulo definido entre a zona fronteira ao cabo da Roca, Setúbal e Sines, e os mares algarvios.

Complementarmente, a faixa que se estende ao largo da costa oeste, para lá da beirada, e a zona de Gorringe, correspondem a

pesqueiros com interesse, justificando uma actividade de pesca expressiva.

Nas regiões insulares são os bancos que ocupam o lugar privilegiado na sustentação do esforço de pesca local não caracteristicamente sazonal, como será a captura de grandes migradores.

A execução das acções de controlo das actividades de pesca depende dos instrumentos colocados à disposição, e a experiência de outros países demonstra que nas zonas de pesca as operações conjuntas de vigilância «ar-superfície» constituem o método mais efectivo para assegurar o máximo de cobertura de uma determinada área.

É assim que o recurso ao helicóptero permite aumentar a superfície de vigilância, detecção e controlo cerca de 8 vezes (passando o nível de cobertura para umas 2000 milhas quadradas/hora), mas o emprego de aviões poderá assegurar um acréscimo ainda mais substancial da área varrida (atingindo um nível aproximado da ordem das 4000 milhas quadradas/hora).

A articulação entre patrulhas de reconhecimento aéreo e de superfície terá como base um sistema de comunicações eficaz e a utilização de meios informáticos de tratamento de dados e armazenamento de informações.

Ao estabelecer, por decisão unilateral, tal como outros estados, uma ZEE de 200 milhas, Portugal viu aumentar em cerca de 41 vezes a área marítima ad-

jacente na qual tradicionalmente opera parte significativa das suas frotas artesanal e costeira, isto é, os limites da plataforma continental.

A estrutura peculiar do território português, com duas regiões insulares densamente povoadas e bastante distantes tanto entre si como do continente, deu lugar a uma ZEE tripartida, ocupando uma larga extensão do Atlântico oriental.

A nível interno, o esforço de pesca foi incidindo, na sua quase totalidade, numa faixa costeira (a plataforma continental), que, em média, não excederá as 20-30 milhas de largura e a exploração de bancos pesqueiros, sobretudo nas ilhas e de certos migradores, quando de passagem, completam o essencial do quadro.

Nos últimos anos, segundo o estudo da Secretaria de Estado das Pescas, este panorama começou a sofrer alterações, observando-se uma gradual expansão da actividade para áreas não tradicionais, como os pesqueiros mais distantes, a beirada e as zonas de maior profundidade de linha tem maior expressão.

Este movimento centrífugo tenderá a aumentar no futuro imediato, modificando-se ainda mais o actual padrão de actividades pesqueiras em águas nacionais.

O dispositivo que os portugueses vão lançar assegurará, no futuro, o controlo e vigilância de pesca nas águas sob a sua jurisdição, com dispositivos naval e aéreo previstos para a cobertura normal da região.

BANCO DE PORTUGAL

DEPARTAMENTO DE EMISSÃO E TESOURARIA

AVISO

O Banco de Portugal leva ao conhecimento do público que vai pôr em circulação, por intermédio das Instituições de Crédito, a moeda de 100\$ em cuproníquel, comemorativa do X Aniversário da Autonomia Regional dos Açores, criada pelo Decreto-Lei n.º 210/88, de 17 de Junho.

Lisboa, 9 de Janeiro de 1989

BANCO DE PORTUGAL
Os Vice-Governadores

António Carlos Feio Palmeiro Ribeiro

Walter Waldemar Pêgo Marques

As boas-festas ao "Diário de Lisboa"

Continuamos a receber dos nossos leitores, anunciantes e amigos, os votos de Boas-Festas, que agradecemos e retribuimos, desejando igualmente um ano próspero.

Registamos hoje mais as seguintes mensagens:

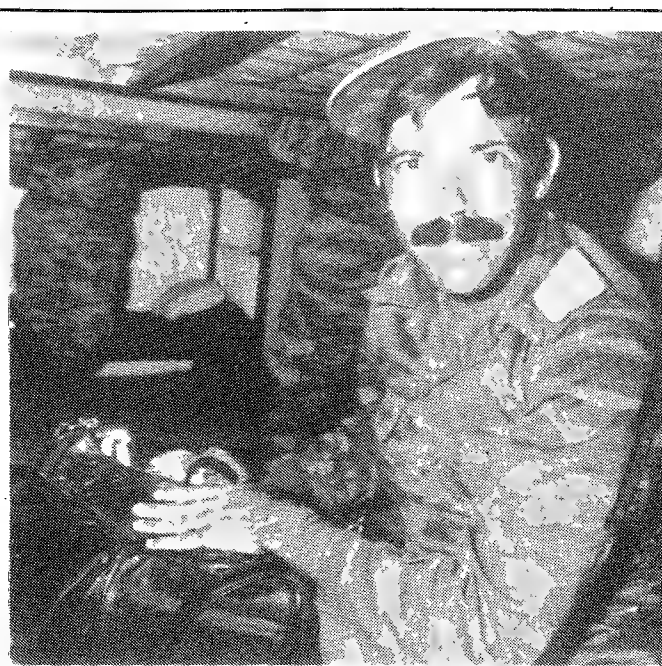
Dr. Marcello Duarte Mathias, João Pedro Carvalho Guimarães, Bruno Neves, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Cruz Vermelha Portuguesa, Câmara

Municipal do Barreiro, Instituto Nacional de Estatística, Express Cargo, Comunidade dos Refugiados de Timor, jornal «O Semanário», Mirandela & C.ª (Irmão), Ld.ª, Matingrafe, Gilde, Drent Eerbeek Holand, Comunidade Portuguesa 10 de Junho (Bem-birre - Leon), Cenfic, Fantástico, Polygram Discos, Rui Horta e amigos, conjunto musical Xutos & Pontapés, Comissão Instaladora do Centro das Taipas,

Trump's, Agência Efe, União dos Bancos, Profoto, Ld.ª, Vidisco, Inter-Música Internacional, Season's Greetings, Impri-marte, Federação Portuguesa de Andebol, Maria Estrela, Manuel Serrano, Miguel Higuera Cleries, Manuel Jesus Amaro, Carlos Maia Malta, Carlos Botto e Carmo, Paulo Roberto, Tean-Young & Rubicam, Comité Português para a UNICEF, embaixador da República da Nigéria e Horwarth & Horwarth.



Um membro das milícias xiitas muçulmanas em Kafarhata, no sul do Líbano, mostra aos fotógrafos o local onde três colegas seus foram atingidos a tiro durante confrontos entre elementos do seu movimento e os do Hezbollah (Partido de Deus).



Um soldado cubano não identificado coloca a sua mala no interior de uma tenda de campanha. (Notícia nesta página).

Cepticismo perante anúncio de trégua anunciada pela ETA

O anúncio de uma trégua unilateral de 15 dias pela organização separatista basca ETA foi ontem acolhido com cepticismo pelos partidos bascos e com um «no comment» do presidente do governo, Felipe Gonzalez. Em comunicado publicado no diário radical basco «Egin», a organização basca oferece a trégua «como prova de boa vontade e sinceridade negociadora», de modo a procurar uma saída para «o contencioso que opõe o povo basco ao Estado espanhol». A ETA insiste numa negociação «política», que tem como pontos-chave o reconhecimento da autodeterminação do País Basco, a saída das forças de segurança do Estado desta região e a incorporação na comunidade autónoma basca da vizinha Navarra. Poucas horas depois deste anúncio o chefe do governo espanhol, Felipe Gonzalez, disse aos jornalistas não «ter comentários a fazer», limitando-se a acrescentar que «sempre que decidam deixar de matar é factor positivo». Os partidos bascos foram mais além nas suas considerações e a maioria coincidiu em que pode ser uma tentativa da ETA para sair do isolamento em que se encontra. O presidente do governo regional basco, Jose Antonio Ardanza, afirmou que a ETA se encontra «marginalizada e encurralada» e o líder da esquerda basca, Juan Maria Brandes, salientou que «a organização separatista está mais isolada que nunca».

Aumenta tensão Bélgica-Zaire

A tensão entre a Bélgica e o Zaire aumentou depois de as autoridades de Kinshasa terem proibido sábado, a aterragem no aeroporto da capital a um voo regular da companhia aérea belga Sabena. O ministro belga dos Negócios Estrangeiros, Leo Tindemans, afirmou ontem num programa de televisão que o último incidente entre os dois países constitui «um caso grave» e que espera uma explicação oficial do governo zaireense. Tindemans acrescentou não entender a razão pela qual o avião das linhas aéreas belgas não aterrou em Kinshasa, já que existe um acordo bilateral sobre ligações aéreas entre os dois países. A tensão nas relações entre a Bélgica e o Zaire tem aumentado paulatinamente nos últimos meses, ao não serem resolvidos os problemas do pagamento da dívida externa do Zaire ao Estado e às empresas de Bruxelas. O presidente Mobutu pediu inclusivamente no mês de Dezembro aos residentes zaireenses na Bélgica para abandonarem esse país, e para venderem todos os seus bens. O Zaire, antiga colónia belga, conseguiu a independência em 1960, e Mobutu, que subiu ao poder cinco anos mais tarde, após um golpe militar, é acusado de violar os direitos humanos.

Shevardnadze em Pequim prepara cimeira

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, visita a China em Fevereiro, a fim de organizar uma cimeira sino-soviética — foi anunciado em Moscovo. A visita foi decidida durante um encontro com o seu homólogo chinês, Qian Qichen, em Paris, onde ambos participam na conferência internacional sobre armas químicas. Os dois ministros consideraram esta visita um «importante passo para a preparação da cimeira entre a China e a União Soviética».

Cuellar faz prelecção sobre o Nobel

O secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, dá hoje em Oslo uma palestra sobre o prémio Nobel da Paz, com que foram distinguidos há um mês os «capacetes azuis» (forças de manutenção da ordem) da ONU. O presidente do comité norueguês do prémio Nobel, Egil Aarvik, aguardou o secretário-geral da ONU, ontem à noite, no aeroporto.

Primeiro contingente de 450 soldados parte de Luanda

CUBANOS COMEÇAM AMANHÃ A ABANDONAR ANGOLA

Soldados de infantaria, artilheiros e pilotos de Cuba, que começam amanhã a deixar Angola, manifestaram hoje satisfação por regressar a casa e orgulho pelo que consideram a sua vitória sobre o Exército sul-africano. Jornalistas estrangeiros visitaram ontem pela primeira vez, o campo de trânsito nos arredores de Luanda onde está concentrado o primeiro contingente cubano a deixar Angola, constituído por 450 militares cubanos, homens e mulheres.

As mulheres pertencem à bateria feminina de artilharia antiaérea, o Batalhão Mariana Grajales, nome de uma heroína da guerra de independência de Cuba contra a Espanha.

Para as tropas cubanas prestes a partir, o seu papel na guerra de Angola foi decisivo para forçar a retirada sul-africana e a conclusão dos acordos de paz.

«Esta é uma fonte de grande prestígio para as forças armadas cubanas», disse o coronel Venancio Ávila Guerreiro, que comandou as tropas do seu país na defesa do Cuito Cuanavale, Sudeste de Angola, no ano passado.

Os jovens militares afirmam que os sul-africanos, em-

bora bem equipados e com armamento sofisticado, «eram cobardes e fugiam».

«O nosso moral era muito elevado, o que contribuiu para a derrota dos invasores», disse o soldado Roberto Figueiredo, de 23 anos.

Os militares cubanos concentrados no campo confessaram que a separação da família e dos amigos foi o que mais lhes custou, mas disseram estar prontos a regressar se Pretória desrespeitar os acordos tripartidos de Dezembro e reenviar soldados para o sul de Angola.

O general-comandante da missão de verificação da ONU em Angola (Unavem), Péricles Ferreira Gomes, afirmou à agência Lusa que Angola

está a facilitar inteiramente a sua missão de fiscalização, apesar de subsistirem problemas logísticos para os 70 oficiais sob sua dependência.

Interrogado sobre se será eficaz a missão de verificação da ONU e se esta pode garantir uma efectiva retirada cubana, Ferreira Gomes disse que à Unavem só compete verificar o embarque dos soldados cubanos.

«Se eles embarcassem em Luanda e voltassem a desembarcar noutra local do país isso estaria fora do nosso âmbito», disse.

«A nossa missão é bem definida e como tal o chefe militar vai interpretá-la segundo o acordo que Angola e Cuba assinaram na ONU», disse, explicando: «Compete à Unavem verificar a retirada das tropas cubanas de Angola e a missão não vai além disso».

«O destino que terão as tropas cubanas ou o que acontecerá depois não nos compete fiscalizar», afirmou.

POSTOS DE VERIFICAÇÃO

Entretanto, o chefe do Estado-Maior-General das FAP, general António dos San-

tos França, «N'Dalu», disse que os postos de verificação angolano-sul-africanos na fronteira com a Namíbia continuam a ser montados, apesar de alguns atrasos.

Esses postos, cerca de uma dezena, decorrem do acordo bilateral e servirão para verificar, que nenhum dos países viola o acordado no que respeita à integridade territorial de ambos.

«A montagem dos postos não é simultânea», disse, acrescentando que se estão «a tomar as medidas necessárias para a sua concretização».

O mesmo responsável militar angolano confirmou que esses postos também serão colocados na faixa de Caprivi, tendo-se recusado a comentar informações sobre eventuais recontros entre soldados dos dois países naquela zona.

Interrogado sobre se acreditava que a África do Sul tinha cessado o seu apoio à Unita, França «N'Dalu» disse «não ter informações concretas», mas que «acredita que eles terão de deixar de o fazer, pelo menos em termos logísticos e em material».

Arafat tem informações sobre acções futuras de Israel

O líder da Organização de Libertação da Palestina (OLP), Yaser Arafat, afirmou na capital da Jordânia ter informações de que Israel levará a cabo operações no exterior contra objectivos palestinianos, informou a rádio de Amã.

Em conferência de Imprensa ontem realizada para análise das conversações entre Arafat e o rei Hussein, o líder da OLP advertiu para «uma agressão sionista no Líbano contra a presença palestina em Tiro e Sidon,

Sul desse país».

Arafat declarou que nas conversações com o monarca acham-se «foram postos na mesa problemas muito importantes, como a urgente necessidade de convocar uma cimeira árabe para debater o problema palestiniano e as bases de uma acção conjunta para a paz definitiva na zona».

O líder palestiniano disse ter falado com Hussein sobre o papel importante dos Estados Unidos na consecução de uma paz

justa na zona, «papel importante tanto pelo seu carácter de superpotência como pela história».

O governo jordano decidiu no sábado elevar ao nível de embaixada a delegação que a OLP tinha em Amã.

Por seu turno, o chefe das relações internacionais do Partido Trabalhista britânico, Gerald Kaufman, disse ir agora a Tunes efectuar uma «discussão construtiva com Yasser Arafat».

Ao falar no aeroporto londrino de Heathrow, antes de partir

para a capital da Tunísia, Kaufman salientou que falará com Arafat «sobre as últimas posições do governo israelita e da Organização de Libertação da Palestina».

Entretanto, o novo ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Moshe Arens, reuniu-se ontem com o seu homólogo egípcio, Esmat Abdel-Meguid, em Paris, correndo notícias sobre uma iminente iniciativa israelita de paz.

Conferência Internacional

URSS vai iniciar destruição de armas químicas este ano

A União Soviética começará a destruir os seus 'stocks' de armas químicas este ano, mesmo antes de ser alcançada uma convenção internacional proibindo a produção e posse de gás venenoso, afirmou ontem em Paris o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros. "Começaremos a eliminar de imediato os nossos 'stocks' de armas químicas mesmo antes da assinatura de uma convenção sobre armas químicas", disse Eduard Shevardnadze na conferência internacional sobre proibição de armas químicas a decorrer em Paris.

Shevardnadze afirmou que a União Soviética iria começar a destruição das suas existências de gás venenoso no decurso deste ano, numa unidade especial agora em construção.

Shevardnadze propôs ainda a realização de um encontro de ministros dos Negócios Estrangeiros a fim de tentar acelerar os trabalhos inerentes a um acordo.

Moscou anunciou em 1987 que dispunha de 50 mil toneladas de armas químicas. Govenos de países membros da Aliança Atlântica contestam este número e referem que o montante total deve ser de 300 mil toneladas.

Os Estados Unidos são o único país que admite possuir armas químicas.

Mas peritos Ocidentais afirmam que cerca de 20 países têm armas químicas ou capacidade para as produzir.

Contrariamente ao aplauso dos delegados dos países de Leste, a decisão soviética de destruir as armas químicas foi acolhida com frieza pelos delegados norte-americanos à conferência de Paris.

Os trabalhos da conferência (com a participação de representantes de 140 países) prosseguem hoje, após os confrontos verbais de ontem entre Israel e os países árabes.

Israel e a Líbia acusaram-se mutuamente de posse de armas químicas.

Um após outro, os ministros árabes dos Negócios Estrangeiros disseram que os seus países não tinham armas químicas nem gás tóxico e que o único Estado do Médio Oriente a ter essas armas era Israel.

O ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Moshe Arens, que falou durante 15 minutos nos trabalhos de ontem, nunca admitiu que o seu país possuísse tais armas.

Fontes Ocidentais receiam que as exigências árabes para que a proibição dessas armas seja simultânea com o desarmamento nuclear, por causa de Israel, dificultem o consenso para a elaboração de um documento final.

Shultz e Shevardnadze reuniram-se em Paris

O secretário norte-americano de Estado, George Shultz, disse que o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, lhe prometeu ontem analisar a questão da alegada fábrica de armas químicas na Líbia.

Numa conferência de Imprensa após a prolongada reunião na embaixada soviética em Paris, a trigésima primeira entre os dois, Shultz referiu ter informado o seu homólogo sobre os elementos em poder de Washington que comprovam as suas acusações contra a Líbia.

"Fiquei bastante satisfeito com a sua resposta", disse o secretário de Estado, acrescentando que o ministro soviético afirmou que "ia estudar o assunto".

Líbia ordena expulsão de jornalistas estrangeiros

As autoridades líbias intimaram os mais de 180 jornalistas estrangeiros a deixar o país até ontem, depois de os ter impedido de visitar a polémica fábrica de Rabta.

O ministro da Informação disse que o seu Governo iria pôr à disposição dos jornalistas um avião para seguirem para Roma.

Os jornalistas, transportados em três autocarros, conseguiram estar a 200 metros da fábrica que os Estados Unidos acusam de se preparar para produzir armas químicas.

Para percorrer os 200 metros que os separavam da fábrica, os jornalistas subiram para os autocarros que, perante a surpresa de todos, iniciaram a viagem de regresso a Trípoli.



Vista parcial dos destroços do avião que se despenhou próximo de Leicester, na Grã-Bretanha, provocando 41 mortos e dezenas de feridos entre os ocupantes do aparelho.

QUEDA DE AVIÃO NA GRÃ-BRETANHA PROVOCA 41 MORTOS

Traumatizados ainda pelo drama de Lockerbie, onde um avião da Pan Am explodiu em voo há quinze dias (270 mortos), os ingleses tiveram ontem à noite um novo desastre (41 mortos), perto de Leicester. Junte-se-lhe o desastre ferroviário de Clapham Junction (34 mortos) em princípios de Dezembro. A série negra continua.

O voo BD 92 Londres-Belfast não passava afinal dum voo de rotina, sobre a rota aérea interior mais concorrida da Grã-Bretanha. Passava um pouco das sete e meia da noite de ontem quando o Boeing 737 da British Midlands partiu do Aeroporto de Heathrow com 126 pessoas a bordo, passageiros e tripulação. Dez minutos depois o piloto comunicava à torre de controlo que o motor esquerdo estava em chamas. Foi-lhe então ordenado que se dirigisse para o pequeno aeroporto de East Midlands, para uma aterragem de emergência.

Em terra, os serviços de apoio — torre de controlo, bombeiros, ambulâncias, etc. — do Aeroporto de East Midlands foram colocados em estado de alerta. Pouco depois, o piloto do avião comunicava que tinha o incêndio sob controlo e pedia autorização para aterrar. A autorização foi-lhe dada, e a pista

indicada. Mas quando o avião apareceu à vista, a uns 3 quilómetros da extremidade da pista, era evidente que ele vinha baixo de mais e que um desastre era inevitável. Os serviços de apoio foram activados. O segundo motor incendiou-se, o avião continuou a perder altitude, passou rasante, a menos de 20 metros de altura, sobre a localidade de Kegworth e sobre a auto-estrada M1, a via rodoviária mais frequentada da Grã-Bretanha e embateu contra o solo a uns 800 metros do começo da pista, partindo-se em três pedaços.

Os serviços de assistência médica foram rapidamente organizados, e os sobreviventes começaram a ser evacuados para os hospitais de Leicester, Derby e Nottingham, à medida que centenas de bombeiros e de particulares os iam tirando dos escombros.

As 10 desta manhã, 41 mortos

já tinham sido contabilizados, mas nem todas as vítimas já tinham sido tiradas dos destroços, e alguns dos sobreviventes encontram-se em estado crítico. Como Kegworth escapara de pouco ao destino de Lockerbie, não houve quaisquer vítimas em terra. O mesmo se pode dizer dos automobilistas sobre a auto-estrada M-1.

No desastre do avião da AM, a hipótese de atentado à bomba está confirmada. Tal não é o caso actual, em que a avaria mecânica parece ter sido a única na origem do desastre. Além disso, o Boeing 747 da Pan Am era um avião com quase 20 anos de idade, enquanto que o Boeing 737 da British Midlands acabava de ser entregue à companhia há poucas semanas, e tratava-se de um dos primeiros 18 modelos na sua versão alongada em utilização em todo o mundo. Os motores, fabricados conjuntamente pela GEC (EUA) e pela SNECMA (França) são duma fiabilidade a toda a prova.

Paul Channon, o secretário (ministro) dos Transportes, deslocou-se imediatamente ao local do acidente. Um inquérito às causas do acidente foi imediatamente iniciado, mas as suas conclusões só serão divulgadas daqui a semanas.

Filipinas: rebeldes sugerem a hipótese de novas conversações

Rebeldes comunistas sugeriram a hipótese de novas conversações de paz com o governo da presidente Corazón Aquino, quase dois anos depois de a primeira ronda de conversações ter falhado.

A oferta é feita no editorial de Dezembro de um jornal editado pela ilegalizada Frente Democrática Nacional. Cópias dessas publicações foram hoje distribuídas.

No editorial, a Frente, depois de algumas acusações ao governo, afirma que «consciente dos pesados sacrifícios suportados pelo povo em resultado da polí-

tica de guerra total, declara a sua boa vontade em voltar a explorar com todas as partes sinceramente interessadas a possibilidade de um acordo polivalente em questões políticas, económicas, sociais e militares referentes ao conflito armado».

Não há ainda qualquer comentário do governo. Corazón Aquino prometeu esmagar os rebeldes antes de expirar o seu mandato em 1992.

A presidente ordenou entretanto a punição dos polícias corruptos, depois de uma rebelião de três dias num quartel regional que se saldou em 21 mortos.

A rebelião iniciou-se na quinta-feira, quando 15 polícias e seus apoiantes tomaram o quartel de Cawa-Cawa e fizeram reféns o brigadeiro-general Eduardo Batalla e o seu ajudante por discordarem do plano do general para os deter por envolvimento num assassinio em 1984.

Forças governamentais retomaram a guarnição no sábado, depois de saberem que Batalla e o ajudante tinham sido assassinados.

Aquino referiu hoje que o líder da rebelião, Rizal Alih, poderá ter conseguido fugir.

Japão iniciou ano I da era do imperador Akihito

O Japão vive hoje o segundo dia do ano I da era «Heisei», nome que o governo deu à época do reinado do novo imperador Akihito.

No Japão é tradicional que se dê um nome especial ao reinado de cada imperador (ao de Hirohito foi dado o nome de «Showa», paz e harmonia) e que os anos se contem de forma independente em função de cada era, ainda que seja também utilizado o calendário gregoriano.

A palavra «Heisei», oriunda de textos clássicos chineses, significa paz e êxito, embora possa igualmente ser traduzida de outras formas.

O dia de hoje é também o terceiro de luto nacional pela morte do imperador Hirohito, que morreu no sábado devido a um cancro. Contava 87 anos.

O governo, reunido em sessão extraordinária, decidiu marcar o funeral do imperador para 24 de Fevereiro. Calcula-se que assistirão às cerimónias cerca de 10 000 pessoas, incluindo 40 chefes de Estado ou de Governo.

Entretanto, a mudança da era custará ao país o equivalente a 56 000 dólares (cerca de 8,4 milhões de contos), segundo cálculos de um centro de investigação em Tóquio.

O nome da era imperial aparece impresso em todos os formulários oficiais, impressos e documentos privados, para além de ser cunhado nas moedas e nos bilhetes de transportes, entre outros.

Dois suicídios

Um segundo antigo soldado japonês enforcou-se, deixando uma nota em que dizia desejar seguir o imperador Hirohito na morte — informou hoje a Polícia japonesa.

Um transeunte encontrou o corpo de Yohichi Terunuma, de 76 anos, suspenso de uma árvore na zona de um santuário, ontem à tarde — indicou um porta-voz policial de Kat-suta, cerca de 100 quilómetros a nordeste de Tóquio.

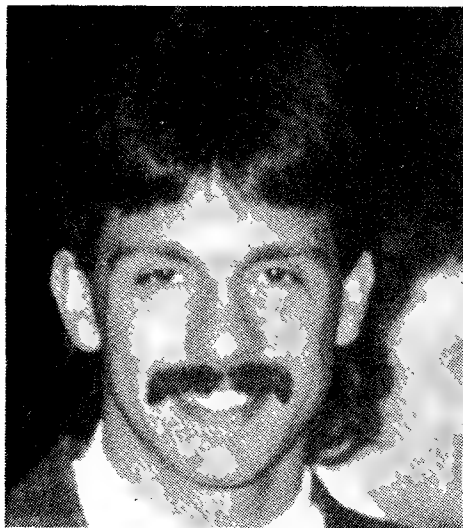
Numa nota encontrada no bolso de Terunuma, este afirmava: «permitam-me que siga o generalíssimo (...) como um soldado».

No sábado, um homem de 87 anos que prestou serviço no exército imperial japonês enforcou-se perto de sua casa em Nakayama, 450 quilómetros a sudoeste de Tóquio. Deixou também uma nota dizendo que queria seguir o imperador na morte.

Hoje, os órgãos de Informação japoneses regressaram ao seu normal, depois de um fim-de-semana de programação solene na sequência da morte do imperador.

Rosa e Canário "reis" no Algarve

Pág. 18



Cascavel outra vez na gala da "Adidas" no Mónaco

Pág. 15



Vargas Cardoso: coronel comanda nossa ginástica

Pág. 15



Bandeirinha começou a içar a bandeira boavisteira.



Cerqueira escoltado por forte pelotão

Nacional de futebol

ALVALADE BATE TODA A CONCORRÊNCIA

Neves de Sousa

Apenas um bruxo encartado, com diploma de cinco estrelas e todas as varinhas de condão a seu favor, poderia antecipadamente admitir um painel de resultados como o que se verificou nesta abertura de ano no denso e complicado, sofrido e cáustico campeonato luso-brasileiro de futebol, que proporcionou surpresas de tal quilate que o melhor é a gente beliscar-se antes de nelas acreditar, de ficar sabendo que, para além do duo de comandantes ter travado a aceleração, os briosos fafenses foram a Viseu obrigar os alunos de Fernando Cabrita a baixarem bandeira, deslizando para o rés-do-chão de todo o edifício pontual, que a tenacidade bracarense conseguia surpreender setubalenses de fino quilate, igualmente que o sensacional e espectacular Beira-Mar era capaz, na Amadora, de proeza de cruz.

Foi (não restem dúvidas) uma rodada de alta emotividade, com 25 ondulações da rede de corda que marcam o ponto mais apetecido e, como bem se compreenderá, um chorrilho de lances que poderiam (igualmente) dar a felicidade a uma fatia das plateias mas ficaram no tinteiro, perdidas em fumo ou diluídas na água que a esta hora desliza sob as pontes.

Sábado, foi logo caprichoso naqueles golpes minhotos que, à beira do Bonfim, deram novo alento a um Braga que parecia englobado no lote dos quase sacrificados. Um golo de rajada, ainda as espingardas saíam das cartucheiras. Depois, quase sem dizer lá vai disto, Kiki a imitar Valtinho e toda a legião verde-branca a ficar encabulada, ainda que Jordão, esse jovem que é modelo e exemplo de alto profissionalismo, procurasse dar o lamiré para a reviravolta. Veio a eficaz cobrança de uma grande penalidade que Jorge Coroadó decidiu entre algumas dúvidas: e, quando se pensava que esse saque ao tesouro minhoto daria ânimo para os vitorianos chegarem (pelo menos) ao nulo, sucedeu o golpe de misericórdia. Rui Salas, o dirigente que chefia o futebol setubalense diria mais tarde que fora criada, durante a semana, uma «filmagem» que perturbara as hostes chefiadas por Manuel Fernandes, quando em diversos sectores foi divulgado que tanto Mladenov como Jorge Martins poderiam ser armas futuras do clube do presidente Fernando Oliveira. Aconteceu, porém (e é justíssimo recordar isso) que a turma do «8.º

exército» se descontrolou, perdendo a concentração, mesmo quando ficou com vantagem numérica por expulsão de Valtinho, que estava a funcionar como chama e metralha bracarense. Só que, incrivelmente para a sua classe e experiência, o campeão Eurió disse qualquer coisa que não soou bem ao juiz e Jorge Coroadó mandou-o também para o banheiro. Estava escrito que viria ainda o terceiro remate eficaz dos discípulos de Vítor Manuel: e tudo se acabava para um Setúbal que, nos lembre, pela vez primeira perdeu por culpa própria uma discussão que tinha presa à sua isca.

Talvez que a «branca» maior tivesse acontecido no Bessa, não tanto pelo desaire dos «dragões» mas pelo volume do «placard» que ficou desfavorável nos planos de Artur Jorge.

Agigantaram-se os axadrezados a partir do instante em que, contando com uma defesa firme e perfeitamente interligada, adquiriram um chefe de operações do quilate de Elói e concretizadores da ordem de Nelson, gente graúda que logo obrigou Walker, Parente, Isaias e Jorge Andrade a entrarem em brios para que um bem dilatado milhão de juízes ficasse vendo como está a turma que Raul Águas pegou de bandeja de um Pepe que não pode ser esquecido neste instante em que o complemento do seu trabalho está mostrando validade. Do outro lado da barricada, bem se esforçou o muito prometedor Domingos, bem labutou Zé Beto para evitar quinto golo, que seria escândalo de todo o tamanho somente para quem não tivesse seguido atentamente a marcha das operações. Foi um piparote bem na ponta do queixo-portista e (nisto funcionando os alcatruzes da nora) mais soberbo aliciante para um torneio onde não se avista a mais ténue luz lá para o fim do túnel.

Até porque, na cave do prédio, as coisas complicaram-se e de que maneira: não acontecesse o magro êxito portimonense e (de certeza) haveria revolução na chefia do bloco que esta época só tem dado desgostos ao presidente Manuel João. Teve infelicidade o Marítimo do nosso grande madeirense Manuel Fernandes: viajou na pior altura a um Algarve que começa a ver que as estrelas da sorte estão de costas para os seus melhores estandartes, o Farense também mergulhado em tristeza, sentindo bem próxima a companhia fafense e dilatado o fosso que terá de transpor para, no mínimo e para já, se unir a um Leixões que saiu bem batido de Alvalade, mas muito podendo agradecer aos deuses de Matosinhos a protecção recebida naqueles con-

secutivos falhanços de Cascavel e Plácido, Silas e Forbs que, a resultarem no lógico corolário da produtividade leonina, forneceriam a grande goleada do cartaz.

Nada espanta a equitativa divisão pontual na Amadora, na recepção do alternativo e instável Estrela ao sólido e coriáceo Beira-Mar, a essa embaixada da bela Aveiro (de Gilberto e Domingos Nunes, de uma boa quota de amigos sempre de braços estendidos para quem chega de outras terras) de um «team» que vai espalhando o terror por onde desfila. Mas, se era esperada certa paridade na balança em Espinho, conhecida a fraca audácia de Mortimore (espelhada na sua esquadriha) e vinculada a força dos «tigres da Costa Verde» no propósito de rapidamente subirem a poleiro sossegado, poucos acreditariam que fafenses fossem derrubar o Fontelo e que flavienses nada mais lograssem que confirmar a esplêndida carreira dos «nacionalistas» madeirenses.

Como se disse, farenenses serviram apenas para melhor trampolim do «onze» de Geninho, o treinador brasileiro que tem andado sobre o fio da navalha. Restará saber o que pode acontecer no «S. Luís», quando Fernando Barata deitar contas à vida e reparar para onde está perigosamente inclinado o emblema algarvio que mora na cova das víboras.

Restará (também) não ficar aturdido com o «show» penafidense nestas últimas chamadas à grande competição do pontapé na bola. José Romão já nos habituou a, pé ante pé, ir colocando o bloco de Amâncio em pleno de toda a responsabilidade: ainda que o Benfica não tenha (minimamente) menosprezado o valor do dono da casa que ia visitar, talvez a ausência de Magnusson (lesionado) e de Álvaro (Deus e a tesouraria da Luz saberão porquê...), agravadas pela lesão de Mozer e pela ostensiva abdicação (ou preferência) que voa sobre o vastíssimo «plantel» da «água» tenham contribuído para o real desequilíbrio que a turma vem acusando. O que, é mais que evidente, não possa significar que está ao perfeito alcance de Toni limpar a onda e continuar, como até agora, a revelar-se, um chefe que, bem acompanhado pelo leal, exemplo de Eusébio e por uma direcção que nele deposita toda a confiança, marcha na vanguarda do comboio que, ao deslizar por diversas paragens na sua 20.ª viagem, deu impulso magnífico a um Sporting que, cobrando belos dividendos, em várias latitudes, reaparece como grande senhor, de espada em riste para o que der e vier.

Era só o que faltava ao Benfica

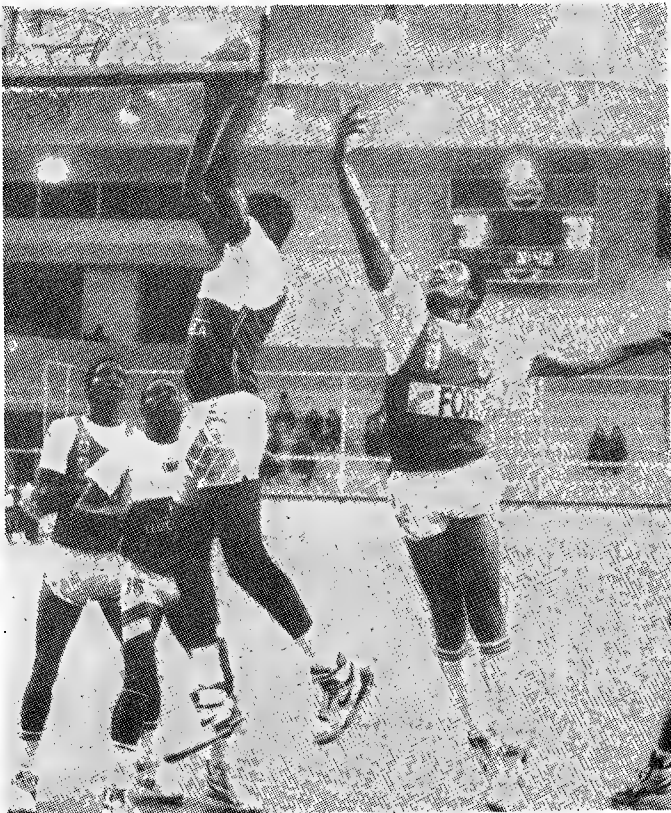
Liderando os nacionais de futebol, andebol e hóquei em patins somente restava aos benfiquistas assumirem o comando classificativo na modalidade de basquetebol para a partir de agora (resta somente saber até quando) se encontrar no topo de todas as pautas pontuais. Para tanto bastou à turma da Luz vencer (e fê-lo de forma convincente ao somar mais 10 pontos no termo do encontro) os campeonos nacionais (Ovarense) no confronto que teve por palco o pavilhão da Luz.

Vejamos agora os resultados da dupla ronda:

16.ª jornada: Imortal - Illiabum, 62-60; Belenenses - FC Porto, 89-115; Estrelas - Esgueira, 86-100; Benfica - Ovarense, 76-66; Beira Mar - Sporting, 90-82; Ginásio - Estoril, 127-75.

17.ª jornada: Belenenses - Illiabum, 75-76; Imortal - FC Porto, 77-83; Benfica - Esgueira, 96-66; Estrelas - Ovarense, 97-106; Ginásio - Sporting, 94-72 e Beira Mar - Estoril, 124-88.

Classificação: 1.ºs, Benfica e Ovarense; 32 pontos; 3.º, Fute-



bol Clube do Porto; 31; 4.ºs, Sporting e Illiabum, 27; 6.º, Imortal, 26; 7.º, Esgueira, 25; 8.ºs, Estrela, Ginásio e Beira-Mar, 23; 11.º, Belenenses, 20; 12.º, Estoril, 17.

Andebol

ABC trava marcha benfiquista

As vitórias do Sporting em Setúbal e da Académica sobre o Belenenses e a derrota do Benfica em Braga foram as notas dominantes da dupla jornada do fim-de-semana do nacional maior de seniores masculinos.

Na jornada de sábado (a 18.ª) o maior destaque vai, na verdade, para a segunda derrota consecutiva dos ainda líderes da prova, não tanto pelo desfecho (uma vitória do ABC, em casa, é sempre normal), mas sim pelos números em si (7 golos de diferença) e pela total incapacidade demonstrada pelos «encarnados» em acompanhar o ritmo do donos do terreno. A juntar a isto, a derrota totalmente inesperada da passada quarta-feira, ante o Francisco da Holanda, quicê a demonstrar uma quebra de quem tem realizado uma prova de grande nível, até ao momento.

Numa ronda quase totalmente favorável aos visitados (cinco vitórias dos donos dos terrenos), a excepção foi dada pela Académica de Coimbra que veio bater o Caramão, na Ajuda, continuando, assim, a sua espectacular carreira nesta 2.ª volta.

Nos restantes encontros, vitórias normais do Sporting sobre o Comércio e Indústria (jogado na noite de sexta-feira), do Vitória de Setúbal ante o Francisco da Holanda (pese embora as legítimas pretensões dos vimarenenses), do FC Porto frente ao Clube TAP (a passar por uma fase menos boa) e do Belenenses diante do-Salgueiros.

Mas vejamos os resultados completos:

Sporting - Comércio e Indústria, 26-17; Setúbal - Francisco

Holanda, 23-19; FC Porto - TAP, 20-13; Académico de Braga - Benfica, 23-17; Belenenses - Salgueiros, 24-16 e Caramão - Académica de Coimbra, 14-16.

Ontem, na jornada n.º 19, houve equilíbrios na repartição das vitórias, cabendo três aos anfitriões e duas aos forasteiros, tendo sido adiado para o próximo dia 11 o prélio entre o Francisco da Holanda e o Académico de Braga.

Como visitados, o Benfica impôs-se naturalmente ao Caramão, assim como o Clube TAP ao Comércio e Indústria. Menos esperada seria, talvez, a vitória da Académica, em Coimbra, frente ao Belenenses, não pela «qualidade» da turma coimbrã (que o diga o Sporting, por exemplo) mas sim pela necessidade premente dos azuis em não perderem pontos, nomeadamente com equipas de capacidade (potencialmente) menor ou igual à sua.

Passando às vitórias fora de casa, enquanto a do FC Porto ante o último classificado era mais que provável, a do Sporting em Setúbal não era dado certo para não dizer improvável. Relembremos que os sadiños estavam invictos no seu pavilhão, onde apenas o Benfica tinha logrado conquistar uma igualdade.

Refira-se, desde já, que a conquista dos três pontos pela turma leonina se nos afigura perfeitamente justa, num jogo emotivo do primeiro ao último minuto, com a diferença a cifrar-se, durante grande parte do tempo, em um, dois golos.

Resultados: Setúbal-Sporting, 19-23; TAP-Comércio e

Indústria, 27-22; Salgueiros-FC Porto, 24-29; Benfica-Caramão, 23-12; Académica-Belenenses, 17-13; Académico de Braga-Francisco Holanda, adiado para o dia 11.

Classificação: 1.º, Benfica, 49 pontos; 2.ºs, Setúbal e Sporting, 46; 4.º, Académico de Braga, 44 (menos um jogo); 5.º, FC Porto, 45; 6.º, Belenenses, 39; 7.º, Francisco Holanda, 38 (menos um jogo); 8.º, TAP, 37; 9.º, Académica, 35; 10.ºs, Caramão e Comércio e Indústria, 25 e 12.º, Salgueiros, 23.

Torneio feminino Pegaso-89

A equipa espanhola Ballomano Pegaso, ao derrotar o Benfica por 12-11, venceu o Troféu Internacional de Andebol Feminino Pegaso-89, que este fim-de-semana decorreu no Porto.

O encontro Benfica - Ballomano, que decidia o vencedor do torneio, organizado pela Associação de Andebol do Porto, foi presenciado por um público numeroso e entusiasta que teve oportunidade de assistir a um jogo emotivo e sempre equilibrado.

O Benfica esteve sempre à frente do marcador ao longo do encontro, mas na parte final acabou por ser derrotado pela vantagem mínima, terminando a prova na 2.ª posição.

No outro encontro, o Colégio de Gaia venceu o Estrela Vigorosa por 12-10, garantindo o 3.º lugar no torneio, enquanto o Estrela ficou na última posição.



Jorge Plácido: nem a tiro acertava com a meta!

Leixões derrotado: 2-0

LEÃO DEITOU FORA M

Neves de Sousa

Finalmente e não era sem tempo: o Sporting deu ontem uma lição de bem jogar, caminhando linearmente para a baliza contrária, seguríssimo na defensiva e bonito de ver no centro das operações: mas (não há bela sem senão) falhando mais que estrondosamente no capítulo da finalização, com Cascavel (três ou quatro vezes), Silas (em outra oportunidade de baliza rasgada), Jorge Plácido e Forbs (igualmente um par de momentos com o «véu da noiva» ao dispor) perdendo aquela que poderia ter sido histórica goleada a um Leixões que, despreocupadamente, sem arame farpado de frente da sua meta, sem espartilhos especiais a quem quer que fosse da concorrência, veio a Alvalade apenas convencido de que seria capaz de retardar ao máximo o golo verde-branco de abertura e, a partir daí, que viesse aquilo que o céu determinasse.

Mas a carga leonina foi um caso sério: logo aos três minutos, Jesus mostrou que estava ali para as curvas e não admitia ser colocado no calvário, porque também imediatamente se notou que a pontaria dos atiradores leoninos é coisa que não passa lá pelo estreito, talvez (mesmo) por pouca preparação na batalha dos treinos normais.

Daí que, recebendo montes de bolas perfeitamente jogáveis e apenas carecendo de um derradeiro toque eficiente e correcto, Paulinho Cascavel, Silas, Jorge Plácido e Forbs tenham ficado a dever a si próprios o não terem galgado largo terreno na escadinha que conduz ao aambicionado título de «rei dos goleadores». Não conseguindo concretizar mais de duas «chances», ficaram fora de uma soberba oportunidade para, no mínimo, en-

trarem no bloco da primeira dúzia de chutadores para grande festa do tento que continua, liderado por um Vata que só ainda marcou por nove vezes em vinte jogos, na cave de todo o prédio futebolístico do futebol europeu. Uma vergonha, um desprestígio, uma névoa para um País que já teve Eusébio e, queiram ou não, ainda dispõe de um Fernando Gomes e de um Rui Jordão...

Infelizmente, essa maleita colectiva teve ontem alta expressão em Alvalade, naquele longo leque de faturas que vieram para a mesa e o leão não soube aproveitar como lhe competia e era permanentemente esperado por um areópago que, como primeiro gesto bonito, ovacionou longamente Vital, quando o «camisa um» entrou em palco, comprovando que é justíssimo acreditar no talento e qualidade de um jovem e nunca o calcar em hora menos boa, como lhe tocou à porta perante os «dragões». Muito bem, Sporting: incentivar os seus jovens valores, sem os endeusar mas (no mínimo) colocand-os na permanente rampa de lançamento é a tarefa superior de uma verdadeira plateia de amigos do mesmo emblema.

Por falar nisso: primorosamente esteve o comandante Morato, chefiando impecavelmente uma defensiva onde Venâncio não deu qualquer hipótese à concorrência e João Luís, tendo pelas barbas o mais incisivo flanco atacante matosinhense, ainda conseguiu libertar-se do trabalho de «back» e ir lá adiante fazer o golo da confirmação, quando todos os parceiros estavam a jogar aos cinco cantinhos com a esfera que pulava, traquina e irreverente, entre as botas de atiradores descalibradas e a

floresta colocada na cobertura do dono da corte celestial.

Com toda a sua organização entregue a Quinho, o Leixões fazia coisas bonitas, especialmente por obra e graça do lateral Abílio (excelente aquisição já firmada pelos portistas) e do buliçoso Moreira de Sá, que ninguém percebeu porque bulas saiu ao intervalo, dando lugar ao inexpressivo e quase anónimo Augusto II. O irrequieto Makukula conseguia, de vez em quando, pôr os nervos em franja aos parceiros de verde: mas era sol de pouca dura porque, de rompante, vinha logo aquela cavalaria a galope, terreno vertiginosamente rasgado mas (como deve repisar-se até à exaustão) com os fuzileiros de turno armados com pólvora seca. Só fumaça, mais nada.

Foi mesmo um longo (desbaratado) exercício de pontaria lisboeta mas, curiosamente, o Leixões a nunca entregar a cidadela e a repartir quase equitativamente (sete contra nove) os instantes em que as últimas cortinas tiveram de ceder pontapés de canto. O que, sintomaticamente, fica como sinal de que nunca os alunos de António Morais e Tito Santos se remeteram a porfiada barreira antes, vendo que o meio-campo sportinguista estava todo atirado para a frontaria (até Douglas, um «trinco», funcionava no centro da esfera maior) iam fazendo os possíveis por aproveitar uma legião que fosse apanhada em contrapé. Todavia, isso nunca sucederia, até porque na melhor hipótese surgiu a belíssima estirada de Vital a arrojá-lo o couro por cima da barra superior do castelo à sua guarda. E tudo voltava à estaca zero.

Será que este novo Sporting ficou alegre e conquistou nova



Silas defronte da meta: a bola é que se esquivou...

MULETAS E ADESIVOS

motivação, depois de ver o «dragão» no tapete do Bessa, o ombreante Vitória de Setúbal a perder contacto directo e, para cúmulo, a Rádio trazendo de Penafiel notícia de que a «águia» estava tocada na asa e impedida de voar alto? O certo é que (disse-o no final Pedro Rocha) a própria defensiva ficou obrigada a rígido e belo comportamento. **«porque estava no banco Ricardo, um jogador que ao primeiro sinal ficará implantado no 'team'».**

Aliás e por falar nisso: ante a impressionante crise de goleadores que marca a carreira sportinguista no torneio, não será de dar uma oportunidade a Eskils-son? De duas, escolham uma: ou o rapaz não vale nada e tem de ser devolvido ao remetente ou possui condição para ser «unha» do leão e merece imediata chamada para mostrar habilidades, já que (pelo que se vê) os outros colegas andam com a régua e o esquadro encafuados na sacola abandonada a um canto da casa.

De qualquer maneira, estamos saudando um Sporting que emerge de meia dúzia de exames em que levou pancada de criar bicho. Um Sporting mais solto e, sobretudo, mais audaz e bem compenetrado de que ainda poderá (com boa e obrigatória aragem de sorte)) discutir a posse da sua selva. Morato e Vital, João Luís e Carlos Manuel, Douglas e Venâncio foram unidades que tiveram contrapartida no labor (eficiente e igualmente para aplauso) de Jesus e Abílio, Quinto e Moreira de Sá, Mauro e Amarildo.

Todos (afinal) provando que

estamos mesmo perante um luso-brasileiro campeonato «português» de futebol.

Quem estragou a festa foi o juiz João Rosa e, muito especialmente, o fiscal Ricardo Lima que, de costas para a bancada, raramente acertava com a destrinça entre autênticos ou hipotéticos foras-de-jogo, induzindo em erro o chefe que, já de si, não precisava de ajudas para se tornar joguete perfeito de um catavento. Assinalava «livres» beneficiando o infractor, deixava que (de vez em quando) os artistas se esquecessem do pezinho quando o colega de outro emblema ia em viagem por aquela banda, anulou (incrivelmente) um raide de Plácido que, mesmo placado por Mauro, ia a caminho da meta de Jesus. E, sabem o que decidiu o árbitro de Évora? Nem mais nem menos que um pontapé livre contra os leões...

Enfim: depois de ter marcado falta naquele lance em que Venâncio fora isolado por Carlos Manuel em condição perfeita de progressão e ter feito vista grossa para a entrada de Fernando Mendes (bem adiantadinho...) a ensarilhar a defensiva matosinhense, daí resultando o golinho de João Luís, tudo fica explicado. Foi um dia em que o amigo Rosa não saiu com a dita ao peito.

A terminar: foi bonito ouvir da boca de Morais e Tito que a ocasião da visita a Alvalade fora aproveitada por Jorge Gonçalves para aliviar um pouco a carga tributária que tem ainda que despendar para uma dupla despedida em termos pouco esclarecidos. Pataco a pataco, talvez a casa se arrume. Especialmente

se começar a constar por aí que (finalmente) as unhas do leão podem retalhar e fazer sangue.

Que não foram cortadas rente, só porque lá na frente ninguém acerta na borracha.

Arbitragem muito deficiente de João Rosa (Évora) que esteve ajudado por Francisco Zambujinho e, na bancada central, desacompanhado por Ricardo Lima, perfeito desastre quando (na 2.ª parte) decidiu interferir directamente no capítulo dos fora-de-jogo e no julgamento dos lances de contacto físico. Um trio que resvalou para o muito medíocre. As turmas de artistas coloridos:

Sporting — Vital; João Luís, Morato, Venâncio e Fernando Mendes; Douglas; Silas (Oceano, 70), Carlos Manuel e Carlos Xavier (Forbs, 82); Paulinho Cascavel e Jorge Plácido. Suplentes sem chamada ao activo: Rodriguez, Ricardo e Eskils-son.

Leixões — Jesus; Mauro; Abílio, Amarildo e Barreto; Tozé Pereira; Moreira de Sá (Augusto II na 2.ª parte), Quinto, Quim, (Tó Zé II, aos 64) e Makukula; Penteador. No banco: Rui Barbosa, Monteiro e Chico.

Cartão amarelo para Amarildo. Gólos: Cascavel (39) e João Luís (50).

Os melhores do futebol europeu na gala da "Adidas" no Mónaco

Longa tradição, sempre respeitada e ampliada no seu brilho: a Adidas volta, a 1 de Fevereiro, no Sporting Clube de Monte Carlo (Mónaco) a distinguir os nomes preponderantes na última temporada do futebol europeu. Lá estarão (nomeadamente) o sportinguista Paulinho Cascavel (melhor marcador do campeonato nacional português) e a equipa do Futebol Clube do Porto (3.ª classificada no «ranking» do velho continente).

As famosas «botas» (de ouro para Van Basten, de prata a premiar Voller, de bronze destinada a Protasov) e as bolinhas igualmente de metal precioso atribuídas por votação da Crítica (ouro para Van Basten, prata para Gullit e bronze para Reijkaard) darão certamente motivo para largas ovações aos «futebolistas do ano», ao mesmo tempo que haverá troféus para os goleadores mais eficientes: Colak,

do Galatasary, da Turquia (39 gólos no seu campeonato), Eriksson, do Servette, da Suíça, (37) e Piturka, do Steaua, da Roménia (34).

Na delegação portuguesa, que será chefiada (como normalmente) pelo dr. Luís Feist (que viaja com sua mulher, a locutora Manuela Paulino) está integrado um dos convidados de honra (Eusébio) que estará lado a lado com os outros «astros» especialmente distinguidos pela Adidas: Diego Maradona, Hugo Sanchez, Butragueño, Futre, Platini, Careca, Altobelli, Ivic, Kift e Krissman.

Festa gaúda que vai proporcionar o desfile dos melhores atiradores ao golo de 24 países, no mesmo palco onde serão atribuídos os cobiçados «trevos» da Adidas: de ouro para o PSV (22 pontos), de prata para o Atlético de Madrid (20) e de bronze para o FC Porto (19).



Vargas Cardoso: recondução pela competência e pelo voto

Ginástica: Vargas Cardoso renovação na continuidade

A lista «B» encabeçada pelo coronel Vargas Cardoso venceu as eleições para a Federação Portuguesa de Ginástica em sessão que decorreu no Complexo Desportivo da Lapa.

Presentes ao acto, estiveram 10 sócios de mérito e 109 votantes entre clubes e associações. No final, triunfo da lista liderada pelo coronel Vargas Cardoso com 77 votos contra os 30 somados pela lista opositora que tinha Mega da Fonseca como candidato ao lugar de timoneiro do executivo. Uma vitória incontestável e que vem demonstrar o acerto da actuação da anterior direcção liderada por Vargas Cardoso a partir da morte do professor Robalo Gouveia.

Naturalmente, que todos ficam à espera de que este elenco directivo cumpra as promessas feitas e que aqui recordamos parte.

Implementar a criação de novas associações distritais, com especial incidência para a de Lisboa, mas não descurando a institucionalização das de Aveiro, Coimbra, Évora, Açores e outras.

Fomentar a formação de federações ou associações regionais logo que a Assembleia República legisle sobre a reformulação da divisão administrativa do território nacional.

Informatizar o quadro competitivo nacional, por forma a permitir um rápido apuramento de resultados, a sua eficiente divulgação e uma simplificação no arquivo das mesmas.

Elaborar um projecto de regulamento geral, até Junho/Julho de 1989, por forma a que posteriormente se possa proceder a uma reformulação global dos estatutos em vigor, o mais breve possível.

Continuar a política de profissionalização da Federação, quer através da criação do lugar de secretário-geral remunerado, à semelhança de outras federações nacionais congêneres quer procurando o destacamento de técnicos de educação física para as associações distritais e para os departamentos técnicos da Federação, que ainda não puseram director técnico nacional destacado, como são o caso da ginástica desportiva feminina,

trampolins e ginástica acrobática.

Manter o quadro competitivo nacional, continuando a descentralizar as suas realizações, procurando a colaboração das autarquias ou angariando «sponsors», mas tendo em conta os encargos dos clubes participantes.

Divulgação das modalidades ao nível escolar ou autárquico com a finalidade de captar novos participantes.

Lançar um programa de captação de talentos, aproveitando a actividade desportiva que vem sendo praticada ao nível das escolas primárias, através da P3. Assim, é nossa intenção preparar um esquema de exercícios que aplicados aos grupos etários mais baixos permitam encontrar potenciais praticantes de ginástica desportiva, isto após sensibilizar e reciclar os agentes de ensino de educação física nas escolas.

Organizar as equipas nacionais, estabelecendo critérios de selecção investindo essencialmente no escalão júnior, mas não descurando o acompanhamento dos valores existentes, tendo em atenção que em Seul, apareceram praticantes com idade comparável àquela que os nossos melhores ginastas terão em Barcelona.

Trazer para Portugal, a organização de provas do quadro competitivo internacional ou reuniões dos órgãos internacionais.

Estão já programados: Torneio da GRD de Portimão - Abril-89; Círculo Oeste - ginástica acrobática - Queluz-89; II Jogos Ibero-Americanos - modalidades olímpicas - Out-89; Campeonato da Europa Jun. - GRD - 1991; Campeonato da Europa - ginástica acrobática - 1991 e Reunião da CT e C Juizes da IFSA - Algarve - Fev.-Mar.-89.

Os eleitos

ASSEMBLEIA GERAL: presidente: coronel José Garcia Alvarez.

DIRECÇÃO: presidente: coronel Mário Vargas Cardoso.

CONSELHO JURISDICCIONAL E DISCIPLINAR: presidente: Francisco Alves.

CONSELHO FISCAL: presidente: Alfredo Alves Pereira.

VENTO DO NORTE VIRADO A ALVALADE

As surpresas começaram pelas 17 horas no Bonfim, onde os «arsenalistas» de Braga foram impor uma impensável derrota à turma sadina, começaram pela noite dentro com o concludente (e de veras surpreendente) triunfo do «Boavistão» frente aos «dragões», e prosseguiram na tarde de domingo em diversos recintos com relevo para o palco penafidense onde os benfiquistas recusaram a «gentileza» oferecida na véspera no Bessa. O triunfo do Fafe em Viseu e o nulo do Beira Mar na Reboleira, foram igualmente resultados para contrariar os apostadores do totobola.

Diremos que com estes resultados reanima o interesse do campeonato, quer na luta pelo triunfo onde poderá ressurgir alguma esperança «leonina», nos lugares para a Europa onde as definições irão tardar e, quanto aos lugares (cinco) da despromoção, bastará observar que entre o 20.º (Portimonense) e o 14.º (Estrela da Amadora) a diferença é de (apenas) cinco pontos.

Para a história ficam os números e a história da ronda de ontem das três divisões foi a que se segue:



Helder: decisão e energia evitam entrada setubalense

Resultados

Nacional-Chaves	3-1
Setúbal-Braga	1-3
Est. Amadora-Beira Mar	0-0
Sporting-Leixões	2-0
Boavista-Porto	4-1
Penafiel-Benfica	1-0
Espinho-Belenenses	1-1
Guimarães-Farense	3-0
Portimonense-Marítimo	2-0
Ac. Viseu-Fafe	0-2

Próxima jornada (21.ª):
Famalicao-Nacional; Desp. Chaves-V. Setúbal, Sp. Braga-Est. Amadora, Beira Mar-Sporting, Leixões-Boavista, FC Porto-Penafiel, Benfica-Sp. Espinho, Belenenses-V. Guimarães, Farense-Portimonense, Marítimo-Acad. Viseu.

Divisão 2

ZONA NORTE: Vizela-Moreirense, 3-2; Tirsense-Bragança, 2-0; Gil Vicente-Varzim, 2-1; Marco-Freamunde, 1-0; Joane-Trofense, 1-1; Paredes-Salgueiros, 2-1; Paços Ferreira-Amarante, 1-1; Rio Ave-Santa Maria, 4-0 e Aves-Felgueiras, 2-1.

J V E D G P

Tirsense	16	9	5	2	25	9	23
D. Aves	16	8	6	2	30	14	22
Vizela	16	7	8	1	21	12	22
Rio Ave	16	8	4	4	29	18	20
Freamunde	16	7	5	4	22	14	19
Felgueiras	16	6	6	4	22	14	18
Gil Vicente	16	7	4	5	18	16	18
Varzim	15	5	7	3	22	15	17
Joane	16	5	6	5	19	21	16
Paredes	16	5	5	6	13	17	15
Marco	15	5	5	5	11	16	15
Trofense	16	4	7	5	12	20	15
Salgueiros	16	3	7	6	8	14	13
Bragança	16	3	7	6	9	16	13
Paços Ferreira	15	4	4	7	16	22	12
Amarante	16	2	6	8	14	25	10
Moreirense	15	2	4	9	10	21	8
Santa Maria	16	2	4	10	12	29	8

Próxima jornada 16.ª —
Moreirense - Tirsense; Bragança - Gil Vicente; Varzim - Marco; Freamunde - Joane; Trofense - Paredes; Salgueiros - Paços de Ferreira; Amarante - Rio Ave; Santa Maria - Aves; Felgueiras - Vizela.

ZONA CENTRO: Mealhada-Luso, 2-1; Águeda-Marialvas,

1-1; Covilhã-U. Leiria, 4-0; Estrela Portalegre-Caldas, 1-0; Feirense-Estarreja, 5-1; Lousanense-U. Lamas, 1-1; Peniche-Portalegre, 1-0; Marinhense-Ol. Bairro, 0-0; Mangualde-Académica, 0-2.

J V E D G P

Feirense	16	12	4	0	42	6	28
Académica	16	7	8	1	20	10	22
U. Lamas	16	7	7	2	20	12	21
«Os Marialvas»	16	7	6	3	24	13	20
Águeda	16	5	9	2	15	10	19
Ol. Bairro	16	6	7	3	11	11	19
Sp. Covilhã	16	8	2	6	30	13	18
Caldas	16	7	4	5	30	20	18
Portaleg	16	7	4	5	23	20	18
Peniche	16	5	7	4	16	19	17
Luso	16	4	5	7	15	21	13
U. Leiria	16	4	5	7	18	26	13
Mealhada	16	4	5	7	16	24	13
Lousanense	16	4	4	8	19	27	12
E. Portalegr	16	2	6	8	9	18	10
Mangualde	16	3	4	9	9	20	10
Marinhense	16	2	6	8	8	32	10
Estarreja	16	2	3	11	14	37	7

Próxima jornada 16.ª —
Luso - Águeda; Marialvas - Sp. Covilhã; U. Leiria - Estrela Portalegre; Caldas - Feirense; Estarreja - Lousanense; U. Lamas - Peniche; Portalegre - Marinhense; Oliv. Bairro - Mangualde; Académica - Mealhada.

ZONA SUL: Silves-Elvas, 2-2; Montijo-Torreense, 0-0; Sant. Cacém-Alverca, 1-0; Oriental-Juventude, 1-1; Sacavenense-Estoril, 0-0; U. Funchal-Ol. Moscardide, 2-0; Lusitano-Barreirense, 2-2; Louletano-Atlético, 3-0 e Esp. Lagos-Olhansense, 2-1.

J V E D G P

Estoril	16	9	3	4	19	9	21
Louletano	16	7	6	3	22	12	20
«O Elvas»	16	8	4	4	21	16	20
Olhansense	16	8	3	5	28	18	19
Torreense	16	7	5	4	23	15	19
União Madeira	15	8	3	4	18	11	19
Alverca	16	7	3	6	23	16	17
Ol. Moscardide	16	7	2	7	18	25	16
Lus. Évora	16	5	5	6	14	13	15
Atlético	15	4	7	4	18	19	15
Silves	16	3	9	4	18	23	15
Juventude	16	4	6	6	18	16	14
Esp. Lagos	16	6	2	8	14	19	14
Barreirense	16	4	6	6	18	26	14
Oriental	16	5	3	8	16	21	13
U. Santiago	16	5	3	8	17	24	13
Montijo	16	4	4	8	18	26	12
Sacavenense	16	2	6	8	13	27	10

Próxima Jornada 16.ª — «O Elvas» - Montijo; Torreense - Sant. Cacém; Alverca - Oriental; Juventude - Sacavenense; Estoril - União Madeira; Oliv. Moscardide - Lusitano Évora; Barreirense - Louletano; Atlético

co - Esp. Lagos; Olhansense - Silves.

Divisão 3

Resultados da 16.ª jornada do campeonato da 3.ª Divisão.

Série «A»: Neves - Valpaços, 1-1; Vianense - Vila Pouca, 4-0; Prado - Mirandês, 0-0; Famalicão - Ponte da Barca, 3-0; Celoricense - Vieira, 0-0; Maria Fonte - Delães, 0-1; Valdevez - Lanheses, 4-2; Mac. Cavaleiros - Esposende, 3-2 e Vinhais - Valenciano, 1-0.

Guia: Famalicão, 28 pontos.

Próxima jornada: Valpaços - Vianense; Vila Pouca - Prado; Mirandês - Famalicão; Ponte da Barca - Celoricense; Vieira - Maria da Fonte; Delães - Valdevez; Lanheses - Macedo de Cavaleiros; Esposende - Vinhais; e Valenciano - Neves.

Série «B»: Vila Real - Régua, 5-0; Lixa - Oliveira do Douro, 3-0; Lourosa - Valonguense, 2-1; Ermesinde - Leça, 1-0; Pedrouços - Lordelo, 2-1; Torre Moncorvo - Infesta, 0-0; Paiense - Maia, 1-0; Sandinenses - Lousada, 2-1 e Vilanovense - Ovarense, 0-2.

Guia: Infesta, 23 pontos.

Próxima jornada: Régua - Lixa; Oliveira do Douro - Lourosa; Valonguense - Ermesinde; Leça - Pedrouços; Lordelo - Torre de Moncorvo; Infesta - Paiense; Maia - Sandinenses; Lousada - Vilanovense; e Ovarense - Vila Real.

Série «C»: Viseu e Benfica - Ac. Paço, 1-0; União Coimbra - São Romão, 4-1; Santacombadense - Oliveirense, 0-0; Seia - Alba, 1-1; Anadia - Oliveirinha, 1-0; Argus - Pessegueirense, 6-1; Mortágua - Gouveia, 0-5; Valecambrense - Valonguense, 1-0 e Guarda - Oliveira Hospital, 1-0.

Guia: Guarda, 24 pontos.

Próxima jornada: Académico do Paço - União de Coimbra; São Romão - Santacombadense; Oliveirense - Seia; Alba - Anadia; Oliveirinha - Argus; Pessegueirense - Mortágua; Gouveia - Valecambrense; Valonguense - Guarda; e Oliveira do Hospital - Viseu e Benfica.

Série «D»: Castelo de Vide - Alcanenense, 3-1; Sertanense - 22 Junho, 1-1; Alcobaça - Bombarralense, 1-1; Naval - Ferrel, 1-1; União Tomar - Atouguense, 2-0; Usseira - Desportivo Fátima, 1-4; Mirense - Nazarenos, 5-0; Marrazes - Beneditense, 6-1 e Mirandense - Benf. Cast. Branco, 1-0.

Guia: Mirense, 29 pontos.

Próxima jornada: Alcanenense - Sertanense; Amor - Ginásio de Alcobaça; Bombarralense - Naval; Ferrel - União de Tomar; Atouguense - Usseira; Fátima - Mirense; Nazarenos - Marrazes; Beneditense - Mirandense; e Benf. de Castelo Branco - Castelo de Vide.

Série «E»: Campomaiorense - Arraiolense, 2-1; Pêro Pinheiro - Lusitânia, 1-2; Futebol Benfica - Samora, 1-0; Cacém - Almeirim, 2-2; Lisboa e Olivais - Cartaxo, 1-1; Vialonga - Portosantense, 3-2; União Santarém - Santa Clara, 2-0; Vilafranquense - Fanhões, 0-0 e Praiense - Sintrense, 1-0.

Guia: Futebol Benfica, 21 pontos.

Próxima jornada: Arraiolense - Pêro Pinheiro; Lusitânia - Futebol Benfica; Samora Correia - Cacém; União de Almeirim - Sport Lisboa e Olivais; Cartaxo - Vialonga; Portosantense - União de Santarém; Santa Clara - Vilafranquense; Fanhões - Praiense; e Sintrense - Campomaiorense.

Série «F»: Cova da Piedade - Pescadores, 0-1; Palmelense - Sesimbra, 2-0; Quimigal - Quarteirense, 0-1; Ferreirense - Amora, 1-1; Lusitano V. Real - Montemor, 4-1; Est. V. Novas - Banheirense, 0-0; Seixal - Moura, 3-0; Almancilense - Vasco Gama, 0-0 e Alvorense - Imortal, 0-1.

Guia: U. Montemor e Seixal, 22 pontos.

Próxima jornada: Pescadores - Palmelense; Sesimbra - Quimigal; Quarteirense - Ferreirense; Amora - Lusitano de Vila Real; União de Montemor - Vendas Novas; Banheirense - Seixal; Moura - Almancilense; Vasco da Gama - Alvorense; e Imortal - Cova da Piedade.

ibérico
HIPERMERCADO

TOTOBOLA

ACHAVE

ANOSSA APOSTA

1 Penafiel-Benfica	1
2 Boavista-Porto	1
3 Nacional-Chaves	1

4 Setúbal-Braga	2
5 E. Amadora-Beira Mar	X
6 Sporting-Leixões	1

7 Espinho-Belenenses	X
8 Guimarães-Farense	1
9 Portimonense-Marítimo	1

10 A. Viseu-Fafe	2
11 Gil Vicente-Varzim	1
12 Mangualde-Académica	2
13 Silves-Elvas	X

Totoloto	
4 - 6 - 11 - 14 - 33 - 41 (21)	

Concurso n.º 2/89

15 de Janeiro de 1989

1 Porto-Penafiel	X
2 Beira Mar-Sporting	2
3 Fafe-Nacional	1

4 Chaves-Setúbal	1
5 Braga-E. Amadora	1
6 Leixões-Boavista	2

7 Belenenses-Guimarães	1
8 Farense-Portimonense	X
9 Marítimo-A. Viseu	1

10 Moreirense-Tirsense	2
11 Felgueiras-Vizela	1
12 Marialvas-Covilhã	2
13 Barreirense-Louletano	X

ibérico
HIPERMERCADO
Paço do Lumiar — 1600 LISBOA
Telef.: 758 00 19 — Autocarros 3 e 4



Fonseca sacode opositor enquanto Garrido e Elias estão de atalaia



RENAULT

FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Bombarda
Assistência - Peças: Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

	J	V	E	D	G	P
1.º BENFICA	20	12	6	2	28	30
2.º FC Porto	20	10	8	2	22	28
3.º Sporting	20	8	8	4	25	24
4.º Boavista	20	9	5	6	28	23
5.º Penafiel	20	8	7	5	20	23
6.º Guimarães	20	8	6	6	19	22
7.º Nacional	20	8	6	6	30	22
8.º Setúbal	20	9	4	7	28	22
9.º Beira Mar	20	6	9	5	15	21
10.º Chaves	20	7	6	7	16	20
11.º Belenenses	20	5	9	6	20	19
12.º Sp. Braga	20	6	7	7	20	19
13.º Marítimo	20	5	9	6	21	19
14.º Sp. Espinho	20	6	6	8	27	18
15.º Amadora	20	7	4	9	17	18
16.º Leixões	20	6	5	9	14	17
17.º Farense	20	5	5	10	14	15
18.º Fafe	20	4	6	10	12	14
19.º Portimonense	20	4	5	11	11	13
20.º Acad. Viseu	20	3	7	10	11	13

DRAGÕES NO XADREZ

Mamuel Neto

Noite negra para o FC Porto, que saiu humilhado do Bessa, depois da pesada mas justa derrota que lhe foi infligida pelo Boavista, como não há memória no historial dos jogos entre os velhos rivais. Após o brilhante conseguido pelas duas formações na jornada anterior — o Boavista, na Maia, frente a Benfica, e o FC Porto em Alvalade, perante o Sporting — forjou-se um clima de grande expectativa em torno deste encontro, na medida em que, para além do tradicional rivalidade, iriam medir forças conjuntos fortemente estimulados, embora lutando por objectivos diferentes: o FC Porto apostado na corrida para o título e o Boavista em busca de um passaporte para a Europa. Adivinhava-se, por conseguinte, um jogo terrivelmente disputado, de resulta-

do imprevisível, mas jamais tão desequilibrado nos números, como veio a verificar-se.

O futebol tem destas coisas: quando menos se espera, surge uma tarde ou uma noite para esquecer. O FC Porto teve anteontem a sua, para gáudio dos adeptos «axadrezados», que chegaram a pedir «só mais um», quando o marcador registava quatro golos sem resposta para a equipa do Bessa. Seria necessário recuar até «a época de 1954/55 para se encontrar um «desastre» algo semelhante (5-2), então como agora a suscitar uma natural euforia dos simpatizantes boavisteiros e a vergonha nas hostes portistas, pese embora o facto de os «azuis e brancos» continuarem a levar vantagem no «deve e haver» do Bessa: 19 vitórias contra 10 do Boavista.

O colapso portista começou a desenhar-se ainda no decorrer do primeiro tempo, mais precisamente aos 35 minutos, quando Bandeirinha fez um autogolo, ao tentar safar uma situação de muito apuro junto da sua baliza. Até então, tinha registado um certo equilíbrio, embora se notasse já uma maior coesão de disciplina entre os vários sectores da equipa orientada por Raul Águas. Com efeito, a partir dos 25 minutos de jogo, o Boavista começou a aparecer algumas com mais frequência no meio-campo defendido pelo FC Porto e a causar situações de embaraço para a defesa das Antas, mormente quando os seus dianteiros logravam entrar pelos flancos: Jorge Andrade e Jaime, pela direita, e Isaías e Marco António, pela esquerda. Como regente de uma orquestra que se revelava bastante afinada, podia ver-se o ex-portista Elói, anteontem à noite a confirmar to-

dos os predicados que motivaram a sua vinda para Portugal. Nas costas do «maestro», o técnico Raul Águas colocou Phil Walker (uma muralha de aço) e Parente, que ora, encarregavam de proteger os avanços de Elói, ora se desdobravam em apoio dos companheiros encarregados de proteger os flancos.

Na zona fulcral do terreno o Boavista levou sistematicamente vantagem, já que tanto Bandeirinha como Sousa se apresentaram uns furos abaixo do seu habitual, ocasionando, por conseguinte, um desequilíbrio de forças que nem André, nem Semedo — ambos em plano de evidência — foram capazes de contrariar. Daí o gradual crescimento do Boavista, a culminar no autogolo de Bandeirinha que, embora fruto do azar portista, acabou por premiar a equipa que vinha somando pontos em cada minuto que passava.

Para o período complementar

Artur Jorge apostou no reforço do ataque, ao colocar Everton ao lado de Domingos (um promissor ponta-de-lança «made» nas escolas das Antas que conheceu a titularidade mercê da ausência de Madjer que foi apresentar a selecção argelina), deixando Bandeirinha nos balneários. E se os primeiros minutos mostraram um FC Porto mais audacioso, em busca do terreno perdido, o certo é que o meio-campo portista ficou ainda mais frágil e sem força para contrariar o «bloco axadrezado». A entrada de Nelson, aos 51 minutos, para o lugar de Jorge Andrade, acentuou ainda mais o desequilíbrio, já que, actuando em «cunha» junto dos centrais contrários, o brasileiro (anteontem a figura do jogo) beneficiou de grande liberdade de movimentos, mercê exactamente do fosso existente entre a defesa e o ataque dos campeões nacionais. Foi assim que, fazendo valer os seus dotes de exímio executante, Nelson acabou por, no curto espaço de nove minutos, desferir duplo golpe mortal nas pretensões portistas, obtendo dois golos de belo efeito, ainda que beneficiando do desacerato de Geraldão e Paulo Pereira (uma estreia infeliz na turma das Antas, mas a revelar pormenores muito positivos).

Sem nada a perder, Artur Jorge arriscou tudo: mandou sair Geraldão e entrar Frasco, para tentar dar mais força ao meio-campo e tirar partido de uma frente de ataque alargada, então confiada a Semedo, Domingos, Everton e Vermelhinho. Este, por sinal, a protagonizar a melhor oportunidade da sua equipa, quando no minuto que antecedeu o terceiro golo do Boavista enviou uma bola à barra da baliza de Hubart, na sequência de um livre na direita, a punir derrube de Domingos. Estava escrito, no entanto, que a noite seria de «lua cheia» para o Boavista: em lance confuso, e contra a chamada corrente do jogo, Elói interpôs-se entre Paulo Pereira e Zé Beto e elevou para 4-0.

o «escândalo» acabou, no entanto, por ser de alguma forma amenizada pelo golo de honra, obtido pelo jovem Domingos, quando as «panteras negras» já faziam a festa, indiferentes ao esperar, em desespero de causa, dos portistas.

Excelente arbitragem de Vítor Correia, quicá a condizer com as insígnias da FIFA que, horas antes, recebera das mãos de Jeremias Neves, vice-presidente do Conselho Nacional de Arbitragem.

Árbitro: Vítor Correia.

BOAVISTA: Hubart; Queiró, Frederico, Valdir e Marcos António; Parente (Agatão, 82), Jorge Andrade (Nelson, 50), Jaime e Isaías; Elói e Phill Walker.

FC PORTO: Zé Beto; João Pinto, Geraldão (Frasco, 63), Paulo Pereira e Branco; Bandeirinha (Everton, 45), Semedo, Domingos, Vermelhinho, Sousa e André.

Acção disciplinar: amarelos para Geraldão (33 minutos) e Frederico (62).

Golos: Bandeirinha (na p.b. aos 37 m), Nelson (53 e 63 m), Elói (70 m) e Domingos (71 m).



Vermelhinho com Jaime à perna

Basílio, Roldão, René e Décio António; João Batista (Chiquinho, 75) e Silvino (Caio Júnior, 85).

FARENSE: Baía; Carlos Pereira, Orlando (Resende, 70), Luísão e Pereirinha; Ademair, Pitico, Vitinha (Danov, 75) e Ricardo; Sérgio Duarte e Hajry.

Golos: Décio António (20 e 65) e Chiquinho (86).

Viseu, 0 - Fafe, 2

Árbitro: Carlos Valente, de Setúbal.

ACADÉMICO DE VISEU: Nelito; Morgado (Delgado aos 37), Leal, Alexandre (Melo aos 46) e Kapa; Zé Alinho, Amaral, Diallo e Faim; Abel e João Manuel.

FAFE: Quim; Camilo, Grosso, Cláudio e Figueiredo; Derduv, Gomes, Célio e Zé Albano; Rogério (Padinha aos 71) e Gostandinov.

Golos: Gomes (76) e Padinha (79).

Nacional, 3 - Chaves, 1

Árbitro: António Marçal, Lisboa.

NACIONAL: Gilmar; Toninho, Leiz, William e Vieira; Ladeira (Tininho, 78) Heitor, Paulo Sérgio e Cristiano; Murphy e Dino.

CHAVES: Padrão; Vicente, Felgueiras, Jorginho e Cerqueira; Gilberto, Radi, Júlio César (Erasmus, 45) e Diamantino (Jorge Silvério, 64); Slavkov e David.

Acção disciplinar: cartão amarelo a Jorginho, aos 50 minutos.

Golos: Dino (3 e 44 m), Murphy (55) e Slavkov (77).

Penafiel, 1 - Benfica, 0

Árbitro: Rosa Santos, Beja.

PENAFIEL: Cerqueira; Bio, Manuel Correia, Vasco e Artur; Rui Manuel, Elias, China e Amâncio (Tó Portela, aos 88 minutos); Caetano (Paulo Henrique, aos 65 minutos) e Djão.

BENFICA: Silvino; Veloso, Ricardo, Mozer (Garrido aos 46) e Fonseca; Hernâni (Ricky, aos 56 m), Vítor Paneira, Pacheco e Valdo; Lima e Vata.

Acção disciplinar: amarelo para Caetano aos 35 minutos e Garrido aos 70.

Golo de Amâncio, aos 50 minutos.

projecto®

móveis e equipamentos para escritório

Av. João XXI, 64-A — Lisboa

Nomes e números da jornada

Setúbal, 1 - Braga, 3

Árbitro: Jorge Coroadó (Lisboa).

VITÓRIA DE SETÚBAL: Meszaros; Crisanto, Edmundo, Quim (Wando, 22 m) e Eurico; Jorge Ferreira, Flávio e Cadeite (Mendes, 46 m); Aparício, Roçadas e Jordão.

SPORTING DE BRAGA: Hélder; Chico Nelo, Laureta, Vítor Duarte e Moroni, Valtinho, Kiki, Santos (Toni, 55 m) e Marcão; Fernando Pires e Vinícius (Tiano, 58 m).

Acção disciplinar: cartão amarelo — Vando (44 m), Meszaros (65 m) e Vítor Madeira (85 m). Cartão vermelho: Valtinho e Eurico (aos 78 m).

Portimonense, 2 - Marítimo, 0

Árbitro: Pinto Correia, Lisboa.

PORTIMONENSE: Sérgio; José Carlos, Chico Zé, Floris e Aurélio; Simeonov (António Luís, 45), Vado, Guetov e Zé Tó, Skoda (Nivaldo, 63) e José Pedro.

MARÍTIMO: Everton; Andrade, Teixeira, Oliveira e Mazaro Nunes; Adelino Nunes, Artur Semedo (João Paulo, 57) e Esquerdinha; Tozé, Jorge Silva (Paulo Ricardo, 57) e José Luís.

Acção disciplinar: amarelo para Guetov (75) e Zé Tó (87).

Golos de Guetov (54 m) e António Luís (88).

Amadora, 0 - Beira Mar, 0

Árbitro: Fernando Alberto, Porto.

ESTRELA DA AMADORA: Hugo; Rui Neves, Duílio, Barny (Marlon Alves, 80 m) e Rebelo; Basaúla, Nelson Borges, Bobó e Marlon Brandão; Pedro Xavier e Paulo Jorge.

BEIRA MAR: Miguel; Costeado, João Gouveia, Dinis e Ivan; Redondo, Dreiffus, Freitas e Bira (Bugre, 40); Abdel Ghany (Jarbas, 86) e Simões.

Acção disciplinar: amarelo para João Gouveia, aos 26 minutos.

Espinho, 1 - Belenenses, 1

Árbitro: Francisco Silva, de Faro.

ESPINHO: Silvino, Elizeu, Sousas, Nené e Barriga (Rui Neves, 77 m); Nelo, Luís Manuel (Aziz, 67), Pingo e Ivan; Zezé Gomes e Marcos António.

BELICENSES: Jorge Martins; Galo, José António, Sobrinho e José Mário; Teixeira, Carlos Ribeiro, Paulo Monteiro e Dudu (Chiquinho, 62); Mladenov (Chico Faria, 77) e Adão.

Acção disciplinar: amarelo para Jorge Martins (18), Galo (69), Sousa (81), Marcos António (85) e Aziz (88).

Golos: Adão (81 m) e Pingo (83 de g.p.).

Guimarães, 3 - Farense, 0

Árbitro: Sepa Santos.

GUIMARÃES: Neno; Nando, Bené, Germano e Nascimento;

KIT-MARKET

Móveis e utilidades para a casa

4000 m² — Centro Comercial das Orlas

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
A CARGO DO NOTÁRIO
LIC. MOISÉS DOS SANTOS MARTINS

CERTIFICADO, que por escritura de 13 de Dezembro de 1988, lavrada de folhas 86 verso, a folhas 89, do livro 187-C, de escrituras diversas deste cartório, José António Paiva Novo, Joaquim Henriques Ribeiro de Almeida, Francisco de Sousa Brites e Maria de Fátima Salgado Borges Lisboa Afonso, únicos sócios da sociedade comercial por quotas "INTERAUDIT-AUDITORES INTERNACIONAIS, LIMITADA, com sede na Rua Tomás Ribeiro, 50, 1.º, nesta cidade, alteraram parcialmente o pacto social da aludida sociedade, no tocante ao seu artigo TERCEIRO, que passou a ter a seguinte redacção:

O capital social é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, está integralmente realizado em dinheiro e nos diversos valores do activo constantes da escrituração e corresponde à soma de quatro quotas iguais de CEM MIL ESCUDOS, pertencendo uma a cada sócio.

Por ser verdade e me ser requerido passo o presente extracto declarando-o conforme ao original na parte extractada, nada havendo em contrário ou além do que neste se narra e transcreve.

Lisboa, aos vinte de Dezembro de mil novecentos e oitenta e oito

O Esc. Sup.
(Maria José Lopes Guerra de Barros)

"D.L." 9/1/89

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
A CARGO DO NOTÁRIO
LIC. MOISÉS DOS SANTOS MARTINS

CERTIFICADO, que por escritura de 13 de Setembro de 1988, lavrada de folhas 77 verso, a folhas 79, do livro 232-A, de escrituras diversas deste cartório, foi aumentado o capital social da sociedade anónima "CONSULTEAM-SOLUTORES DE GESTÃO, SA", com sede na Rua Tomás Ribeiro, 50, 1.º, em Lisboa, de QUARENTA MILHÕES DE ESCUDOS para SESENTA MILHÕES DE ESCUDOS, sendo a importância do aumento de VINTE MILHÕES DE ESCUDOS realizada por INCORPORAÇÃO DE RESERVAS DE REAVIAÇÃO, através da emissão de vinte mil novas acções já subscritas pelos actuais accionistas na proporção de uma nova acção por cada duas que já possuem. Que, em consequência do aumento de capital, foi adaptada a redacção do artigo QUARTO, que passou a ter a seguinte redacção:

artigo 4.º

O capital social é de SESENTA MILHÕES DE ESCUDOS, a que correspondem sessenta mil acções, com o valor nominal de mil escudos cada uma, e encontra-se integralmente subscrito e realizado.

Por ser verdade e me ser requerido passo o presente extracto declarando-o conforme ao respectivo original na parte extractada, nada havendo em contrário ou além do que neste se narra e transcreve.

Lisboa, aos quinze de Dezembro de mil novecentos e oitenta e oito.

O Ajudante, escriturário superior
(Maria José Lopes Guerra de Barros)

"DL." — 9/1/89

Lima, Everton e Nelson na mira do Grémio

O Benfiquista Lima, o portista Everton e o boavisteiro Nelson são os três candidatos a ocupar uma vaga no sector ofensivo do Grémio de Porto Alegre — revelou Raul Reis, vice-presidente do clube.

Raul Reis presenciou os encontros Boavista-FC Porto e Penafiel-Benfica, «particularmente com o intuito de observar a actuação de Lima», jogador brasileiro ao serviço do Benfica.

«O Grémio está a precisar de um avançado e como não pode contratar mais nenhum jogador estrangeiro, dado que já tem dois, a solução é adquirir o concurso de um brasileiro que esteja a jogar no exterior» — explicou.

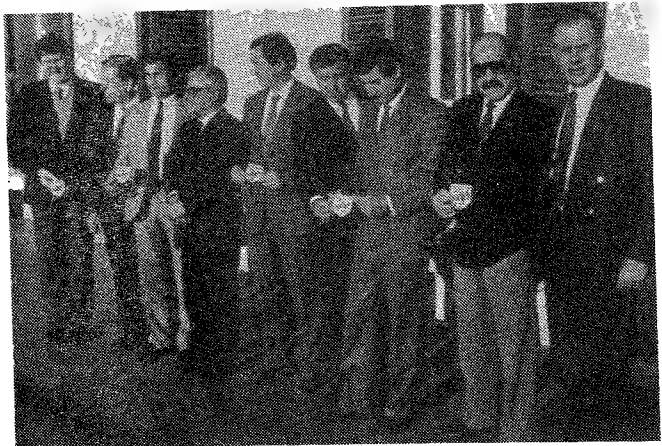
Filipinas: granadas de morte num encontro de basquetebol

Homens não identificados lançaram granadas sobre a multidão de um jogo de basquetebol, no sul das Filipinas, matando 26 pessoas, na maioria crianças, e ferindo 80.

O exército disse que as suas patrulhas contaram 13 mortos e 69 feridos no ataque de domingo à noite, em Esperança, mas que alguns dos feridos morreram depois no hospital.

Ignora-se a razão do ataque.

Um porta-voz do exército disse que os troféus estavam a ser entregues aos vencedores quando duas granadas explodiram. O presidente da edilidade e todos os membros da equipa de basquete visitante foram feridos — noticia a agência filipina.



Veiga Trigo, Francisco Silva, Carlos Valente, Fortunato Azevedo e Rosa Santos com os dirigentes Jeremias Neves, Pinto de Sousa, e António Garrido

Árbitros receberam insígnias

Sete árbitros de futebol receberam as insígnias da FIFA durante um almoço de confraternização que decorreu num restaurante da Foz do Douro.

Estão neste número Alder Dante, de Santarém, Carlos Valente, de Setúbal, Rosa Santos e Veiga Trigo, de Beja, Vítor Correia, de Lisboa, Francisco Silva, de Faro e Fortunato Azevedo, de Braga.

O presidente e o vice-presidente do Conselho Nacional da Arbitragem, respectivamente, Pinto de Sousa e Jeremias Neves, assistiram à cerimónia, assim como três membros do corpo técnico do mesmo organismo, os antigos árbitros Porem Luís, António Garrido e António Teles.

Estiveram também presentes o árbitro português José Guedes, que em épocas anteriores usou a insígnia da FIFA, e outras personalidades ligadas à arbitragem nacional.

SPORT SOCIETY

Keke Rosberg: hoje em Portugal

Keke Rosberg, campeão do Mundo de Fórmula 1 (1982) está hoje em Lisboa, para falar sobre a empresa petrolífera finlandesa Neste Oy. Keijo «Keke» Rosberg, que foi campeão mundial ao volante de um Williams-Ford, foi também campeão da Europa da Fórmula V em 1973 e campeão da RFA de Fórmula Super V.

Nascido em 1948 (na Suécia, mas naturalizado finlandês pela sua ascendência) Rosberg correu na Fórmula 1 entre 1980 e 1985, tinha já par-

ticipado numa corrida em Portugal, em Fórmula 2. Rosberg está presente como orador na conferência de Imprensa que a Neste realiza às 16 h, no Fórum Picoas (Lisboa), propósito da assinatura do contrato de concessão dos direitos de prospecção, pesquisa, desenvolvimento e exploração de petróleo ao largo da costa de Viana do Castelo. Compromisso assinado na Secretaria de Estado da Energia, entre o consórcio chefiado pela Neste e que engloba a empresa norte-americana Hunt Oil Company e o Estado português.

Como se esperava

ROSA E CANÁRIO: "REIS" EM FARO

Como se esperava, Rosa Mota e Ezequiel Canário foram os vencedores do Grande Prémio dos Reis (Faro) numa prova muito participada e com numeroso público a aplaudir os atletas em cena. A Rosinha da Foz não teve qualquer dificuldade em superar as suas mais credenciadas opositoras Rita Borralho e Fernanda Marques (2.ª), tendo a sportinguista gasto mais 25 segundos e a benfiquista mais 1 minuto e 19 segundos. Rosa correu os 4500 metros em 15,28 minutos.

Na competição masculina (7200 metros) Canário venceu folgadoamente, já que os seus companheiros Artur Barreira (2.º) e António Antunes (3.º) não ofereceram grande resistência ao «chefe-de-fila». Canário completou a prova com 22 minutos e 12 segundos tendo Barreira gasto mais 39 segundos e Antunes mais 48 segundos.

Corta-Mato dos Dez para o Benfica

O Benfica dominou em masculinos e femininos o Corta-Mato dos Dez disputado em Loures com triunfos individuais para João Junqueira e Carla Sacramento.

Em masculinos, João Junqueira, uma das revelações de há

dois anos nos 5000 metros, bateu o olímpico João Campos, classificando-se em 3.º lugar o maratonista Manuel Matias.

Classificações, masculinos: 1.º, João Junqueira (Benfica), 20,40; 2.º, João Campos (Benfica), 21,43; e 3.º, Manuel Matias (Benfica), 21,57. Por equipas: 1.º, Benfica 128; 2.º, Belenenses 168.

Femininos: 1.ª, Carla Sacramento (Benfica), 9,56; 2.ª, Fátima Carvalho (Benfica), 9,57; e 3.ª, Teresa Ferreira (Benfica), 10,07.

Por equipas: 1.º, Benfica, 62.

Fernando Reis triunfa no Montijo

O atleta Fernando Reis, representando a Electroliber, ganhou a 3.ª Edição do Grande Prémio dos Reis, do Montijo, em Atletismo, cabendo a Lucília Soares (Benfica) o triunfo em femininos.

A vitória de Fernando Reis foi conseguida nos últimos cem metros com o ex-atleta do Benfica a superiorizar-se a José Soldado, do C.D. de Loures, nos 9000 metros do percurso.

Resultados, masculinos: 1.º, Fernando Reis (Electroliber), 28,51,52 minutos; 2.º, José Soldado (C.D. de Loures),

28,51,56; e 3.º, José Silva (G.D. de Feijó), 29,21,00.

Femininos: 1.ª, Lucília Soares (Benfica), 22,11; 2.ª, Ana Manteigas (Leões da Apelação), 22,57; e 3.ª, Lucília Dias (Águias da Musgueira), 23,01.

Portugueses triunfam no Cross de Vitória

Os atletas portugueses Arlindo Macedo e Cristina Pires venceram o 26.º Cross Internacional de Vitória, em Espanha.

Arlindo Macedo percorreu os nove quilómetros do circuito; no Parque Aranzizkarra, em 24,58 minutos, menos seis segundos do que o seu compatriota Jorge Calvão, que se classificou em 2.º lugar.

Em senhoras, as portuguesas Cristina Pires e Cristina Sanches isolaram-se logo na primeira volta, terminando a prova no primeiro e segundo lugares, respectivamente, com os tempos de 18,46 minutos e 18,54 minutos. A terceira classificada, a espanhola Begona Rodriguez, demorou 20,12 minutos a percorrer as cinco voltas do percurso feminino.

Domingos e Albertina: vencer é o seu hábito

Domingos Castro e Albertina

Machado venceram o Crosse Internacional Fuen Salida, nos arredores de Madrid.

Após as suas recentes vitórias na S. Silvestre da Amadora, os atletas portugueses voltaram a dominar e Domingos Castro bateu o seu irmão gémeo, Dionísio, enquanto Albertina Machado derrotou a sua colega de equipa Conceição Ferreira.

Classificação: Masculinos: 1.º Domingos Castro, Portugal, 30,28; 2.º Dionísio Castro, Portugal; 3.º Vicente Polo, Espanha.

Femininos: 1.ª Albertina Machado, Portugal, 15,02; 2.ª Conceição Ferreira, Portugal e 3.ª Dolores Rijo, Espanha.

«GP» de marcha

Os três marchadores portugueses olímpicos em Seul ocuparam as três primeiras posições no Grande Prémio de Marcha Atlética.

O benfiquista José Urbano ganhou com o tempo de uma hora, 25 minutos e 20 segundos nos 20 quilómetros, perto do recorde nacional de 1.24,4 horas: José Pinto, do Belenenses, foi 2.º com mais 19 segundos e Helder Oliveira, individual, classificou-se em 3.º lugar com 1.28,36 horas.

Rali Paris-Dakar

Moeda ao ar decide quem vencerá

A equipa francesa da Peugeot provocou controvérsia no Rali Paris-Dakar, ao decidir evitar a competição entre os dois pilotos que lideram a prova, o belga Jacky Ickx e o finlandês Ari Vatanen.

Com dois dos seus pilotos nos dois primeiros lugares da classificação geral, o responsável pela equipa da Peugeot, Jean Todt, decidiu «atirar uma moeda ao ar» para decidir qual dos dois seria o número um, evitando assim uma «guerra fratricida» dentro da própria equipa.

O presidente da Federação Internacional do Desporto Motorizado, Jean Marie Balestre, criticou a decisão da Peugeot dizendo: «a própria fábrica caiu no ridículo e transformou o rali numa competição sem sentido».

No entanto, Todt justificou já a medida: «Ickx liderava a prova, mas ainda faltam cinco dias. Há mais de 4 mil quilómetros para percorrer e Vatanen estava a conduzir a grande velocidade para tentar vencer, arriscando-se a ter grandes problemas mecânicos».

O responsável pela equipa da Peugeot afirmou que Ickx poderá ainda vencer se Vatanen tiver problemas mecânicos, mas acrescentou que o piloto belga poderá «ceder» a sua vantagem face ao colega de equipa, de forma a permitir a vitória de Vatanen.

Ari Vatanen, em Peugeot, venceu a 10.ª etapa do Rali Paris-Dakar, numa extensão de 611 quilómetros entre Gao e Timbuktu, no Mali.

O belga Jacky Ickx também em Peugeot, foi 2.º classificado e continua a liderar a classificação provisória, com menos 2,21

minutos do que Vatanen.

Classificação da etapa: 1.º Ari Vatanen (Finlândia), Peugeot, 2.26.57 horas; 2.º Jacky Ickx (Bélgica), Peugeot, 2.47; 3.º S. Servia (Espanha), Land Rover 34.34; 4.º M. Prieto (Espanha), Nissan 40.35 e 5.º Philippe Wambergue (França), Peugeot 1.07.13.

Classificação da prova: 1.º Jacky Ickx 17.32.36 horas; 2.º Ari Vatanen 4.2.21; 3.º Patrick Tambay, 3.42.36; 4.º Tjsternman 6.23.02; 5.º Guy Frequel 6.52.46.

Motos — classificação da prova: 1.º Franco Picco, 41.18,04; 2.º Gilles Lalay, a 14.54; 3.º Stephane Peterhansel, 1.25.50.

Ingvar Carlsson vence Rali da Suécia

O sueco Ingvar Carlsson venceu a 39.ª edição do Rali da Suécia, conseguindo o seu primeiro triunfo numa prova do campeonato do mundo de ralis.

Carlsson, em Mazda, tornou-se assim o primeiro sueco a vencer a primeira prova da temporada do mundo de ralis desde 1984, com o tempo de 4:58:15 horas.

O sueco Per Eklund, em Lancia, foi segundo, a 1.3 minutos de Carlsson, e Kenneth Eriksson, também da Suécia, classificou-se na 3.ª posição.

O finlandês Sebastian Lindholm, sexto da geral, é o único piloto não sueco a ocupar um lugar entre os 10 primeiros.

Classificação final: 1.º Ingvar Carlsson, Mazda, 4.58,15 minutos; 2.º Per Eklund, Lancia, 4.59,18; 3.º Kenneth Eriksson, Toyota, 4.59,57; 4.º Mikael Eriksson, Lancia, 5.01,58; 5.º Stig Bolomqvist, Audi 200, 5.02,52.



Hóquei em patins

"Leões" continuam a "patinar"

Que se passa no hóquei em patins sportinguista, depois de, na passada temporada, haver conquistado, com inquestionável mérito, o título de campeão nacional? Na verdade, contando com o mesmo técnico (o competitíssimo Livramento) e os mesmos (excelentes) executantes, não se atinam com as causas que terão provocado tão evidente colapso ao encontrar-se situado na 5.ª posição da tabela e somando meros 7 pontos que o líder quando tem já disputados 11 jogos enquanto os benfiquistas apenas realizaram uma dezena.

No passado sábado, aconteceu novo desaire da turma leonina ao perder no seu recinto por 7-8 frente ao Parede num encontro em que a dois minutos do termo se encontrava em vantagem de dois golos.

Trata-se de descrença psicológica? Motivada porquê? Questões que Jorge Gonçalves e seus pares terão de decidir e resolver.

Os resultados: 10.ª jornada: Sporting-Parede, 7-8; Campo

de Ourique-Oliveirense, 4-6; Turquel-Paço de Arcos, 1-3; Sporting de Tomar-OC Barcelos, 1-5; Infante de Sagres-Sanjoanense, 5-4 e Juventude de Viana-Benfica, 2-9. 11.ª jornada: Sporting-Campo de Ourique, 11-4; Paço de Arcos-Sporting de Tomar, 1-4; Sanjoanense-Famalicense, 3-4; Oliveirense-Turquel, 8-3 e OC Barcelos-Infante de Sagres, 12-3.

O jogo Parede-Benfica realiza-se amanhã e o embate FC Porto-Juventude de Viana em 18 do corrente.

Classificação	J	V	E	D	P
BENFICA	10	9	1	0	29
Oliveirense	11	8	0	3	27
FC Porto	9	8	0	1	25
Óquei de Barcelos	11	7	0	4	25
Sporting	11	5	1	5	22
Sanjoanense	11	5	1	5	22
Paço de Arcos	11	4	2	5	21
Famalicense	10	5	0	5	20
Juventude Viana	10	4	2	4	20
Sp. Tomar	11	4	1	6	20
Parede	10	4	1	5	19
Turquel	11	2	3	6	18
Infante de Sagres	11	3	0	8	17
Campo de Ourique	11	0	0	11	11

Israel tem a bomba atômica

Israel, que se lançou há dois anos num programa acelerado para conseguir armas nucleares, possui já uma bomba atômica ou tê-la-à muito em breve - afirmou ontem a cadeia norte-americana de televisão NBC, no seu noticiário da noite. Israel estará na posse, muito provavelmente dentro de três anos, do equipamento necessário para lançar bombas atômicas - acrescentou a NBC, a qual revelou que os serviços de informação norte-americanos descobriram que os agentes israelitas compravam, há algum tempo, material especial

e peças soltas que só podiam ser utilizadas no fabrico de bombas atômicas.

Eleições gerais na Tailândia em Fevereiro

O Governo da Tailândia proibiu a propaganda eleitoral na Rádio e na Televisão aos candidatos às eleições gerais do próximo mês. Há dez anos que não havia eleições gerais na Tailândia. Segundo o director-geral adjunto das Relações Públicas, dr. Wit Siwasiryanond, a proibição foi decidida

porque um dos candidatos empregou linguagem abusiva e fez ataques pessoais contra os adversários numa emissora da província de Saraburi.

Depois do frio - veio a chuva

A chuva que esta manhã caiu sobre Lisboa trouxe mais uma vez o problema das inundações (não muito grandes) em vários pontos da cidade (não muito felizes). Na Estrada de Benfica, uma jovem de 17 anos, já inanimada, foi salva por um bombeiro no rés-do-chão inundado da sua residência.

EFEMÉRIDES

1919 A grã-duquesa Carlota sobe ao trono de Luxemburgo.

1935 A Grã-Bretanha assina um Acordo comercial com a Índia.

1942 Forças britânicas reconquistam Bardia, na Líbia.

- Um grande contingente de forças japonesas desembarcam nas Filipinas, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1944 Tropas norte-americanas tomam a localidade italiana de San Vittore, durante o segundo conflito mundial.

1968 A nave espacial norte-americana «Surveyor-7», não tripulada, pousa na superfície lunar.

1970 Informadores do Eliseu afirmam que a França não concordou vender jactos «Mirage» ao regime líbio.

1973 O Governo de minoria branca da Rodésia decide encerrar as suas fronteiras com a Zâmbia no sentido de evitar a entrada no país de forças dos movimentos de libertação negros.

1976 Entra em funcionamento a Universidade dos Açores.

1977 Um nacionalista palestino, suspeito de ter planeado o ataque aos atletas israelitas que participavam nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, é detido em Paris pelos Serviços Secretos franceses, que o identificam como sendo Abou Daoud.

1979 O Xá do Irão liberta 266 prisioneiros condenados à morte por Tribunais iranianos.

- Morre Pier Luigi Nervi, tido como um dos maiores arquitectos do século XX.

1980 A Arábia Saudita ordena a execução de 63 dos religiosos fanáticos que ocuparam a grande Mesquita de Meca em Novembro de 1979.

1981 Pinto Balsemão toma posse como primeiro-ministro do sétimo Governo Constitucional e segundo da Aliança Democrática.

- Quatro cubanos que regressavam a Havana, procedentes de Moscovo, abandonam o avião em Lisboa e recusam-se a seguir viagem.

1983 Centenas de britânicos, residentes nas ilhas Falkland/Malvinas, recebem com manifestações de jubilo a primeiro-ministro Margaret Thatcher, que efectua uma visita surpresa às ilhas, sete meses depois do termo do conflito com a Argentina.

1985 Um incêndio provocado por um curto-circuito destrói um Asilo para a Terceira Idade, em Grandvilliers, França, matando 25 pessoas, durante a maior vaga de frio sentida no país desde há dezenas de anos.

1986 O presidente dos EUA, Ronald Reagan, determina o imediato retorno de todos os cidadãos norte-americanos residentes na Líbia, sob pena de, caso não acatem esta decisão, enfrentarem as devidas sanções.

1987 Entra em vigor a primeira Constituição da Nicarágua elaborada sob o regime sandinista.

1988 Os Governos português e chinês decidem que a troca dos instrumentos de ratificação da declaração conjunta sobre Macau terá lugar, em Pequim, no dia 15 de Janeiro.

EM PORTUGAL

	1.6 h	Min.	Max.	As 13h.
Bragança	-2	-2	0.0	N. e gelo
V. Castelo	2	2	0.0	Limpo
Vila Real	1	1	0.0	Nevoeiro
Porto	7	6	0.0	Limpo
Coimbra	6	6	0.0	Limpo
C. Carvoeiro	12	10	0.0	Limpo
C. Branco	5	5	0.0	Neblina
Portalegre	10	9	0.0	Limpo
Lisboa	9	8	0.0	M. nub.
Evora	8	8	0.0	Limpo
Beja	5	5	0.0	P. nub.
Faro	11	10	0.0	M. nub.
Sagres	12	12	0.0	P. nub.
P. Delgada	12	9	0.0	Encob.
Horta	12	12	0.0	M. nub.
Funchal	15	14	0.0	P. nub.
Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 16, Porto 16, Faro 17, Ponta Delgada 17, Funchal 19.				
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm				

NA EUROPA

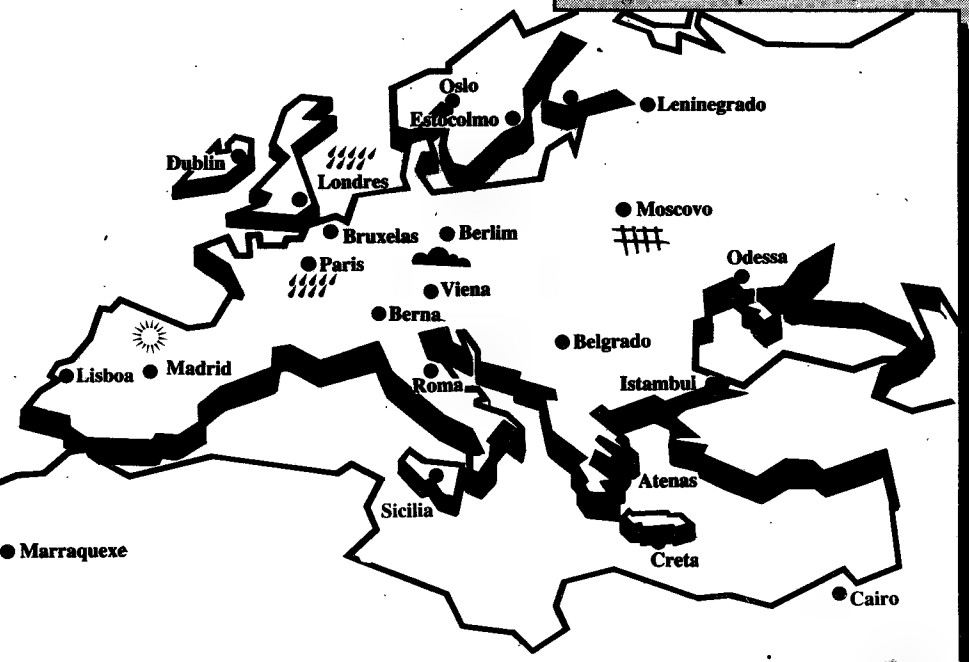
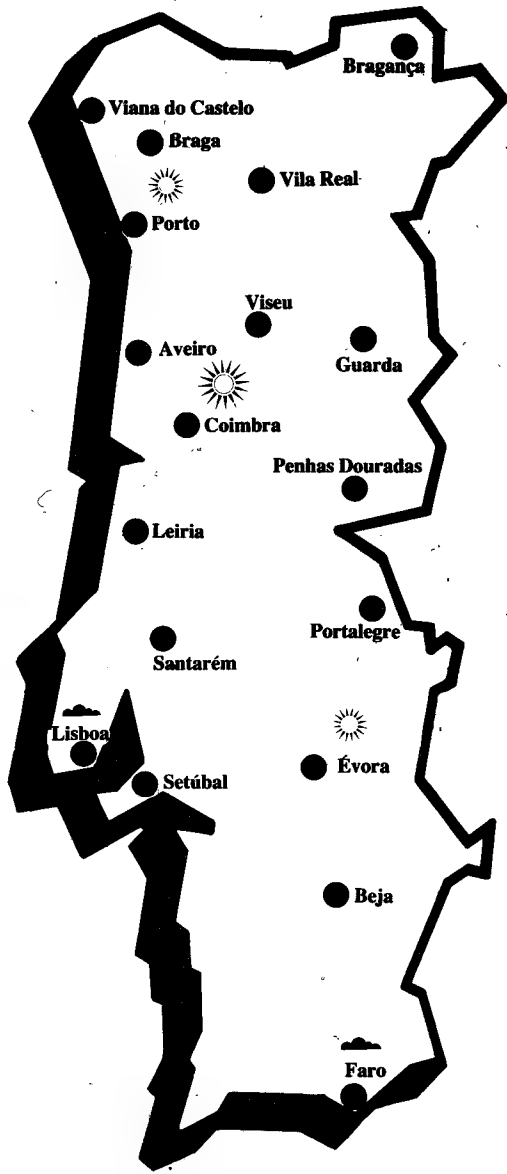
	Min.	1.6 h	As 18 h.
Madrid	-3	-3	Limpo
Londres	10	9	Chuvisco
Paris	6	6	Chuvisco
Bruxelas	7	7	Encoberto
Amsterdão	9	8	Chuvisco
Genebra	3	2	Nevoeiro
Roma	6	6	Neblina
Oslo	-2	-3	Pouco nub.
Copenhaga	6	5	Chuvisco
Estocolmo	3	1	Pouco nub.
Berlim	9	8	Muito nub.
Viena	7	7	Muito nub.
Varsóvia	4	2	Chuvisco
Atenas	6	6	Pouco nub.
Moscovo	-2	-3	Neblina

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

	Min.	Max.	As 13h.
Caracas	15	24	Nublado
Joanesburgo	17	23	Nublado
Los Angeles	2	12	Limpo
Montreal	-	-	-
Nova Deli	13	15	Limpo
Nova Iorque	-5	1	Nublado
R. de Janeiro	21	34	Nublado
S. Francisco	4	10	Nublado
São Paulo	19	34	Nublado
Toquio	6	10	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:
Regiões do Norte: Céu pouco nublado tornando-se muito nublado a partir da noite. Vento fraco a moderado de sueste. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de dois a três metros.
Regiões do Centro: Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de sueste. Possibilidade de aguaceiros fracos na Estremadura e no Ribatejo. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de dois metros.
Regiões do Sul: Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de sueste e aguaceiros pouco frequentes. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de dois metros na Costa Ocidental e na Costa Sul mar encrespado a de pequena vaga com ondulação entre um a dois metros, sendo de sudoeste no Barlavento e de sueste no Sotavento.
Nos Açores:
Em todos os Grupos: Períodos de céu muito nublado. Vento norte geralmente forte, soprando com rajadas nos Grupos Central e Oriental. Aguaceiros, pouco fre-

quentes. Pequena descida da temperatura.
Estado do mar: Mar grosso a alteroso. Vaga de quatro a cinco metros. Ondulação de noroeste.
Na Madeira:
Períodos de céu muito nublado. Vento norte moderado a forte. Aguaceiros, especialmente, nas vertentes voltadas a norte. Condições favoráveis, a ocorrência de trovoadas.
Estado do mar: Costa Norte: Mar cavado a grosso. Ondulação de noroeste de dois a três metros.
Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.
Funchal: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Aguaceiros.

AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de sul. Períodos de chuva fraca especialmente no litoral. Pequena subida da temperatura mínima.

MARES

Hoje	Prata-Mar	Baixa-Mar
04.01	4.3 m	09.46
16.28	4.0 m	21.58
04.42	4.3 m	10.29
17.09	4.0 m	22.40

Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

"Made In": uma nova experiência de ligação arte/indústria

ALGO SE PASSA EM CHEGANÇAS

Rui Eduardo Paes

Fotos de Rui Pacheco

Imagine-se uma escultura com 500 toneladas, conjugação de três estruturas com 4 metros de altura e diâmetros que vão de 6 a 8 metros uma, 14 outra e entre 18 e 20 a última. Uma espécie de «monumento ao trabalho» que só poderá ser transportado por 50 camiões. Pois bem, o «monstro» está a tornar-se realidade pela mão de José Pedro Croft e foi encomendado ao artista pelo município de S. João da Madeira. O projecto, de dimensões inéditas no nosso país, só é possível graças a uma nova experiência de articulação entre arte e indústria nascida entre as colinas de Cheganças, perto de Alenquer: uma fábrica, chamada agora «Made In», dirigida por um colectivo de escultores que com o apoio da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento puderam comprá-la numa disputa em hasta pública. Conhecida anteriormente como Marblarte, a empresa, que se dedicava à produção de jarras funerárias, falira levando ao desemprego os operários que lá laboravam. Croft, Cristina Ataíde, António Campos Rosado e o único não-artista da sociedade, o engenheiro João Taborda, foram bater-lhes à porta e convidaram-nos a regressar. Estão por lá e acham piada trabalhar com a gente das artes.

Tudo aconteceu muito rapidamente. A falência judicial fora declarada em 1985, pouco depois de aqueles mesmos artistas colaborarem com a administração da Marblarte na busca de novos modelos e novas formas, por indicação de João Cutileiro. A matéria-prima de eleição, ali, são os mármore, as muitas espécies de bom mármore que em Portugal podem ser arrancadas à terra, pedra como o Preto-de-Leiria, o Encarnado Picôto, a Pedra-Bicho, o Moleanos ou a Pedra de Ançã. Com a tecnologia disponível a fábrica já era o Paraíso sonhado por qualquer escultor.

Entretanto, provando-se que a realidade não tem sempre de ser pequenina, o reino dos céus desceu à terra e pôde surgir uma autêntica indústria cultural, das poucas que ainda vão existindo. Passou um ano de «Made In» e as expectativas solidificaram-se: hoje a fábrica é frequentada por escultores que não pertencem à sociedade proprietária e nela buscam o que endemicamente lhes faltava, como Rui Sanches, Miguel Branco ou Isabel Garcia. Também por Cheganças têm passado pintores insatisfeitos com a sua actividade, caso de Jorge Martins, este vendo proporcionar-se pela primeira vez uma intervenção manual que não o limita à simples concepção no desenho de uma peça em três dimensões - «Só a pintura é solitária. Falta-

va-me a tarefa de corta-pedra mas para a desempenhar necessitava do apoio de uma infra-estrutura: encontrei-o», diz-nos a propósito.

Mas não é só: artistas americanos têm-se deslocado ao concelho de Alenquer a fim de descobrir o mármore português, consequência já da participação na empresa da Fundação Luso-Americana, que detém 30% do capital.

Objectos e esculturas

A fábrica continua a ter a antiga produção industrial funerária como sustentáculo financeiro, mas novos sectores foram criados, comprometendo arte e indústria: um dedicado ao «design» de objectos decorativos, área em que Cristina Ataíde se especializou, outro para a escultura propriamente dita. As primeiras amostragens do que a «Made In» pode fazer a nível decorativo estão em exposição, só até amanhã, na Livraria Barata. São os «Objectos/88» daquela artista: cinzeiros, pratos, candeeiros, que ora são exemplares únicos ora fazem parte de pequenas séries de 50 ou 100 peças no máximo, à maneira das serigrafias. Tomaram forma devido à utilização de uma tecnologia apurada que permitiu o corte da pedra em espessuras extremamente finas, chegando por vezes aos 6", e soluções co-

mo a colagem, o amaciamento, a acentuação da rusticidade, a gravação em pormenor, os baixos relevos e a busca de efeitos mediante o tratamento com ácidos ou ceras.

À margem, Cristina Ataíde está a trabalhar na junção dos mármore com outros materiais, sobretudo o ferro e o vidro, para o fabrico de mesas e estantes, projecto que ainda permanece na fase dos protótipos e que só uma fábrica destas proporções e com o equipamento de que dispõe permitirá desenvolver no futuro.

«Disponho de uma boa variedade de hipóteses na execu-

ção industrial dos meus desenhos», elucida-nos a escultora e «designer». «Posso fazer o controlo da produção, preparar previamente os objectos, estudando cortes, colagens e materiais, ou trabalhar à mão as peças produzidas industrialmente. Antes levava uma semana inteira para acabar um objecto único, agora levo muito menos tempo e faço mais. As vantagens são óbvias.» Cristina Ataíde introduziu igualmente algumas alterações ao tradicional «design» que as casas funerárias vendem às famílias enlutadas, aumentando a qualidade dos produtos, emendando-lhes

o cariz «kitsch» e remediando a incorrecção das formas - é um luxo a que a sociedade «Made In» pode dedicar-se.

Melhor do que nunca

A secção de escultura, que é a mais privilegiada nos programas da fábrica, terá um desenvolvimento próximo caso a Secretaria de Estado da Cultura venha a apoiar as aspirações dos artistas de Cheganças quanto à criação de espaços específicos para a actividade de escultores convidados e para aquisição de mais tecnologia. Esse é

um ideal, mas de momento, na opinião de José Pedro Croft, estão já reunidas as condições para na «Made In» se «esculturar melhor do que nunca».

Croft não vê nenhuma contradição entre arte e indústria: «Claro! Se o Velasquez e o Rubens já trabalhavam com assistentes! O problema é que as pessoas pensam de um modo geral que o bom artista é o bom artesão, esquecendo que a escultura tem necessidade da tecnologia. Há a ideia muito romântica de que os seus instrumentos de trabalho são apenas o martelo e o escoreto, só que as coisas não se passam assim. A arte de hoje parte de parâmetros e pressupostos bem diferentes e chega a conclusões diferentes.»

José Pedro Croft, que tem agendada uma exposição na Galeria Monumental a partir de 14 de Março, com trabalhos de pequenas dimensões realizados nas instalações da «Made In», dá particular atenção, presentemente, à sua escultura gigante para S. João da Madeira. Sobre ela, as palavras e intenções do artista são esclarecedoras: «Temos que deixar de funcionar com mentalidades domésticas.» Para montar as três estruturas que a compõem foi necessário terraplanar toda uma área ao ar livre e estabelecer uma agenda que não estará «limpa» senão para o fim do ano, não sabe o escultor se para antes se para depois das eleições autárquicas de Outubro. «Não é um trabalho fácil: empilham-se as pedras, volta tudo abaixo para lhes dar a forma que pretendo, monta-se de novo e vão-se colocando os espigões de sustentação. Só com monta-cargas e muita gente é possível», comenta.

Uma empresa de criatividade intensiva

É João Taborda, o responsável pela gestão da fábrica, quem faz a definição mais exacta do que é a «Made In». A afirmação é inequívoca: «Trata-se de uma empresa de criatividade intensiva, e como tal os investimentos devem ser canalizados precisamente para a criatividade, à semelhança do que acontece com a indústria da moda. A engenharia tem aqui um tipo de interlocutores muito especial, os artistas, o que, se não é comum, apresenta duas vantagens: eles têm formação cientí-



Jorge Martins, um pintor descobrindo a pedra



Escultura de José Pedro Croft: quando estiver pronta serão 500 toneladas

fica e trabalham com as mãos.» Para aquele técnico, que pertenceu aos corpos administrativos da Marblarte até à falência e tem vivido a diferença, «uma empresa cultural está mais aberta a um projecto invulgar a nível da execução do que uma empresa industrial vulgar, o que é óptimo: a indústria só tem a beneficiar com a injeção de ideias novas».

João Taborda defende a ideia de que uma empresa cultural não deve ter a obtenção do lucro como meta, e que qualquer esperança disso terá até «de ser excluída», valorizando a sua condição de «banco de en-

saio» e «centro de experimentação», o que não significa propriamente perder dinheiro. Nos custos da «Made In» entram as matérias-primas, os salários, a energia, os equipamentos e a manutenção, e tudo depende de saber a que nível de produção industrial se terá de chegar para garantir «o resto», ou seja, quantas jarras torneadas para os cemitérios portugueses deverão ser fabricadas. Como diz o gestor, «a escultura e o 'design' têm um valor acrescentado maior que a produção industrial - as experiências tornam-se possíveis, não se ganha mas também não se perde».

O gelo derrete-se

Uma fábrica com estas características implica um diálogo muito peculiar entre artistas e operários especializados, sobre por exemplo se uma aresta numa peça de escultura pode ser viva ou quebrada ou se alguns centímetros a mais ou a menos têm alguma importância, e se produzir rápido e barato (no caso dos objectos decorativos) é conciliável com as exigências artísticas.

Ainda o testemunho de João Taborda: «Os operários estavam habituados a produzir objectos em série, sem grande cui-

dado, e viram-se obrigados a adaptarem-se a novas técnicas e a preocupações de rigor que desconheciam. É claro que no início houve uma certa desconfiança da parte deles, mas os operários são sensíveis a quem sabe, e hoje o relacionamento com os artistas é bom e simples: o gelo vai-se derretendo.»

Durante quatro anos os operários da Marblarte tiveram os salários em atraso. Depois, estiveram dois no desemprego. Voltaram para descobrir uma empresa nova, com gente nova. Recebem a tempo e horas e todos os dias lhes é exigida versatilidade e melhoramento de capacidades, pelo que são agora melhores artífices. Do artista faziam outra ideia, pelo que se explica algum paternalismo na relação com os escultores. José Brazão é um deles e diz sem hesitações que «a firma está melhor assim», que os artistas «são engraçados» e que «os trabalhos têm mais piada». «Às vezes a gente não entende o valor das esculturas mas estamos confiantes, isto está a andar bem. Só tenho pena de não saber mais do que sei de Letras. Fiquei pela 4ª classe, mas gosto de trabalhar com os artistas. A malta lá se habitua a este ritmo, tudo bem», confessa à reportagem.

Algo se passa, pois, em Cheganças, passada a vila inclinada de Alenquer e mesmo à beira da estrada velha para o Porto, entre arvoredo, campo cultivado e estufas de cenoura. Coisas da pedra, da indústria e da arte: «Aqui fazemos tudo», diz o José Brazão e diz tudo.



Cristina Ataíde mostra os seus «objectos»

Um repórter com 60 anos

Helena Mensurado
Serviço Lusa/DL



AO cumprir 60 anos, no dia 10, Tintin continua a ser o rapazinho ruivo, penteado meio à Punk, aventureiro, com alma de escuteiro, que prima por ser o jornalista mais viajado do mundo sem nunca ter escrito uma linha.

Herói de lápis e papel pela mão de Hergé, Tintin ganhou o estatuto de herói de carne e osso, sem nunca ter envelhecido ao longo destas seis décadas: iniciou sua vida pública aos 14, mas nunca ultrapassou os 17 anos.

Este mito que sobreviveu à morte do seu criador Hergé, (pseudónimo formado pelas iniciais invertidas do autêntico nome de seu pai, Georges Remi), estreou-se como repórter do periódico católico belga «Le Petit Vingtième», na banda desenhada «No País dos Soviéticos», que o autor acabou mais tarde por retirar do mercado e alterar, pelo seu «anticomunismo primário».

Com 23 álbuns, traduzidos em 25 línguas (incluindo o espanhol) e com tiragens totais de 150 milhões de exemplares distribuídos por 30 países, Tintin é herói de crianças e adultos.

Não espanta pois que o general de Gaulle tenha confessado a André Malraux que o seu único rival no mundo era Tintin.

Tintin conquistou uma corte de adeptos dos 6 aos 70 anos, ao lado de uma grande família de personagens de ficção tão reais como a própria vida.

Tema de estudos para especialistas, Tintin é uma referência invulgar para os miúdos de hoje: não fuma, não bebe, nunca foi apanhado na companhia de uma rapariga, desconhece-se tudo dos seus pais. Carece dos mais elementares parâmetros de identidade e, mesmo assim, agrada a todos de forma muito real.

Alguns episódios atestam a sua «humanidade», como por exemplo o facto de a sociedade Astroflash ter elaborado o seu horóscopo (sob o registo 54 829) e ter revelado que, como bom capricórnio, era capaz de distanciar-se dos outros e aparentar frieza para defender-se das emoções vividas intensamente.

Ou, ainda, obrigar a equipa de dez colaboradores de Hergé a documentar-se nos países das aventuras de Tintin, para dar realismo às histórias, e construir um foguetão miniatura apetrechando-se de toda a documentação técnica, para desenhá-la a «Viagem à Lua».

A este mito não faltam os ingredientes da vida quotidiana, a começar pela cadela «fox-terrier» Milu (inicialmente Ronron), o «fiel companheiro do homem».

Sem partido, mas solidário com os injustiçados e aflitos, Tintin corre mundo perseguindo Rastapopoulos (a personificação do mal), adiantando-se sempre aos polícias Dupont e Dupond (originalmente apelidados X 33 e X 33 bis) encarnando, em dimensão ineficaz e até idiota, o bem.

Nas bandas desenhadas onde se move e vive não falta o capitão aventureiro Haddock (inveterado amante de uísque e de oratória vernácula) tão humano como o cientista distraído e louco Tornesol (surdo que nem uma porta) mergulhado permanentemente no mundo das divagações técnico-científicas.

Para tornar mais reais os cenários das aventuras, Tintin conta com a desafinada diva cantora Bianca Castafiori (paródia à celebridade da época, Maria Callas), ou com o general Alcazar (réplica à figura de um caudilho da República das Bananas), ou a figura de Mussler (simbiose de Mussolini e de Hitler).

O amor e o respeito pela vida real com que Hergé escreveu as suas bandas desenhadas e o humor de qualidade para que deixou transbordar das suas personagens acabaram por influenciar um filme de Steven Spielberg.

Com efeito, a aventura de Tintin no «Carvão no Porão», datado de 1958, acabou por inspirar uma cena de os «Salteadores da Arca Perdida».

O êxito de Tintin extravasou já os limites das folhas de papel, para entrar nos principais museus: dez ampliações das páginas mais representativas das suas aventuras, nas dimensões de 80 por 40, fazem parte das colecções de museus como o de Arte Moderna de Nova Iorque, o Centro Pompidou, em Paris, o Museu de Arte Moderna de Tóquio e o de Belas-Artes de Bruxelas.

Para coroar esta carreira triunfal, a Bélgica conta, desde 9 de Dezembro último, com o semanário «Tintin Repórter» (será desta vez que ele vai cumprir a sua missão jornalística?), para substituir o «Journal de Tintin» publicado desde 1946.

Trata-se de um periódico de fazer inveja a muitos dos portugueses: entre os accionistas conta-se a viúva do criador Hergé, Fanny Remi, com um investimento total de 70 milhões de francos belgas, cerca de 290 mil contos e uma tiragem de 100 000 exemplares.

FAUST. FERN. FRAGM.

Carlos Porto

FAUSTO. FERNANDO. FRAGMENTOS., de Fernando Pessoa. Versão: **António S. Ribeiro**. Consultor: **Pierre Légise Costa**. Consultora de Análise de texto: **Yvette K. Centeno**. Encenação: **Ricardo Pais**. Cenografia/Figurinos: **António Lagarto**. Música: **António Emiliano**. Luz: **Orlando Worm**. Interpretação: **António Rama, Carlos Pimenta, Fernanda Alves, Filipa Pais, João Perry, José Neves, José Whallenstein, Lúcia Maria, Luís Madureira, Maria Amélia Matta, Carlos Aurélio, Cassiano Vieira**. Teatro Nacional D. Maria II/Sala Garrett. Estreia: 4-01-1989.

Sou, desde adolescente, fidelíssimo, atentíssimo, humilíssimo admirador, mais e melhor, amador de Fernando Pessoa. Não é por isso senão desgostosamente que confesso a minha recusa dos textos dispersos, dos fragmentos a que chamou «Fausto/Tragédia subjectiva», que foram recentemente publicados e agora estão, em parte, em cena na Sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II. (Sobre o problema do texto apresentado no espectáculo, da responsabilidade de António S. Ribeiro, ver caixa).

Leio e releio o admirável, e tão admiravelmente convincente, prefácio de Eduardo Lourenço a esta edição de «Fausto», leio e releio as admiráveis propostas de leitura de Manuel Gusmão sobre «Fausto», a que chamou justamente poema impossível e continuo na minha: este conjunto de textos é esteticamente inferior à maior parte do restante da obra do Poeta. E não podiam deixar de o ser já que esses fragmentos são meros esboços de uma obra que Pessoa não aperfeiçoou, não acabou. Isso, parece-me, não por ser uma obra impossível, como querem os seus exegetas, mas porque não passou de um projecto irrealizado. E duplamente irrealizado, como poesia e como drama.

Talvez seja tempo de chegarmos a acordo neste ponto: Fernando Pessoa, um dos maiores poetas universais do século XX, não foi um dramaturgo, melhor, esgotou o seu génio de dramaturgo na invenção e construção do seu espantoso «drama em gente». Mas a obra a que quis dar feição dramática, dramática, teatral, não chegou a ter uma existência suficientemente forte para ser como tal, credível.

Pessoa não foi dramaturgo porque não podia sê-lo. Porque o seu teatro era outro, era um teatro de poeta incapaz de assumir a exterioridade que todo o acto teatral implica e não pode deixar de sugerir, por mais marcado pela mais radical da interioridade com que surja, por mais do domínio do cognitivo que seja.

O acto teatral é por definição uma revelação, revelação de um drama que pode ser tematicamente múltiplo mas pressupõe sempre, e essa é a condição da sua radicalidade, a presença de um ou mais personagens em conflito, o qual passa, também necessariamente, pela recepção dessa conflituabilidade pelo outro

lado, o do público.

Por isso o teatro é um acto que implica a sua exteriorização, mesmo que seja um drama em pensamento, de ideias, na passagem da palavra que se transmuta em corpo (mesmo, como neste caso, se queira eliminar ou elidir a presença corporal), e no corpo do actor, da actriz, se realiza e se prolonga pelo outro.

Ora, este «Fausto», este conjunto de fragmentos, seja em livro, seja no palco nas vozes dos intérpretes, é um texto impossível, já se disse, não pelo facto de o seu tema não ser o mito fáustico mas a impossibilidade de tratar esse tema no nosso tempo, como quer inteligentemente Manuel Gusmão, mas pela incapacidade óptica do Poeta em transformar o tema, qualquer que ele seja, numa obra puramente poética ou impuramente dramática.

Não é por acaso que Eduardo Lourenço e Manuel Gusmão se referem à menor qualidade destes textos, ou de parte deles, embora sublinhando que esse facto não impede a suprema qualidade da proposta pessoana; é que, e peço desculpa pelo atrevimento, o texto de Pessoa é, de facto, um texto menor. Ponto, parágrafo, como agora se diz.

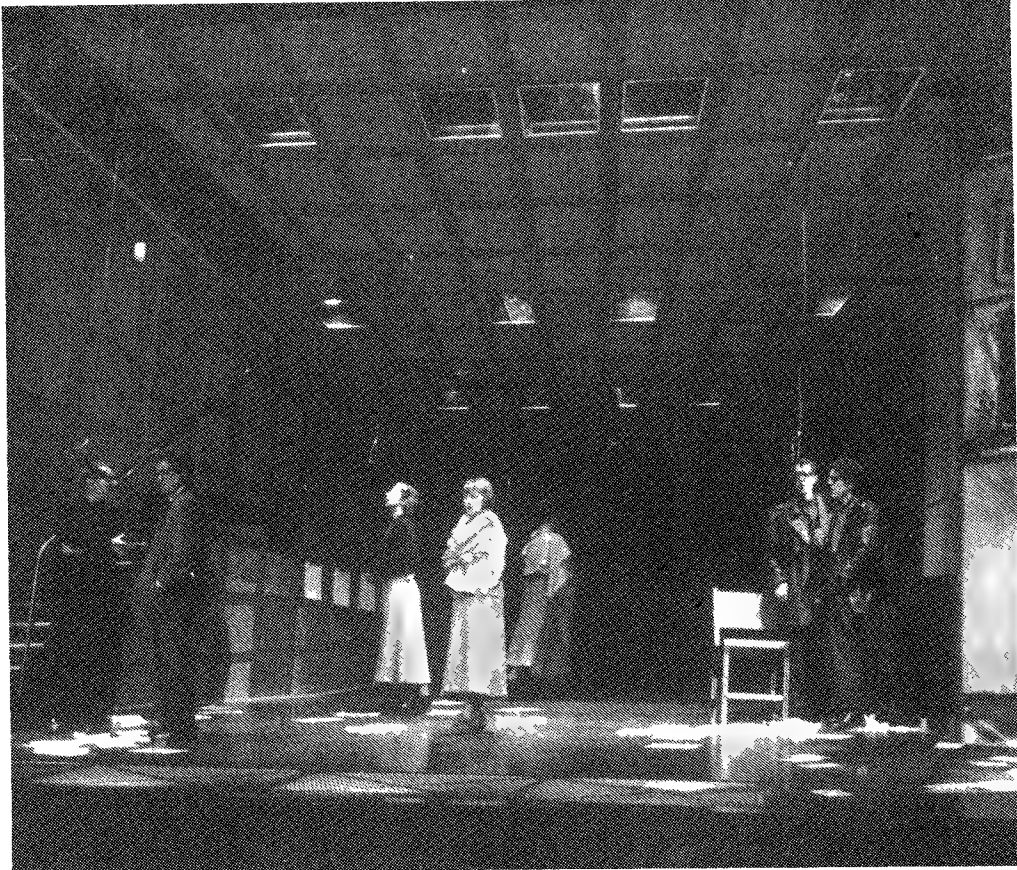
Aliás, um mero exemplo, que não basta para o comprovar mas documenta o que quer dizer. Basta comparar o fragmento do Monólogo à Noite (p. 177 da edição de Teresa S. Cunha) com a Ode à Noite, atribuída a Álvaro de Campos, de que aquele é germen, como escreve com justeza Eduardo Lourenço, para se verificar como o trabalho poético de Fernando Pessoa se situou, naturalmente, a níveis diferentes. Outro exemplo, este mais amplo, pode ser dado: se o «Fausto», como se reconhece, deve ser lido através do «Livro do Desassossego», como compará-los?

Dito isto, convém ter em conta o seguinte: há no poema pessoano passagens duma fulgurância dolorosa que são bem do poeta genial que Pessoa foi; há nele, evidente ou subterrâneo, o veio de uma tragédia pessoal (subjectiva) que tem a ver com as Razões maiores da existência humana, a Morte, o Amor, a Solidão. Por outras palavras, o trabalho de fixação e organização deste texto não podia deixar de ser feito; a sua passagem ao palco não podia deixar de ser tentada. Tentada mesmo com a certeza de que seria uma outra

aventura impossível. Essa impossibilidade, convém repeti-lo, começava e acabava na própria debilidade do texto (sem esquecer as fulgurâncias assinaladas), debilidade não apenas teatral mas também poética. O que aliás o próprio espectáculo nos ajuda a entender. Porque o espectáculo, como realidade teatral, não melhora quando passa pelas cenas mais dramáticas e dramaticamente elaboradas e consistentes (como a cena da taberna).

Duas opções, pelo menos, eram possíveis na transposição deste texto para o palco. Se calhar, quantas os encenadores que a isso se atrevessem: há um «Fausto» — Ricardo Pais, como podia haver um «Fausto» — Luís Miguel Cintra ou um «Fausto» — Rogério de Carvalho, para citar estes. O «Fausto» — Ricardo Pais vem na linha de trabalhos anteriores, que atingem, em alguns aspectos, um ponto de culminância, para o qual, como o encenador assinala, contribuíram, e não apenas nas formas exteriores, tanto o cenógrafo, António Lagarto, como o compositor, António Emiliano, o desenhador de luzes, Orlando Worm, o responsável pela técnica vocal, Luís Madureira.

Falava em duas opções. Uma consistia em aceitar a radicalidade da proposta pessoana, em aceitar a sua teatralidade, e, tendo isso em consideração, interiorizar ainda mais essa proposta, com o risco de um fechamento total e irremediável. O monólogo funcionaria então na sua nudez absoluta, o que implicaria a conceptualização cénica dessa nudez, inclusive nas raras cenas teatrais. Entende-se como



esta opção seria meramente teórica. Por isso não se pode deixar de aceitar que Ricardo Pais tenha optado por um combate, o da exteriorização do texto não apenas através da sua extrema vocalização, que o uso de microfones muito sensíveis apoia, mas também da utilização, até se pode dizer que exagerada, de recursos cenográficos.

Partida perdida à partida, como não podia deixar de ser, até porque perdida na sua matriz

textual, o espectáculo não deixa por isso de ser uma demonstração eloquente da capacidade do encenador e da sua equipa, porventura com um orçamento mais folgado do que o habitual, em inventar um espaço e os sinais que o identificam mas que também o transcendem.

É claro que há nisto uma contradição. Embora não seja inteiramente curial, vou servir-me das declarações que Ricardo Pais prestou ao nosso companheiro da Redacção do «DL», Ernesto Sampaio, no que se refere ao facto do encenador pretender «mostrar um texto a ser ouvido». Acrescenta Ernesto Sampaio: «No teatro, o corpo do actor, o seu jogo com o espaço cénico e com os objectos tem uma importância capital. Aqui dá-se precisamente o contrário.» E antes disso: «E o estúdio da rádio permitiu-lhe ainda descorporizar as personagens.» (A dúvida é a existência de personagens neste texto.) Ora o trabalho predominantemente vocal da leitura de Ricardo Pais de certo modo esbarra com o carácter fortemente cenográfico que o espectáculo implica e mesmo com a constante movimentação dos intérpretes. E mesmo que se aceite, é o meu caso, que essa contradição enriquece a proposta, ela existe e por isso convém referi-la.

Como tem sido amplamente noticiado, Ricardo Pais partiu para este trabalho da criação de um espaço tecnicamente muito definido.

Trata-se de um estúdio de rádio (que não deixa de lembrar a antiga Emissora Nacional do Quelhas, contemporânea de Pessoa) no qual actores e actri-

zes vão interpretar o texto. Há vários sinais desse espaço, inclusive um telão com uma abertura como a parede de uma cabina com as legendas luminosas **No Ar e Silêncio**.

No entanto, a encenação de Ricardo Pais percorre outros caminhos muito mais complexos. Ao lado do estúdio existe uma sucessão de três pequenos espaços sobrepostos, socialmente definidos através dos móveis, incluindo rádios da época, etc. Por estes espaços e pelo estúdio (onde há uma escada e uma porta, entre outras, que é fechada com complicados mecanismos), passam, em trocas sucessivas os vários intérpretes; é nos pequenos aposentos que decorre a cena da taberna, o que lhe dá certas conotações de convívio.

Mas o espaço cénico é ainda mais complexo. O próprio estúdio opera de várias maneiras. A parede do fundo desce e nalgumas cenas surge um efeito de perspectiva para o infinito que é teatralmente muito sugestiva; mais ainda: o estúdio divide-se e entre as partes divididas surge a face de um elemento gigantesco, enquanto ao fundo brilha e roda e brilha um outro elemento cósmico extremamente belo.

Estes elementos implicam a relação de Fausto com a ciência, com outros elementos (de carácter alquímico?) que surgem mais perto do final mas que, a meu ver, representam uma acumulação de efeitos cenográficos pouco produtiva. Tenha-se em conta que o trabalho com estes elementos, a precisão tecnológica que esse trabalho implica, o apuramento do espectáculo sob esse aspecto, fazem desta produção do Teatro Nacional a mais complexa e talvez a mais

O caso do texto

Como surgiu este texto que deixou de ser «Fausto», tragédia subjectiva, na edição de Teresa Sobral Cunha, lançada pela «Presença», para ser, no espectáculo do Teatro Nacional, «Fausto. Fernando. Fragmentos.» É esta a ficha do espectáculo no que se refere ao texto: versão de António S. Ribeiro do texto de Pessoa; consultor para a versão: Pierre Légise Costa; consultora de análise de texto: Yvette K. Centeno.

Não há no programa, estranhamente, nenhuma referência às pesquisas e ao trabalho elaborado sobre o texto utilizado. Vejamos como surgiu a obra: trabalho de 1952 da responsabilidade de Eduardo Freitas da Costa; uma segunda leitura, de 1986, pelo investigador brasileiro Duílio Colombini, esta muito menos incompleta que a anterior; finalmente a mais completa, da responsabilidade de Teresa Sobral Cunha, fixação e ordenação do texto. Aliás, na citada entrevista de Ricardo Pais, Ernesto Sampaio refere este trabalho, creio que foi o único a fazê-lo em relação ao espectáculo. Na noite da estreia o livro estava à venda no átrio do Teatro Nacional. Mais estranho por isso a ausência de qualquer referência ao nome desta investigadora cujo trabalho em relação a este texto foi fundamental, tanto no programa como nas declarações e textos relacionados com a promoção do espectáculo. O programa que se põe é exactamente saber como António S. Ribeiro chegou ao texto pessoano de que fez a versão dramática. São estes pequenos mistérios que Teresa Sobral Cunha, presente na estreia e bastante irritada, salvo erro com toda a razão, gostaria de ver esclarecidos. E todos nós.

C.P.

P.S. — O caso foi entregue à SPA

CRÍTICA
DE TEATRO

perfeita que vi no teatro português.

Se os elementos referidos sinalizam a personagem Fausto (admita-mo-la), que é interpretada por seis actores, também as tónicas que vão envergando, vão no mesmo sentido. Mas, como não podia deixar de ser, a personagem Fausto é um duplo (heteronímico?) da personagem Pessoa que surge assinalada pelos óculos que os seis intérpretes usam e por tiques que todos utilizam, como o de limpar cuidadosamente os óculos e o de apertar os cordões dos sapatos. As actrizes, como duplas das veladoras de «O Marinheiro», são também tecedoras da Morte. Uma quarta actriz (Filipa Pais) funciona como mulher da limpeza — há uma torneira com água — ou seja, como outra imagem da Morte. Um outro sinal muito insistente é dos de sapal: é ao mesmo tempo um sinal radiofónico e um sinal pessoano. Papéis no chão, papéis que são lançados do alto, os livros que se acumulam, no final, no espaço interior, como sinal fáustico.

E, claro, há os intérpretes, por eles passa tudo. Também aqui os jogos são complicados porque surgem matizes entre eles, não apenas como organização sonora do texto, como jogo de sonoridades, mas também porque são diversas as capacidades em acção.

O trabalho vocal de Fernanda Alves e Luís Madureira parece situar-se em domínios que só Maria Amélia Matta consegue atingir, enquanto João Perry parece retrair-se, talvez seja essa a sua função, enquanto José Neves, que cito especialmente por ter vindo do amadorismo (citei-o quando falei aqui do espectáculo «O Sonho» de Rogério de Carvalho/TEUC) conseguiu um trabalho de qualidade, aliás compartilhado pelos restantes intérpretes, António Rama, Carlos Pimenta, José Wallenstein, Lúcia Maria. De resto, nestes jogos há riscos que nem sempre convém correr. Ouvir Luís Madureira cantar depois de ouvir a jovem Filipa Pais são experiências diferentes, mesmo que se entenda que são diferentes as vocações dessas prestações musicais. Música, precisamente: o trabalho de António Emiliano joga com o texto de formas diversas, ora por adesão, ora por contraste, não hesitando de acordo com algumas passagens da encenação em assumir um comportamento, por assim dizer, brejeiro... Estou em crer que o texto de Fernanda Pessoa pedia uma outra abordagem musical, mas reconheço que isso implicaria uma outra opção geral.

A escrever isto estou a pensar que afinal o trabalho de Ricardo Pais parece ser mais interessante sob o ponto de vista plástico (cenografia, luz, em especial) do que sob o ponto de vista vocal e sonoro. O que não deixa de ser um paradoxo.

Espectáculo impossível: por ele, como pelo texto pessoano, passam fulgurâncias que não se podem perder.

“Lenços e Colchas de Chita de Alcobaça”, sábado, no Palácio da Ajuda

A INSUSPEITADA INTIMIDADE DOS CAMPONESES DE ANTANHO

Rodrigues da Silva

É um fascínio, um mistério e algo que, aqui nesta página, peca pela ausência: a cor. O fascínio é o facto em si que se noticia: a exposição de «Lenços e Colchas de Chita de Alcobaça», inaugurada, no sábado, na galeria de pintura do rei D. Luís, do Palácio da Ajuda. O mistério não é um, são vários, a começar por este determinativo «de Alcobaça», quando a verdade é que se ignora por que deste modo se designam colchas e lenços que se sabe terem sido produzidos em múltiplos pontos do País. Um mistério ainda assim menor, se o compararmos com estoutros: quando é que tudo começou, quais as origens, que influências houve?

E diga-se, agora, da cor. Determinante, porque estes adereços decorativos, estes objectos utilitários não são a preto e branco, nem do real nos mostram nenhuns contrastes; antes nos devolvem da vida essa multiplicidade de cores fortes, por vezes tons e meios tons, que mais do que espelhar o real o transfiguram: o azul dominante ou o vermelho; o rosa na pintura de pormenores, o amarelo como base, pano de fundo.

Um delírio colorido que, no caso das colchas, um excesso barroco de decoração, um horror ao vazio enriquecem. Não há espaços livres, salvo aqueles que uma ordem simétrica impõe. Tudo o resto é a cheio, um largo espaço por onde durante gerações e gerações, se espraiou a imaginação de anónimos artistas.

Flores, frutos, animais conhecidos ou exóticos, pequeníssimos objectos, minúsculas figuras humanas, eis o estampado destas colchas. Tudo de um geometrismo rigoroso, como se a finalidade do fabricante fosse só uma: vendê-lo a metro ou à dimensão exigida pelo cliente, cortando-se por onde se cortasse, nada do tecido haveria de se perder.

E, no entanto, já nada disto existe, excepto o que sobrou como memória, objecto de colecção. Primeiro foram-se as fábricas, depois os homens e as mulheres, finalmente a moda e as outras finalidades e hábitos se sucederam. E hoje, quatro séculos

passados sobre o tempo em que Gil Vicente pela primeira vez referencia na Literatura os panos de Alcobaça, eles aí estão, os que restam, como objectos arqueológicos, há muito que ninguém retoma estes padrões, negando continuidade a uma arte e a uma indústria com fortes tradições rurais.

Rurais sim, porque por certo temos isto: foi no campo que estas colchas e estes lenços se usaram. Os lenços — os largos lenços tabaqueiros pouco decorados de que Herculano se servia e Aquilino ainda referencia — terão chegado à cidade só no bolso de viandantes. As colchas, essas alindavam os interiores das casas de província, cobriam-lhes as camas, forravam-se com o mesmo tecido as partes de dentro de arcas e baús.

Foram produzidos aqui, em Portugal, em Alcobaça, também mas não só. A influência provavelmente é oriental, detectável na semelhança do imaginário, conhecido que é da História o irresistível desejo de imitação havido pelos europeus mal olharam pela primeira vez os panos que lhes chegavam da Índia, talvez mesmo do Japão.

Depois, terá sido uma lenta assimilação, quem sabe se não a subversão de valores: o que por lá seria de um uso, por cá se transformaria noutro; o que chegou como produto artesanal, aqui terá passado a fabrico em série.

Nada permite concluir que o «pano de Alcobaça» de que fala

Gil Vicente no século XVI tenha a ver com estes, dois ou três séculos posteriores, que agora vemos expostos na Ajuda.

Em Alcobaça — sabe-se — fizeram-se panos sempre, ou pelo menos desde a Idade Média até ao século XIX. A primeira fábrica de que há memória referenciada data de 1774, os franceses, nas invasões queimaram-na, outras lhe sucederam; os ingleses que vieram depois minaram-lhes a existência pela concorrência de produtos semelhantes importados, mas a indústria, apesar disso, sobreviveu, em Alcobaça e outros lugares aquém e além-Tejo. Um dia extinguiu-se pela ordem natural das coisas.

O padrão manteve-se até ao fim com as suas características orientais, estilizadas pelos portugueses, que, de verdadeiramente original, só lhes terão dado as cores obtidas na estampa, a textura do pano.

Tudo isto e muito mais vem descrito no catálogo da exposição agora patente na Ajuda, depois de o ter estado em Alcobaça. Os interessados na História encontrarão neste catálogo um verdadeiro levantamento, a demonstrar que a exposição teve a antecedência de um notabilíssimo trabalho de investigação levado tão longe quanto possível.

Os que pela História pouco se interessam, tão-só pelo superficial percorrer com os olhos os objectos, terão nesta exposição uma surpresa e não pequena: uma exuberância insuspeitada, a negar a tradição que diz ser a nossa gente do campo contida e reservada.

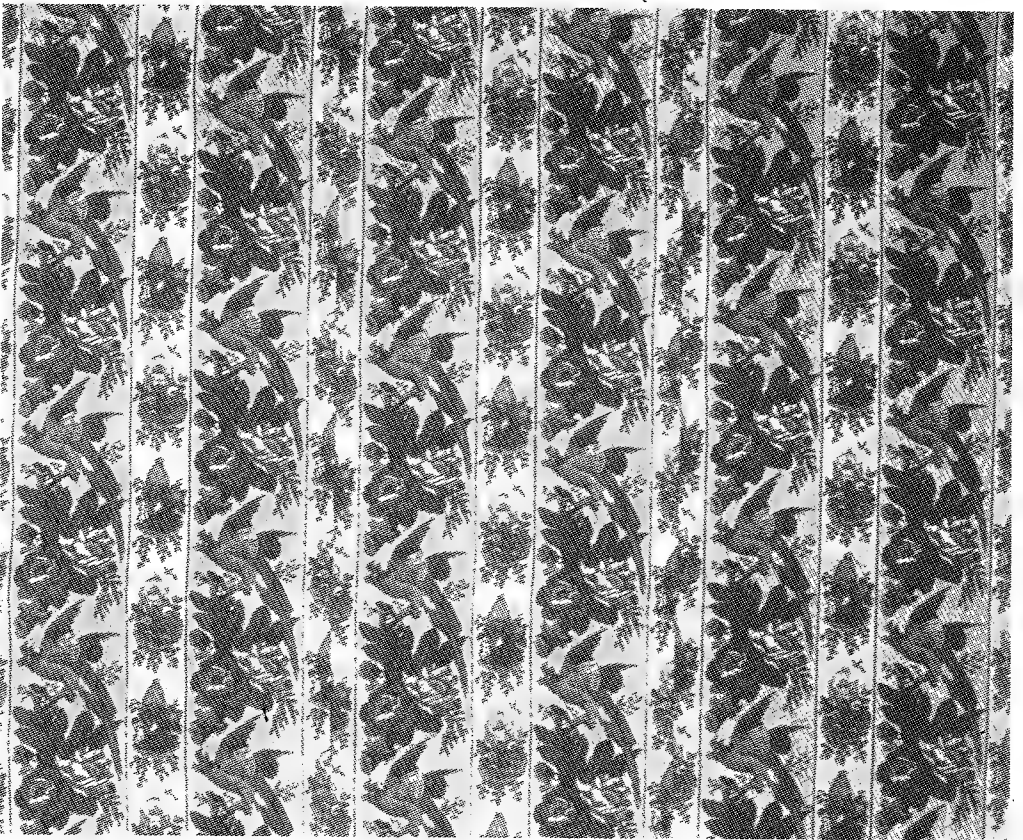
Estes panos mostram o contrário. Há as cores, tão quentes; há os padrões, tão profusamente ilustrados. Quem diria que os macabúzios campões de antanho se assoavam a largueiros lenços vermelhos, dormiam sob colchas onde voam papagaios e

se amontoam rosas; decoravam as intimidades das suas ondas e baús com tecidos listrados, onde espigas saem de ânforas do Oriente, frutos tropicais envolvem cornucópias?

Mas era isto que acontecia, a provar que sob a capa de uma uniformidade exterior de gostos, a que, à falta de melhor, chamamos simples, há sempre um requinte que se desconhece. Ninguém pode, afinal, dizer que sabe de um povo, vendo apenas de fora suas casas, uma porta, duas janelas.

Perdemos as Índias todas, mas olhe-se só que íntimos «Impérios» recriamos destes ires e voltares...

Exposição de «Lenços e Colchas de Chita de Alcobaça»: Palácio da Ajuda, até 5 de Março (4.^a e sábados, das 10 às 19 horas; restantes dias, das 10 às 17, encerrada às 2.^{as} e feriados). Catálogo: coordenação de Maria Augusta L.P. Trindade Ferreira, investigação: Adelaide Cervantes Rodrigues, 1500\$. Cartaz: 300. Uma realização do IPPC.



Quarta-feira, no Grémio Literário

Conferência de Samuel Pisar, um sobrevivente de Auschwitz

Prefaciada pelo Presidente da República, dr. Mário Soares, que conheceu o autor quando estava exilado em França, foi publicada, como o «DL» a seu tempo referiu, uma tradução portuguesa do livro «O Sangue da Esperança», de Samuel Pisar. Como escreve o prefaciador: «Trata-se, com efeito, de um testemunho extraordinário de um dos sobreviventes das vítimas do holocausto. Um testemunho de rara força que importa seja conhecido, sobretudo pelas jovens gerações. É preciso, na verdade, não deixar esquecer esse tempo — que nos parece

hoje já tão distante e quase incompreensível — dos horrores e das monstruosidades sem perdão do nazismo. Muitos de nós perguntar-se-ão sempre: como foi possível? Mas os factos, por mais inimagináveis, aí estão, incontroversos, e têm a nudez forte, irrecusável, da verdade».

O livro «O Sangue da Esperança» é um documento vivo e dramático que denuncia as atrocidades do totalitarismo nazi. Testemunha e vítima do horror, o autor descreve a extraordinária capacidade de resistência e o ímpeto de vida que são o património do homem e a razão da

esperança no destino da espécie humana. Um crítico norte-americano disse que «O Sangue da Esperança» era o livro que a jovem Anne Frank poderia ter escrito se tivesse sobrevivido.

Samuel Pisar nasceu na Polónia em 1929. Partilhado a seu país, em 1939, entre a URSS e a Alemanha, viveu até 1941 na zona soviética. Após a invasão hitleriana foi internado no gueto de Bialystock, e posteriormente em diversos campos de concentração, entre os quais Auschwitz e Dachau. Em 1945, foi libertado pelo Exército americano. Tinha 16 anos. Era o único

sobrevivente da sua família.

Em 1946, retoma os seus estudos, primeiro em Paris, depois na Austrália e nos Estados Unidos. Obteve um diploma em Direito pela Universidade de Melbourne (1953), doutorou-se em Ciências Jurídicas na Universidade de Harvard (1959) e em Direito na Universidade de Paris (1969). De 1956 a 1959, após um estágio nas Nações Unidas, Samuel Pisar fez parte do gabinete do director-geral da UNESCO, em Paris. Advogado inscrito nos tribunais de Washington e de Londres, consultor e conselheiro de grandes grupos

internacionais, pertence a numerosas associações, fundações e instituições científicas.

Samuel Pisar é autor de várias obras, designadamente de: «As Armas da Paz», «Transacções entre o Este e o Oeste», «Os Recursos Humanos». Tem publicado artigos em «Le Monde», «Le Figaro», no «New York Times», no «Wall Street Journal», no «The London Observer».

Samuel Pisar vem a Lisboa, e fará no dia 11 (quarta-feira), às 18.30 horas, uma conferência, no Grémio Literário, à qual assistirá o Presidente da República.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

WILLOW, NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

JOVENS PISTOLEIROS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

MOONWALKER, PASSAGEIRO DA LUA
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club

TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras

Amoreiras 1

WILLOW NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 2

MOONWALKER, PASSAGEIRO DA LUA
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 3

JOVENS PISTOLEIROS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4

TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 5

FUGA À MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 6

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 7

ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 8

SOS FANTASMAS
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 9

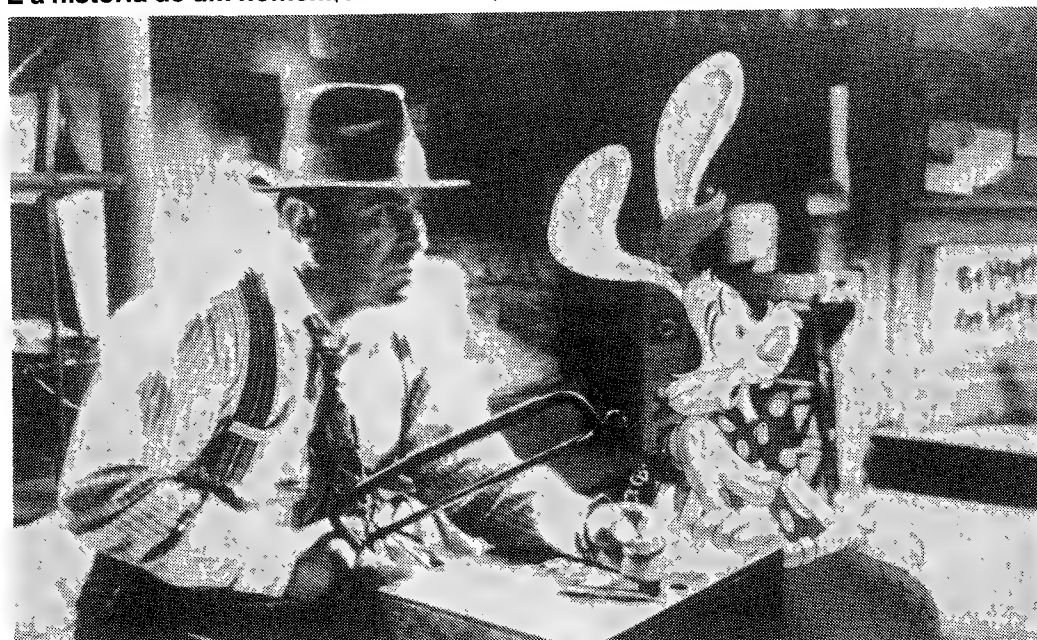
ENTRE O INFERNO E O CÉU
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 10

OS BONS AMANTES
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Pub. QUEM TRAMOU ROGER RABITT?

É a história de um homem, uma mulher, e um coelho num triângulo de sarilhos.



A TOUCHSTONE PICTURES e STEVEN SPIELBERG apresentam um filme de ROBERT ZEMECKIS BOB HOSKINS CHRISTOPHER LLOYD «WHO FRAMED ROGER RABBIT» e JOANNA CASSIDY produzido em associação com SILVER SCREEN PARTNERS III música de ALAN SILVESTRI
Produtores executivos STEVEN SPIELBERG KATHLEEN KENNEDY baseado no livro «Who censored Roger Rabbit?» de GARY K. WOLF
argumentos de JEFFREY PRICE & PETER SEAMAN produzido por ROBERT WATTS e FRANK MARSHALL realizado por ROBERT ZEMECKIS
TERMINAL — TIVOLI — AMOREIRAS — NIMAS — 7.ª ARTE — ALFAS

Cine Portela

— T. 9434773

Estúdio Anusha

DUELO MORTAL
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Estúdio Sheza

«BARFLY» AMOR MARGINAL
(maiores 12 anos)
15.15 e 21.15 h

City Cine

— T. 549999

FUGA À MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.30, 18.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O REGRESSO DO NINJA AMERICANO
Estreia
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

MR. NORTH — UM HOMEM DE SONHO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

CORPOS ESCALDANTES
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O PASSAGEIRO DA LUA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

UM PRÍNCIPE EM NOVA IORQUE
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
(maiores 16 anos)

Gemini

— T. 734009

BOM DIA, VIETNAM
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

A MULHER DO PROXIMO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

NA ROTA DA DROGA
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

King Triplex

SALSA
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30, e 21.45 h

Sala 2

ARMADILHA FATAL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 h

Sala 3

BARFLY — AMOR MARGINAL
(maiores 16 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

CAFE BAGDAD
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

NA ROTA DA DROGA
Estreia
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

CAFE BAGDAD
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O REI DE ALPHABET CITY
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 2

A APAIXONADA
Estreia
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
BLADE RUNNER
(maiores 13 anos)
23.30 h

Sala 3

BONS AMANTES
Estreia
(maiores 16 anos)
15.00, 18.30 e 21.30 h
A BONECA MECÂNICA
(maiores 16 anos)
24.00 h

Sala 4

A LEI DO DESEJO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
OS INTOCÁVEIS
(maiores 12 anos)
23.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

WILLOW NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

SOS FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.10 e 21.45 h

Sala 3

TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

QUEM TRAMOU ROGER RABITT
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Star

— T. 804210

TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

QUEM TRAMOU ROGER RABITT
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

QUEM TRAMOU ROGER RABITT
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

SALSA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

CÓDIGO: VÍBORA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Babilónia —
«Quem Tramou Roger Rabbit», às 13.30, 15.30, 17.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby —
«Corpos Escaldantes», às 21.30 h (maiores 16 anos).

CACÉM — Cinestúdio Flores
«O Combate», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme «Laca» (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril —
Encerrado para obras.

ALGÉS — Cinema 2000 —
«Um Príncipe em Nova Iorque», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 —
«Café Bagdad», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Sala 2 —
«Ruas de Glória», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos).

NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 —
«Laca», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

CARCAVELOS — Atlântida Cine —
«Quem Tramou Roger Rabbit?», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

CASCAIS — Miramar — Sala 1 —
«Assalto ao Arranha-Céus», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 16 anos).

Sala 2 —
«Quem Tramou Roger Rabbit?», às 15.30 e 21.45 h (maiores 6 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia —
«Coragem para Matar», às 15.30 e 21.15 h (maiores 16 anos).

ALMADA — Incrível Almada —
«Holocausto num campo nazi», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense —
«Bom dia Vietnam», às 21.30 h (maiores 16 anos).

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense —
«Willow na terra da Magia», às 15.00 e 18.30 h (maiores 12 anos).

VIEIRA DA SILVA NO MERIDIEN DO PORTO

Seis trabalhos de Vieira da Silva estão patentes desde sábado na galeria de Arte do Hotel Meridien do Porto, numa exposição de gravura, em homenagem à pintora portuguesa, que inclui ainda obras de 16 artistas estrangeiros.

Nesta exposição, organizada pelo pintor Jaime Isidoro, encontram-se gravuras de Picasso, Miró, Chagal, Sónia Delaunay, Salvador Dali, Poliakoff, Artung, Zao Wuki, entre outros. A mostra

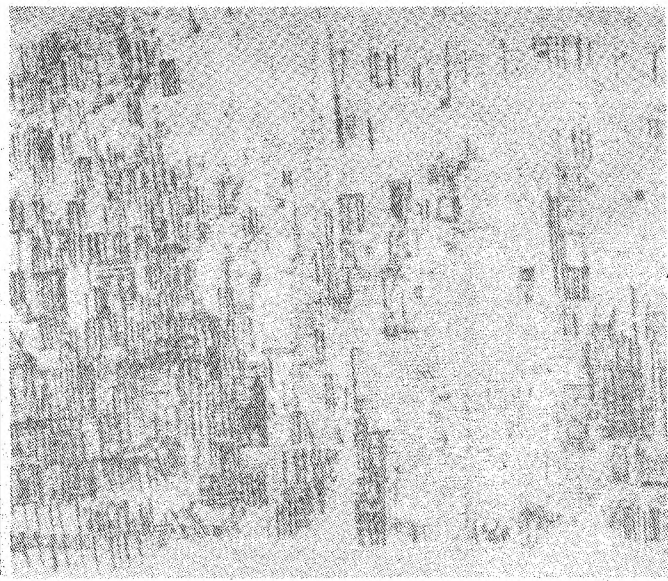
ficará patente até ao próximo dia 14.

Nascida em Lisboa há 81 anos, Maria Helena Vieira da Silva começou a desenhar em 1919, iniciando o seu estudo sobre Pintura três anos mais tarde, ao lado de Armando Lucena.

Bolseira da Fundação Gulbenkian, Vieira da Silva passou a residir em Paris desde 1928, onde foi aluna do mestre escultor Bourdelle.

Foi na capital francesa que Vieira da Silva fez a sua primeira exposição individual, em 1933 e aí vendeu a sua primeira obra, no ano seguinte, ao pintor italiano Campigli.

A primeira exposição de Vieira da Silva em Lisboa foi organizada por António Pedro, em 1935. A Fundação Gulbenkian promoveu o ano passado uma exposição retrospectiva da obra de Vieira da Silva.



EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até Março de 89, a exposição temporária "Imagens do Tempo", escultura portuguesa do século XIII ao XVIII. Até 23 de Janeiro, as salas de pintura portuguesa e parte da pintura europeia, encontram-se encerradas para obras de beneficiação.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: A exposição: "Tapeçarias de Vieira da Silva" até 28 de Fevereiro. **BIBLIOTECA NACIONAL:** até meados de Fevereiro, a exposição "Fernando Pessoa no seu Tempo", com o lançamento das obras "Fotobibliografia de Fernando Pessoa" e o número especial da "Revista da Biblioteca Nacional" dedicado a Pessoa.

HOTEL MERIDIEN DO PORTO: até 14 de Janeiro uma exposição de gravura de homenagem a Vieira da Silva que inclui ainda gravuras de Picasso, Miró, Chagal, dali, Sonia Delaunay, Artung, Poliakoff, Zao Wuki, entre outros.

RESTAURANTE ESCORIAL: (R. das Portas de Santo Antão, 47): até 26 de Janeiro, pintura de Teresa Lopes, patente todos os dias das 12 às 24 horas..

GALERIA-ATELIER E.C. (Várzea de Colares): até 22 de Janeiro, a colectiva do 1º aniversário com trabalhos de Jo~so Mário, Luiz Furtado, Luch Blaya, Luiz Lopo, Margarida Vigogo, Manuel da Silva, Michael Wiben, Preben Boesen, Rosarinho Fergaz, Salvação Barreto e Taia Aguiar.

O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. Dr. Alfredo Costa, 14-Sintra): até 1 de Fevereiro, de terça a sábado das 10 às 14 e das 15 às 19, domingos e feriados das 15 às 19, a exposição "Mãos de Terra" - desenho e pintura de Hugo Ferrão.

SOC TIP- Centro de Arte

(R. de D. Estefânia, 195-D): até 28 de Janeiro, de segunda a sexta das 10 às 20 e sábados das 10 às 14, a exposição "Uma Nova Memória" com originais de Rodrigo Ferreira, Graça Morais, Emília Nadal, Armanda Passos, Paiva Raposo e Filipe Rocha da Silva.

GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL: até 22 de Janeiro, diariamente das 15 às 24, a exposição "Jovens Artistas Plásticos".

MUSEU DE SETÚBAL (Convento de Jesus): a exposição "Cem Artistas de Setúbal".

GALERIA JF (Junta de Freguesia de Cascais): até 26 de Janeiro, pintura a óleo de Elisa Afonso.

GALERIA VIRAGEM (Cascais): até 19 de Janeiro, a exposição "10 Artistas da Viragem".

TURISMO DA PÓVOA DE VARZIM: a exposição "10 Anos de Cultura Jovem".

ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): até 24 de Janeiro, uma colectiva com obras de António Palolo, António Viana, Daniel Nave, Dora Iva Rita, Idílio Salteiro, Isabel Garcia, João Moreira, José Paulo Ferro, Luís França, Moniz Pereira, Rocha Pinto, Victor Fortes, Vespeira e Wessel Dijkstra.

GALERIA MUNICIPAL DE ARTE DE ALMADA (Av. D. Nuno Álvares Pereira, 74-A): até 5 de Fevereiro, de terça a domingo das 15 às 23 horas, a exposição Ver Desenho 1 - A Aula de Desenho: Academias dos séc. XIX e XX das Escolas de Belas Artes.

GALERIA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA: até 22 de Janeiro, uma colectiva com trabalhos dos jovens artistas que ao longo do ano passado participaram na série denominada "Arte Jovem".

GALERIA RESTAURAÇÃO

(Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 26 de Janeiro, de segunda a sábado das 9,30 às 13 e das 15 às 19, pintura de Luís Aniceto. **A MEIAS BAR** (Viseu): até 31 de Janeiro, O Cine Clube de Viseu e o Ameias apresentam a exposição "Fotografias Premiadas", acervo do Cine Clube resultante dos concursos nacionais realizados em 1985-86-87.

AAPACO/ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): até 21 de Janeiro, de terça a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19, a exposição "Magia da Construção" de Fernando Aguiar e Vasco Folha.

GALERIA 12 A (Costa do Castelo, 12-A): até 27 de Janeiro, de segunda a sábado das 9,30 às 13,30 e das 15,30 às 19,30, fotografias de Celina Morais.

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: até 27 de Janeiro, fotografias de Christian Auscher com o título "Janelas Fechadas".

JUNTA DE FREGUESIA DE SAMORA CORREIA: até 22 de Janeiro, uma exposição de artesanato da República Russa.

GALERIA CÓMICOS (R. tenente Raul Cascais, 1-B): até 31 de Janeiro, exposição de Fernando Calhau, de segunda a sábado das 15 às 20.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): até 15 de Janeiro, gravura de Patrícia Montiel, "Por uma retórica do olhar".

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: até 27 de Janeiro, "Caricaturas de Siné" e desenhos de António, Carlos Zingaro, Cid, Isolino Vaz, Luís Lima Saraiva, Maia, Rui Pimentel, Vasco e Zé Bandeira.

MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS: exposição evocativa de Fernando Pessoa "O Ganges passa também pela Rua dos Douradores".

GALERIA ALGARVE

(Páteo da Aldeia, Areias de S. João - Albufeira): pintura de José Paulo Ferro.

GALERIA DE ARTE DOS CTT (Forum Picoas): até 22 de Janeiro, exposições de pintura e obra gravada de Maluda. De segunda a sexta (das 11 às 19 a mostra de pintura, das 9 às 24 a de obra gravada).

CENTRO DE ARTE DE S. JOÃO DA MADEIRA:

até 27 de Janeiro, exposição de fotografias de Carlos Costa, de segunda a domingo das 14 às 20. **HOTEL SOL E MAR** (Albufeira): até 14 de Janeiro, óleos de Maria Del Carmen de Lucas Serrano.

FUNDAÇÃO GULBENKIAN (galeria de exposições temporárias): pintura e desenho de Oskar Pinto Lobo.

BAR DOM PINGAROLAS (Óbidos): até 15 de Janeiro, de terça a domingo das 12 às 2 horas, pintura de Graziella Rinaldis.

IGHREM (R. Academia das Ciências, 2-D): exposição "Mok - cerâmica de alto fogo" de Manuel Osório de Castro.

RATTON Cerâmicas (R. Academia das Ciências, 2-C): em homenagem à pintora Sarah Affonso, em exposição um conjunto das suas obras, pertencentes a colecções particulares e os primeiros exemplares do livro "Sara Affonso de Maria José Almada Negreiros" editado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. "Signos do Zodíaco", azulejos de Sarah Affonso, colecção limitada a 1000 exemplares.

GALERIA PRÍNCIPE REAL (Pº do Príncipe Real, 32): até 14 de Janeiro, de segunda a sábado das 14 às 20 horas, pintura de Telles da Silva.

GALERIA ÍCARO (R. Presidente Arriaga, 70): a

exposição "Ícaro", de Artur Bual. De segunda a sábado das 14 às 19,30.

GULBENKIAN (Galeria de Exposições Temporárias): "10 Aspectos do Desenho Contemporâneo Canadiano"

GALERIA ARCADEA (Parque do Estoril): até 11 de Janeiro, todos os dias das 11 às 13 e das 14 às 19, a exposição "Colectivo Ilustre" - Ilustração/ Desenho/BD.

GALERIA DE SANTA JUSTA (R. de Santa Justa, 93-2º): até 19 de Janeiro, de segunda a sábado das 15 às 20, pintura de João Paulo.

GULBENKIAN (Jardim dos Congressos): Escultura em pedra e madeira de Maria Manuela Madureira intitulada "Comunicações Espaciais".

GULBENKIAN (Galeria das Exposições Temporárias): "Imagens Tácteis" de Fernando Curado Matos.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: até 11 de Janeiro, patente a exposição "Fácies", de Ricardo Paula.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril): a Junta de Turismo da Costa do Estoril, a exposição de tapeçarias e cerâmica de Cândida do Rosário.

GALERIA DE S. MA-MEDE (R. da Escola Politécnica, 167): Pintura de Justino Alves.

GALERIA DO GILDE (S. Torcato-Guimarães): guaches e tinta da China de Sónia Delaunay. **SNBA** (R. Barata salgueiro, 36): a exposição "Revelações em Papel: Desenhos da América", que inclui 35 desenhos da autoria de 20 artistas norte-americanos vivos.

GALERIA ARCADEA (Parque do Estoril): até 11 de Janeiro, exposição de Nova Joalharia.

GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111):

exposição do 4º aniversário da galeria, "Pintura Anos 60/70/80", de Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, António Sena, Joaquim Bravo e Jorge Martins.

GULBENKIAN (galeria de exposições temporárias): "A Arte eo Sagrado", colecção de João Marino.

CENTRO DE ARTE MODERNA (Gulbenkian): Acontecimentos III, a exposição de fotografia "A Obscuridade e as luzes da noite em Lisboa" de Bernard Plossu e Keiichi Tahara.

GALERIA O PATAMAR (R. da Ferraria 13-Sintra): até 13 de Janeiro, uma colectiva de pintura.

GALERIA TITA (Setúbal): A Cetária - Galerias de Arte apresenta uma exposição individual de pintura de Carlos Canhão.

MUSEU DE ETNOLOGIA: até 31 de Março, a exposição "A Aventura Humana".

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA DE SETÚBAL: exposição de pintura sobre porcelana subordinada ao tema "Flores e Pássaros", de Fernanda Ruas.

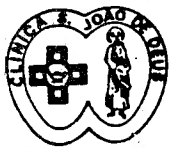
BERTRAND DO CHIADO: pintura de Isabel Pavão.

GALERIA DN (R. Ant. Maria Cardoso, 41): a NOBAR-grupo Editorial, Lda. em colaboração com a Galeria Nasoni apresenta a exposição antológica de Domingos Pinho.

GALERIA GRAVURA (Tv. do Sequeiro, 4): de segunda a sexta das 10,30 às 13,30 e das 15 às 19, Serrão Faria apresenta aguarelas, desenho e gravura.

GALERIA SPATIUM (Tavira): exposição de estrutura de Sylvia Gyax.

GALERIA LIBERDADE 190 (Av. da Liberdade, 190/cv): pintura de Sara Mendes, de segunda a sábado das 15 às 20.



Farmácias

MÉDICO

DE

URGÊNCIA

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE
— AJUDA: Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288); ALVALADE: Zil, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); SA-PADELOS: Zema, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); BAIXA: Azevedo Filho, Rossio, 31 (T. 327478); BENFICA — CEMITÉRIO: Simões, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); CAMPO DE OURIQUE — PRAZERES: Ourique, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); CHELAS — COLEGIO VALSASSINA: Santos Silva, zona n.º 22, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 851265); LUMIAR: Nicolau, C. de Carriche, lote 4, loja, Esq. (T. 758872); ESTEFA-NA: Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); OLIVAS SUL: Marta, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); PICHELEIRA: Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); PARQUE EDUARDO VII: Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (T. 542312); BRANDOIA — AMADORA: Brito, R. 25 de Abril, lote 32-B (T. 995338); CARNAXIDE: H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); ODIVELAS: Central de Oddivelas, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); PONTINHA: Leitão Ribeiro, R. A do Faleiro, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 95859); AVENIDAS NOVAS: Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); CAMOES — SANTA CATARINA: Combro, C. do Combro, 82 (T. 326059); CAMPO-IDE: Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (T. 680304); ENCARNACÃO: Zira, P. das Casas Novas, 5-A (T. 311216); PENHA DE FRANÇA: Dimar, R. Conde de Monsaraz, 17-B (T. 842533); RATO: Manuel Vicente Jesus, L. do Rato, 3-C-D (T. 681947); RESTELO — AVENIDA YASCO DA GAMA — ALGES: Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); ROCHA: Pinheiro, R. Presidente Arriaga, 16 (T. 603054); SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex, E. de Benfca, 373-B (T. 780548); XABREGAS — MADRE DE DEUS: Conceição, C. D. Gas-tão, 30-32 (T. 381279); BU-RACA — AMADORA: Gaspar Pote, R. das Gaias, lote 16, Bairro Zambujal (T. 902221); OLIVAS BASTO: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); PRIOR VELHO: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMA-DA: Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297); PERMANENTE; COVA DA PIEDADE: Rainha Santa, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182); PERMANENTE; MONTE DE CA-PARICA: Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 22954436); Até às 19 horas; COSTA DE CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060); Até às 19 horas; FEIJÓ: Feijó, R. Borges Re-gio, 7 (T. 2290911); Até às 22 horas; SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); Até às 19 horas; LAVRADIO: J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126); Até às 19 horas; BARREIRO: Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja (T. 2070602); Per-manente; BAIXA DA BA-NHEIRA: Cardoso, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044); Até às 19 horas; CORROIOS: Bento Lino, Até às 19 horas; CRUZ DE PAU: Duarte Ra-

mos, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143); PERMANENTE; SEI-XAL: Soromenho, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560); Até às 22 horas; MONTIJO: Ge-raldes, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); Até às 22 horas; MOITA: Parque, Av. Dr. Egas Moniz, 24 (T. 2392294); Até às 19 horas; ALHOS VE-DROS: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020); Até às 19 horas; ALCOCHETE: Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100); Até às 19 horas; SETUBAL: Bra-sil, P. do Brasil, 15 (T. 24788); PERMANENTE; COSTA, R. da Mi-sericórdia, 48 (T. 22760); Per-manente; Moreira Martins, P. Olga Sarmiento, 14 (T. 26051); Até às 22 horas.

Linha de Cascais — AL-GES: Branco, Av. dos Com-batentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953); PERMANENTE; LINDA-A-VELHA: Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610); PERMANENTE; TI-RES: Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616); Até às 22 horas; ALCABIDE-CHE: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363); Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmi-no Rebelo (T. 2421015); Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635); Até às 22 horas; OEIRAS: Godinho, R. Cândia dos Reis (T. 2430090); Per-manente; CARCAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037); PERMANENTE; SÃO DOMINGOS DE RA-NA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361); Até às 22 horas; PAREDE: Mendes Junqueiro, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838); PERMANENTE; MURTAL: Primavera, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278); Até às 22 horas; SASSOIEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312); Até às 22 horas; BIRRE: Imani, lote 7-B, Hera (T. 22852121); MA-DORNA: Madeira, R. A (T. 2476326); Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Vi-venda Maria Carlos Anjos (T. 2682313); Até às 22 horas; MONTE ESTORIL: Osten-de, R. de Espinho, 1 (T. 260391); Até às 22 horas; CASCAIS: A. Costa, R. Frei-tas Reis, 24-C (T. 280214); PERMANENTE.

Linha de Sintra — AMA-DORA: Heleno, R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964796); PERMANENTE; Carlos, R. Sebas-tião da Gama, 28-B, Casal de São Brás; Até às 22 horas; DAMAIA: Clabel, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551); Até às 22 horas; QUELUZ: André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043); PERMANENTE; Al-bergaria, Queluz de Baixo. Até às 22 horas; CAMARA-TE: Fátima, Fetais (T. 2570696); Até às 19 horas; CACEM: Rico, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833); PERMANENTE; ALGUEIRÃO: Vítor Manuel, E. de Alguei-rão, 123 (T. 9217814); Perma-nente; MERCES: Claro Rus-so, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275); Até às 22 horas; RINCHOA: Dumas Brousse, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404); Até às 22 horas; SINTRA: Mi-sericórdia, Pendão, 17 (T. 9232747); Até às 22 horas; COLARES: Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias
— MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234); PERMANENTE; SA-CAVEM: Maria, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369); Até às 22 horas; LOURES: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 9830027); PERMANENTE.

Maria Matos
Av. Miguel Contreiras — Tel. 89 70 07
De 3.ª a sexta, às 21.30; sábados, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados às 16.00 e 21.30
«ENFIM SOS!», de Carlos Cruz, Mário Zambujal e José Duarte. Intérpretes: Eugénio Salvador, Henrique Viana, Luísa Barbosa, Natalina José, Henrique Santos, Maria Vieira, Dulce, Fernando Luís, Vítor de Sousa e Amélia Videira.

Variedades
Parque Mayer. (Telef. 326037)
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, matiné às 16.00
A PROVA DOS NOVOS, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Nazaré Fernandes.

Casa da Comédia
R. São Francisco de Borja, 24, às Janelas Verdes
Tel. 69 72 99
De 3.ª a sábado, às 21.45; sábados e domingos, às 18.00

PEQUENO REBANHO NÃO DESESPERE-RES, de Christian Giudicelli. Encenação: António Feio. Intérpretes: Fernanda Borsatti e Susana Prado.
5.ª, sábado e domingo, às 16.00
«PIERROT E ARLEQUIM», de Almada Ne-greiros. Pelo Grupo de Teatro da Casa da Comédia. Encenação: Filipe la Féria.

Os Comediantes
R. Gonçalo Cristóvão, 190 — Tel. 20 412
De 5.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00
«SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO», de William Shakespeare. Dramaturgia e encenação: Isabel Alves. Direcção de cena: João Paulo Costa. Cenários e figurinos: José Manuel Melo. Música: Emílio Caio. Desenho de luzes: João Lorga. Move-mento: João Malafáia. Máscaras e adereços: Eduar-do Gomes.

Porto — Auditorio Carlos Alberto
R. das Oliveiras — Tel. 24 540
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00
«VIEUX CARRÉ», de Tennessee Williams. Pelo Grupo de Teatro Hoje. Encenação: Carlos Fernan-do. Cenários: Dalton Salem Assaf. Direcção musi-cal: Carlos Curto. Execução musical: Carlos Curto, Joana Bagulho e Zé Bruno. Tradução: Manuel João Gomes.

Teatro Aberto
P. de Espanha — Tel. 77 09 69
De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

Estreia, dia 21 de Dezembro
«ROMEU E JULIETA», de William Shakespea-re. Versão portuguesa: João Lourenço e Vera de San Payo Lemos. Encenação: João Lourenço. Dra-maturgia: Vera de San Payo Lemos. Música: Eduardo Paes Mamede. Apoio corporal: J. Stob-baerts. Movimento de baile: Olga Roriz. Figurinos: Renée Hendrix. Cenário: Jocken Finke. Execução musical: Simon Wadsworth e Francisco Sales.

ABC
Parque Mayer — Tel. 36 67 45
Sábados, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30. De 3.ª a sábado às 21.30
«PIJAMA PARA 6», de Marc Camoletti.

ML Estoril — T.M.M. Casimiro
Av. Fausto Figueiredo — Tel. 267 03 20
De 3.ª a 6.ª, às 15.00 e 21.30; sábados e domín-gos, às 16.00 e 21.30. Até 18 de Dezembro.
«D. JOÃO NO JARDIM DAS DELÍCIAS», de Norberto de Ávila. Encenação: Carlos Avilez.

Ritz Clube
R. da Glória, 57 — Tel. 32 51 40
De terça a domingo, às 21.30
«O BAILE». Pelo grupo A Barraca. Guião e en-cenação: Hélder Costa.

Villaret
Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00.
«O LEITINHO DO NENÉ», de Alfonso Paso. Adaptação: Henrique Santana. Encenação: Francis-co Nicholson. Intérpretes: Carlos Miguel, Maria Dulce, António Montez e Rui Luís, entre outros.

Teatro Nacional D. Maria II
Rossio — Tel. 37 22 46
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00
«FAUSTO — FERNANDO — FRAGMEN-TOS», de Fernando Pessoa. Encenação: Ricardo Pais. Música: António Emiliano. Cenários e figuri-nos: António Lagarto. Luzes: Orlando Worm. In-térpretes: António Rama, Carlos Pimenta, Fernanda Alves, Filipe Pais, João Perry, José Neves, José Wallenstein, Lúcia Maria, Luís Madureira e Maria Amélia Mata.

Teatro Vasco Santana
Av. da República, Feira Popular — Tel. 76 86 09
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos às 16.00
«HABEAS CORPUS», de Alan Bennet. Pelo Teatro Estúdio de Lisboa. Encenação: Luzia Maria Martins.

Amadora — C.D.I. Almeida Garrett
R. Santos Matos, 2 — Tel. 493 01 19
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«O PRÍNCIPE PERFEITO», de António Borges Coeího. Encenação: José Martins e José Peixoto. Música: António Victorino d'Almeida. Cenários: Acácio de Carvalho. Figurinos: Manuela Bronze. Coreografia: Wanda Ribeiro da Silva.

TIL — Teatro Infantil
R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74
Sábados, domingos e feriados

«A NUVEM QUE NÃO QUERIA CHOVER»
Estoril — Casino Estoril
Tel. 268 45 21
De 3.ª a domingo, às 21.30

«PIAF», de Pam Gems. Com: Bibi Ferreira. Tra-dução: Millôr Fernandes. Encenação: Flávio Ran-gel. Direcção musical: Nelson Melim. Cenários: Gianni Ratto. Figurinos: Kalma Murtinho.

Teatro Iberico
R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31
Sextas e sábados, às 21.30; domingos, às 17.00

«ORQUÍDEAS À LUZ DA LUA», de Carlos Fuentes. Encenação: Branco Xil. Com: Fernanda Montemor, Alina Vaz e Francisco Soromenho.

Teatro Municipal de São Luiz

R. António Maria Cardoso — Tel. 36 53 59
Às 21.30

«AMAZÓNIA ANOS 2000». Pela Companhia Projecto Cultural Brasil.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

Teatro da Cornucópia

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

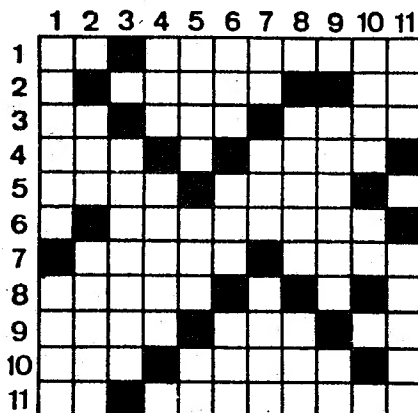
«A VIDA E MORTE DE BAMBA», de Lope de Vega.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 17 538

HORIZONTAIS:

- Nome de letra. Iremos para fora.
- Posto em liberdade. Em a.
- Preposição e artigo. Sadio. Habitante da Média.
- Uma das Ciclades. Costure.
- Paixão. Lavrem.
- Esgaños (pop).
- Tirai a pele a. Jarro (planta).
- Duras
- Estavam. Calote. Interjeição que exprime admiração.
- Seguiam. Coloca.
- Abreviatura de Santíssimo. Coches.



VERTICAIS:

- Margens. Monarcas.
- Trituro (inv). Crisol (pl).
- Restam.
- Solitários. Amofinam.
- Içar. Chefe etíope. Deus dos pastores.
- Sufixo que designa pequenez. Apelido. Coragem.
- Letra grega. Acredita. Ir para fora.
- Terceiro estômago das aves. Sufixo que designa abundância.
- Orçara. Actínio (s.q).
- Vaga. Apelido.
- Sadio. Nascentes de água.

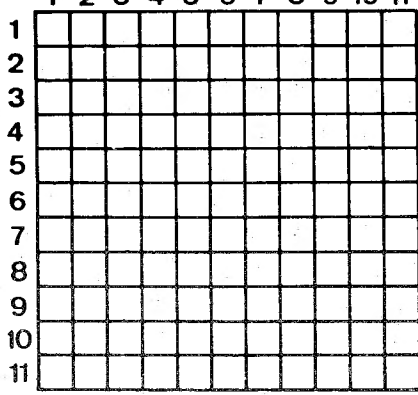
RESOLVEU...

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 352

HORIZONTAIS:

- Pessoas astutas.
- O mesmo que até. Bosque. Maior.
- Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Rio dos Estados Unidos. O mesmo que uma (ant. e pop).
- Roi. Ruim.
- Fio metálico. Madre.
- Despertaras.
- Dera mios. Peça da armadura que descia da cintura até aos joelhos.
- Nome de flor. Assassina.
- Tempo do verbo ser. Antiga capital da Birmânia. Sufixo que designa estado.
- A Tailândia. Uma das partes do Mundo.
- Abreviatura de Santíssimo Sa-cramento. Ecoas.



VERTICAIS:

- Prendera. Cidade de Itália.
- Afiat. Interjeição brasileira.
- Acometerias.
- Antes do meio-dia. Ternos.
- O sustento. Estavas.
- Rei da Baviera que, atacado de loucura, foi enclausulado no Castelo de Fustenberg. Anti-lharia antiaérea.
- Vai para fora. Colina na Suécia. Vossa Santidade.
- Grande ribeira da Ásia Russa. Enfiadas.
- Sua majestade. Bailarina ciga-na espanhola, já falecida. Pre-posição e artigo.
- Alternativa. Peixe do género siluro.
- Da Arábia. Curas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 537

HORIZONTAIS:

- QUEM. COSPE
- Ur. Acerai.
- Ero. Anaco.
- Lo. Amargo.
- Estragar. Li.
- Rm. Mecha.
- Ien. Moer.
- Pás. Aço.
- Arta. Abraça.
- Raer. Rã. Dão.
- Ao. Crás. Ais.

VERTICAIS:

- Queles. PARA.
- Urrós. Arão.
- Triste.
- Má. Arme. Arc
- CIMA. NA.
- Ce. Ag. CARA.
- Oraram. Obas.
- Sangrem.
- Pião. Cocada.
- LHE. CAI.
- Copiar. Aos.

PROVÉRBO: Quem cospe para cima, na cara lhe cai.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 351

HORIZONTAIS:

- Cura. Colara.
- Até. Paris.
- Rás. Opacos.
- Péra. És.
- Sina. Torna.
- Lerá. Pó. An.
- Írá. Caçar.
- Sá. Parados.
- Aio. Ro. Ad.
- Ornasse. Ema.
- Asas. Amoras.

VERTICAIS:

- Caro. Lisboa.
- Uta. Será. Rs.
- Respira. Ana.
- Ena! Pias.
- Porá. Caos.
- Capa. Par. Sá.
- Ora. Tocarem.
- Lição. Ado.
- Aso. Ro. Er.
- Sena. Sama.
- Ao. Sana. Dás.

Antena Um

17.00: Sete mares; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.25: Musical; 20.30: O som dos negócios; 21.00: O som dos negócios; 21.30: Imaginário. Notícias de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Terra viva, planeta azul; 17.30: Trechos de óperas e operetas; 18.40: Concerto, para oboé, harpa e orquestra de câmara, de Witold Lutoslawski; 19.00: Integrais; 19.35: Sinfonia, n.º 10, op. 93, em mi menor, de Dmitri Shostakovich; 20.40: Sonata, para violino e piano, n.º 1, op. 8, de Eduard Grieg; 21.00: Duas horas com Bela Bartok; 23.00: O canto e os seus intérpretes; 00.00: Ao serão, com música trovadoresca e contemporânea; 02.00: Música na madrugada em disco compacto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média

(283, 290 e 397m)

14.00: Musical; 17.00: Média alta; 20.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: As noites da Comercial; 03.00: Serviço nocturno. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo

15.00: Casa da música; 16.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Espaço Lubritex; 20.00: Espaço Inforal; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: Hora Akai; 01.00: Som da frente; 03.00: Serviço nocturno. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional

de OM e FM

15.00: Banda da amizade; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: A viagem continua; 20.00: Boa nova; 20.30: Conversa de amigos; 21.00: Sequência; 22.30: Bola branca; 23.30: Suplemento especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional

de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Alentejo em notícia; 19.20: Grande bazar.

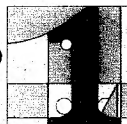
Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande Porto... informação; 20.00: Artistas do Grande Porto; 20.30: Porto de abrigo; 21.00: Palácio de Cristal.

Voz de Viseu

15.00: Tarde da Beira; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Viseu magazine. Notícias a todas as horas.

RTP



17.30 - Brinca Brincando

«O Urso Teddy», «Le Piaf», «A Galinha Pippa», «Hey Bumboo», «As Aventuras de Tim Tim» e «Tao Tao».

18.25 - Como Criar Espaços Verdes

6º Programa: «Parques e Jardins de Lisboa».

18.55 - Mãe e Filho

6º Episódio: Maggie não vê nada de errado em ter aspirações românticas. Visto ser maior e vacinada, acha que pode ter um namorado. Porém a sua família está preocupada e fica bastante surpreendida quando ela convida o seu novo namorado para a sua festa de aniversário.

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia

20.05 - O Tempo

20.10 - Boletim Agrário

20.15 - Passerelle

70º Episódio

20.55 - Em Busca do Arco-Íris

2º Episódio: Chris desafia os homens de negócios de Montreal ao tentar fazer ressurgir o Banco do pai. Cada vez mais envolvido com Paula, resolve fugir com ela. O sócio de Jake, Benny, sai da cidade, deixando-o com alguns bens de grande valor.

22.30 - 24 Horas

23.00 - Remate



16.55 - Helena

134º Episódio

17.25 - Trinta Minutos Com...

17.55 - História de uma Corça

19.00 - Music Box Especial

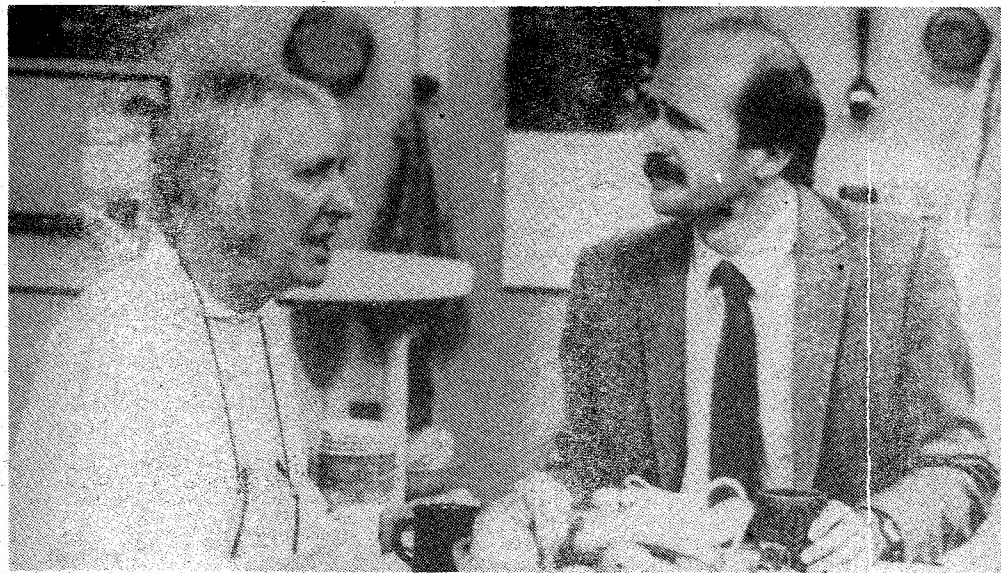
Com «Janet Jackson e Sammy Hager»

20.00 - No Limiar da Realidade

20º Episódio

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - O Sétimo Direito



No 1º canal às 18.55, o 6º episódio da série «Mãe e Filho»

13º episódio: Mãe e filha conversam entusiasmadas sobre Alberto que foi o escolhido para fazer um debate na TV. Alberto pensa no que há-de dizer e parte para o debate onde consegue tremendo sucesso.

22.00 - Conta Corrente

(Magazine de Economia)

22.25 - Ópera

«Maria Stuarda» Ópera em três actos, com libreto de Giuseppe Bardari e música de Gaetano Donizetti.

Intérpretes: Katia Ricciarelli, Glenys Linos, Linda Bond Perry, Vison Cole, Maurício Mazzieri, Stoyan Popov.

Participação do Coro da Ópera de Nice e Orquestra Filarmónica de Nice.

Direcção musical: Berislav Klobucar

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - Bom-Dia

10.00 - Às Dez

12.15 - Brega e Chique



O 13º Episódio da série «O Sétimo Direito», no 2º canal às 21.30

- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.27 - Bolsa do Porto
- 13.30 - Dallas
- 14.45 - Os Super Gatos
- 15.05 - Rock'n Roll Summi
- 16.05 - Animais de África
- 16.30 - Ponto por Ponto
- 17.30 - Brinca Brincando
- 18.15 - Romance da Raposa
- 18.50 - Mãe e Filho
- 19.30 - Telejornal
- 20.00 - Bolsa Dia a Dia
- 20.07 - O Tempo
- 20.10 - Boletim Agrário
- 20.15 - Passerelle
- 21.00 - Modelo e Detective
- 22.00 - Primeira Página
- 23.00 - Tribunal de Polícia
- 23.30 - 24 Horas
- 24.00 - Remate

RTP-2

- 15.01 - Filhos e Filhas
- 15.25 - Elogio da Leitura
- 15.50 - Primeiro Andamento
- 16.30 - Lá em Casa Tudo Bem
- 16.55 - Helena
- 17.30 - Trinta Minutos Com...
- 18.00 - Music Box
- (Via rápida)
- 19.00 - Music Box
- «Off the Wall»
- 19.55 - No Limiar da Realidade
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Maude
- 21.55 - CinemaDois
- 24.00 - Projecto Ibérica

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.

SR. CONDUTOR

Facilite às crianças o atravessamento da rua

ANO EUROPEU DA SEGURANÇA RODOVIÁRIA

LOEWE. seleccionou para si...

RTP 1

Passerelle

RTP 2

Music Box

Representante Continente e Ilhas

PORTO

Telef. 9515003

SGO

LISBOA

Telef. 777824

O ministro tailandês dos Negócios Estrangeiros já se encontra em Hanói para discutir com as autoridades vietnamitas o possível fim das intervenções de ambos os países no conflito do Camboja. Trata-se do primeiro debate entre os dois Governos, desde 1976, sobre aquele conflito, abrindo perspectivas de pacificação da área.



Totoloto foi só para um Totobola com "jackpot"

O Totoloto fez mais um milionário: um anónimo de Queluz acertou nos seis números sorteados sábado à noite e embolsará, só, os 55 277 646 escudos que estavam reservados para o primeiro prémio. Se no que respeita ao Totoloto esta é a grande notícia, sobre o Totobola ela não é menos aliciante: é que não houve totalistas, nenhum dos apostadores acertou nos treze resultados (nos símbolos dos treze desafios), pelo que na próxima semana teremos um «jackpot» de cerca de 40 mil contos, segundo as previsões dos serviços das Apostas Mútuas Desportivas.

Com cinco números certos, mais o «suplementar» (21), os serviços de escrutínio da Santa Casa apuraram doze apostadores, cabendo a cada um cerca de dois mil contos. Mais concretamente e em números: 1 939 566\$00.

O terceiro prémio contempla todos os apostadores que acertaram em cinco números (já agora, a «chave» do Totoloto: 4-6-11-14-33-31, mais o «21») com 109 374 escudos.

Todos estes resultados estavam apurados pouco antes do fim da manhã, prevendo-se que os prémios a atribuir aos apostadores que acertaram em quatro e três números venham a ser da ordem dos 1 500\$00 e 135 escudos, respectivamente. No primeiro casa há mais de 37 360 apostadores e, no segundo, para cima de 711 mil.

Quanto ao Totobola, os serviços de escrutínio da Misericórdia apuraram 23 concorrentes com doze resultados e 805 com onze.

Fugiu da cadeia deixando o irmão em seu lugar

Um recluso do Estabelecimento Prisional do Porto (Custódias) evadiu-se ontem deixando em seu lugar o irmão, muito parecido consigo embora não sejam gémeos.

A rocambolesca fuga verificou-se ontem durante a visita dos familiares aos detidos, que envolve normalmente mais de trezentas pessoas que, por turnos, vão sendo admitidas ao parlatório; uma sala comum e sem quaisquer divisões onde os presos se sentam à mesa com as visitas.

Luís José Barreto Soares Gomes, de 31 anos, a cumprir segunda pena por furtos, encontrava-se detido desde Junho último e recebeu ontem a visita do irmão Pedro Soares Gomes. Finda a visita o Luís José abandonou as instalações da cadeia e na portaria receberia o bilhete de identidade do Pedro, que ali ficara retido como é do regulamento com todas as visitas.

Entretanto o Pedro dirigiu-se para o interior das prisões e é um outro recluso que estranha o facto dele não conseguir dar com a «sua cela».

Julgando tratar-se de doença mental súbita chama um guarda prisional o qual levou bastante tempo a descobrir tratar-se de outra pessoa.

O Pedro acabaria por ficar preso e foi já esta manhã apresentado no Tribunal de Instrução Criminal acusado de prática do crime de tirada de presos previsto e punido pelo artigo 389 do Código Penal e susceptível de pena até cinco anos de prisão.

Entretanto, o Luís José está a ser procurado pelas autoridades policiais para ir fazer companhia ao irmão.

D/E/C/A/R/A/S/



MIGUEL CADILHE revela-se um ministro atento. Veja-se o caso de Pedro Caldeira que retoma hoje a sua vida na Bolsa de Lisboa depois de uma suspensão de 180 dias, devido à violação de normas relativas à sua actividade de corretor - é o jogo da bolsa e da vida. A história conta-se em poucas palavras: aquele corretor, tanto quanto foi apurado, não tinha no seu escritório um sistema de contabilidade organizado que permitisse o controlo da situação financeira e das suas relações com terceiros. Além do mais, a Inspeção-Geral da Finanças apurou ainda que se registavam alguns atrasos de vários meses em dezenas de operações nas liquidações de transacções já efectuadas. Curiosamente, esta «reintegração» de Pedro Caldeira verifica-se na altura em que circulam notícias de que um outro corretor, Taveira Mendes, está debaixo do olho das Finanças por crime idêntico ao do seu par já castigado. Tal deverá reforçar a tranquilidade de quem investe na Bolsa: o ministro não deixará os corretores porem o pé em ramo verde e abusarem da nossa ingenuidade. Trata-se de crimes graves, evidentemente. Coisas que ultrapassam em muito a simples obtenção de um juro baixo para compra de casa, uma isenção de sisa na aquisição de quatro assoalhadas nas Torres das Amoreiras, ou uma ligeira pressão sobre o «boss» dos cartões de crédito quando ele esquece que a um ministro não se olha a juros. É a semelhança entre um corretor e um «corrector»: pelos vistos nenhum deles sabe corrigir-se a si próprio... Incorríveis, com ou sem c antes do t?

Sindicatos Médicos declaram 1989 "ano de luta dos médicos contra Governo"

A Federação Nacional dos Médicos (FENAME) e o Sindicato Independente dos Médicos (SIM) declaram 1989 como o «ano de luta dos médicos contra a política do actual governo».

As formas de luta a prosseguir serão anunciadas a 14 de Janeiro, depois de aprovadas pelos órgãos sindicais competentes, o Conselho Geral do SIM e o Conselho Nacional da FENAME, em reuniões separadas, em Lisboa e Coimbra.

Estes foram os resultados oficiais do encontro de cinco horas que, no sábado, reuniu na sede do SIM, em Lisboa, as duas estruturas sindicais representativas dos médicos portugueses. O que ficou acordado entre elas, nesta reunião, vai manter-se «no mais rigoroso sigilo» até ao próximo sábado, afirmou António Bento, dirigente do SIM.

Embora exista um desejo comum de radicalizar a luta contra a política de Leonor Beza e do seu ministério, que, no entender tanto dos Sindicatos como da Ordem dos Médicos, tem encorajado e favorecido uma ingerência crescente na actividade profissional dos médicos de entidades e valores de carácter económico e financeiro completamente alheios ao exercício da medicina, haverá divergências quanto aos processos de luta a adoptar.

Enquanto que a FENAME se inclina mais para a realização de greves, o SIM privilegia a adopção de medidas que possam redundar em prejuízos económicos para o Ministério da Saúde.

Do encontro agendado para o próximo sábado, sairá um documento comum às duas estruturas sindicais com o calendário e especificação das formas de luta a prosseguir.

A.M.A. *Auto Monumental de Seguro*

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75